



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**A neurose obsessiva e sua dinâmica afetiva:
uma análise em narrativas de Calvino e Bowles.**

ELI ANTÔNIO CURY

Prof. Dr. Gabriel J. Chittó Gauer

Orientador

Rio Grande do Sul, 2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**A neurose obsessiva e sua dinâmica afetiva:
uma análise em narrativas de Calvino e Bowles.**

ELI ANTÔNIO CURY

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Dr. Gabriel J. Chittó Gauer

Rio Grande do Sul, 2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C982n Cury, Eli Antônio
A neurose obsessiva e sua dinâmica afetiva : uma análise em narrativas de Calvino e Bowles / Eli Antônio Cury. – Porto Alegre, 2011.
101 f.

Diss. (Mestrado em Psicologia Clínica) – Fac. de Psicologia Clínica, PUCRS.
Orientador: Prof. Dr. Gabriel J. Chittó Gauer.

1. Psicologia Clínica. 2. Psicanálise. 3. Neurose.
4. Transtorno Obsessivo-Compulsivo. I. Gauer, Gabriel J. Chittó.
II. Título.

CDD 616.8917

**Ficha Catalográfica por Vanessa Pinent
CRB 10/1297**

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autor: Eli Antônio Cury

Título: A neurose obsessiva e sua dinâmica afetiva: uma análise em narrativas de Calvino e Bowles

Data da Apresentação: 25/08/11

Examinadores:

Dr. Gabriel J. Chittó Gauer

Presidente – Professor Adjunto do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Dr^a Hericka Zogbi Jorge Dias (UFSM, RS)

Dr^o Luiz Ricardo Michaelsen Centurião (UFRGS)

“É difícil dar vazão a alguém que não quer saber nada das obscuridades que o assediam, e que, sem tomar verdadeiramente a palavra, com medo de comprometer-se, espera obter, inocentemente, da própria linguagem, que não pertence a ninguém, a criação de um sentido mais precioso.”

Octave Mannoni (1992, pp. 47)

Dedico este trabalho a Helena Ofélia Maia (in memoriam), companheira em todos os momentos, com quem celebrar a vida era sempre uma alegria, seu olhar perseguia o singelo, o puro, a vida. Não se ressentia com o sucesso alheio, e muito embora fosse tão repleta de virtudes, também não lhe fazia mal ser tão excelente, porque encontrava a riqueza onde ela de fato está: no ser humano. Alguém tão nobre podia ter vivido um tanto mais, porém, sua partida fosse quando fosse, sempre deixaria nos que “ficam” o desejo de um pouco mais...”

AGRADECIMENTOS

A minha “fiel escudeira”, Iranildes Ferreira Luz, amiga rara. Em seu nome está contido uma verdade sobre sua pessoa, não importa quão densa é a tempestade, sua iluminação interior serve como farol.

Ao amigo Charles Ribeiro de Sousa, companheiro de mestrado, presente durante a jornada na qual fora produzido este trabalho, ouvindo minhas ideias e compartilhando a paixão que, nas escavações teóricas me propunha, em busca de preciosidades.

Ao meu orientador, Professor Drº. Gabriel J. Chittó Gauer, amplo aspecto cultural, formação sólida, consegue transferir seu profuso saber, em busca do avanço da ciência.

SUMÁRIO

TABELAS	01
INTRODUÇÃO	02
METODOLOGIA	06
Escolha do Tema	06
Delineamento da pesquisa	07
Instrumentos	07
Aparatos	07
Procedimento para Coleta de Dados	07
Procedimentos para Análise de Dados	08
CAPÍTULO I: Contribuições da Psicanálise para o estudo da Neurose Obsessiva	09
Contribuições de Sigmund Freud	10
Contribuições de Angel Garma	24
Contribuições de Otto Fenichel	31
Contribuições de André Green	34
Contribuições de J. P. Chartier	37
CAPÍTULO II: O Cavaleiro Inexistente - Agilulfo imerso na Neurose Obsessiva Masculina	42
CAPÍTULO III: Duas damas bem comportadas – a senhorita Goering imersa na Neurose	
Obsessiva Feminina	61
RESULTADO	77
DISCUSSÃO	79
CONCLUSÃO	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	92
ANEXO	100
Anexo 1 Aprovação da Comissão Científica	101

Resumo

Este estudo é concernente a neurose obsessiva e sua dinâmica afetiva: Uma análise em narrativas de Calvino (2001) e Bowles (1943/1984). O objetivo geral foi investigar os aspectos presentes na dinâmica afetiva da neurose obsessiva. Para realizar a pesquisa foram feitos levantamentos bibliográficos dos clássicos que tratam do tema da neurose obsessiva pelo viés psicanalítico; o delineamento desse estudo é qualitativo documental. Os dados foram organizados por meio de elaboração de fichas e analisados segundo a hermenêutica. A presente pesquisa se justifica pela relevância acadêmica, pois existe a necessidade de produzir conhecimento sobre o assunto, haja vista que essa temática possui poucos estudos, principalmente sobre os aspectos da dinâmica afetiva da neurose obsessiva, ainda não compreendido em todas as suas dimensões; tanto quanto por permitir uma possível reflexão aos profissionais que atuam na clínica no manejo de pacientes acometidos da neurose obsessiva. Os principais resultados foram: ambivalência infiltrada, dúvida, necessidade de controle, pobreza afetiva, pensamento mágico, rituais de fazer e desfazer, confusão entre pensamento e ação, degradação do desejo em necessidade.

Palavras-chave: Neurose obsessiva, compulsão, rituais, psicanálise.

Abstract

Cury, E. A. ; Guaer, G. J. C. (advisor). THE obsessive neurosis and its dynamic affective: an analysis of narratives of Calvino (2001) and Bowles (1943/1984). Clinical Psychology, post-graduate studies, Institute of Human Sciences. PUC – Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul - RS.

This study is concerned with obsessional neurosis and emotional dynamics: A narrative analysis of Calvino (2001) and Bowles (1943/1984). The overall objective was to investigate the affective aspects present in the dynamics of obsessional neurosis. To conduct the research were made of classic literature dealing with the theme of obsessional neurosis by psychoanalytic perspective; the design of this study is qualitative document. Material organized through production of charts and analyzed following the hermeneutic. This research is justified by the academic relevance, as there is a need to produce knowledge on the subject given that this subject has few studies; mainly on the affective aspects of the dynamics of obsessional neurosis, not yet understood in all its dimensions, as well as to allow a possible reflection to professionals working in clinical in the management of patients suffering from obsessional neurosis. The main outcomes were: infiltration ambivalence, doubt, need for control, emotional poverty, magical thinking, degradation for desire in need, doing and undoing rituals, confusion between thought and action.

Key words: obsessive neurosis, compulsion, rituals, psychoanalysis.

TABELAS

Tabela 1 - Quadro de contribuições de autores psicanalistas no estudo da Neurose Obsessiva	09
Tabela 2 - Contribuições de J. P. Chartier para a clínica da neurose obsessiva e os sintomas/vertentes, Seleccionados em: O cavaleiro inexistente (Calvino) e Duas damas bem comportadas (Bowles).	80

INTRODUÇÃO

Com a presente dissertação, pretende-se difundir a respeito da neurose obsessiva, utilizando como referencial teórico a psicanálise e recorrendo a obras literárias, particularmente a seus protagonistas para maior compreensão da temática. Acredita-se que esse movimento pode ser realizado, mediante a ilustração desse sofrimento psíquico, por meio da literatura, na recorrência a duas obras importantes da narrativa moderna.

Trata-se de dois romances: *O cavaleiro inexistente*, de Italo Calvino, e *Duas damas bem comportadas*, de Jane Bowles. No primeiro, o escritor, de expressão italiana e origem cubana, descreve uma espécie de panorama medieval, no estilo dos romances de cavalaria, para apresentar o personagem Agilulfo Emo Bertrando dos Guildiverni e dos Altri de Corbentraz e Sura, Cavaleiro de Selímpia Citeriore e Fez. Segundo a hipótese defendida neste trabalho, perpassam no discurso desse personagem, em seus diálogos e no funcionamento que lhe é atribuído ao longo da narrativa, características remontáveis à estrutura da chamada neurose obsessiva. A relação desse protagonista com a mencionada neurose é explanada no segundo capítulo deste estudo, no qual tal aspecto é demonstrado com base em textos de Freud e outros pensadores da psicanálise, assim como mediante partes da narrativa supracitada.

No tocante ao romance *Duas damas bem comportadas*, pode-se apreender um pouco sobre a vivência de uma mulher e sua relação com o pecado, com sua tentativa de ter a vida como algo que lhe causava culpa, mas, ao mesmo tempo, com uma possibilidade constante de expiação e conseqüente santificação. Assim, no terceiro capítulo, discorre-se acerca dessa personagem, de como ela luta por determinada condição imaculada, que se relaciona com a neurose obsessiva e, destarte, com constante dúvida torturante.

Acima de tudo, o que é feito é um mergulho nas narrativas, pela ambição de rastrear o que os próprios textos apresentam de vinculável à neurose obsessiva em suas características discursivas e modos de funcionamento.

Assim, no Capítulo 1, tece-se um painel do desenvolvimento freudiano acerca da neurose obsessiva e é feita certa retomada de alguns estudiosos do assunto, tais como: Angel Garma (1960) pela sua grande obra acerca do tema intitulada *Sadismo y masoquismo em la conducta humana*; Otto Fenichel (1998) por seu estudo chamado, *Teoria psicanalítica das neuroses*, que traz uma condensação da doutrina

psicanalítica focada no estudo dessas afecções, André Green (2005) pela sua crítica psicanalítica, que engloba o estudo da literatura e A teoria do afeto, por fim Chartier (2006) no que concerne aos aspectos do atendimento clínico à referida neurose. Em seguida, em cada Capítulo, conforme observado, fala-se de cada romance. Realizadas essas passagens, aporta o trabalho ao esboço conclusivo sobre os devidos trâmites que aqui se almeja vislumbrar entre a literatura e a psicanálise.

No que tange a Neurose Obsessiva propriamente dita, atualmente tem sido designada, em termos psiquiátricos, por Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), tanto pela CID-10, quanto pelo DSM-III R (1989) e DSM-IV-TR (2003). O TOC se caracteriza pela necessidade egodistônica (qualquer coisa inaceitável para o ego) de realizar rituais de forma compulsiva, com o objetivo de aliviar a ansiedade provocada por pensamentos obsessivos. A denominação TOC, da Associação Americana de Psiquiatria, tem relação com a busca de criar um manual diagnóstico não vinculado à nenhuma teoria. Em decorrência disso, ao mostrar que nos manteremos no referencial teórico vinculado à psicanálise, utilizaremos, por conseguinte, a denominação neurose obsessiva termo consagrado na psicanálise para definir tal transtorno. Portanto, a partir desse momento, padronizam-se, neste estudo, o conceito e as características do que é denominado neurose obsessiva. Nesse sentido, utiliza-se como fonte o Vocabulário da Psicanálise de Laplanche e Pontalis (1999).

“Neurose obsessiva: Classe de neuroses definidas por Freud e que constituem um dos principais quadros da clínica psicanalítica. Na forma mais típica, o conflito psíquico exprime-se por sintomas chamados compulsivos (ideias obsedantes, compulsão a realizar atos indesejáveis, luta contra esses pensamentos e estas tendências, ritos conjuratórios, etc...) e por um modo de pensar caracterizado particularmente por ruminação mental, dúvida, escrúpulos, e que leva a inibições do pensamento e da ação. Freud definiu sucessivamente a especificidade etiopatogênica da neurose obsessiva do ponto de vista dos mecanismos (deslocamento do afeto para representações mais ou menos distantes do conflito original, isolamento e anulação retroativa); do ponto de vista da vida pulsional (ambivalência, fixação na fase anal e regressão); e, por fim, do ponto de vista tópico (relação sadomasoquista interiorizada sob forma de tensão entre o ego e um superego particularmente cruel). Esta elucidação da dinâmica subjacente à neurose obsessiva e, por outro lado, a descrição do

caráter anal e das formações reativas que o constituem permitem ligar à neurose obsessiva quadros clínicos em que os sintomas propriamente ditos não são evidentes à primeira vista.” (LAPLANCHE J.; PONTALIS, 1998, p.313).

Na perspectiva psicanalítica, segundo é possível verificar pelo artigo de Freud chamado “Atos obsessivos e práticas religiosas”, as pessoas que praticam atos obsessivos ou cerimoniais pertencem à mesma classe das que sofrem em pensamento, ideia, com impulsos obsessivos e afins (FREUD, 1996). Não se deve conjecturar, entretanto, que essa denominação descreva toda a natureza da enfermidade de que se pretende falar, pois, rigorosamente, outras espécies de fenômenos mentais mórbidos podem apresentar características “obsessivas”. Levando isso em conta, parece interessante ressaltar uma proposta feita pela psicanalista Lúcia Alves Mees (1999), no texto “A neurose obsessiva”, em que afirma ser característica da neurose em tela, diferenciando-a da histeria, a resistência às mudanças. O obsessivo “não brande bandeiras de inovações nem contesta o vigente. Ao contrário, demanda uma ordem e repetição que anseia o absoluto. A totalidade é seu lema” (MEES,1999, p. 38). No entanto, mesmo assim, o projeto do obsessivo, como são, os visados por meio das neuroses, tende ao fracasso, em virtude do forte sentimento de culpa que o domina e fornece determinada base para sua tendência aos rituais.

Esse sentimento de culpa permeia a vida do neurótico obsessivo, até porque, em muitos casos, os indivíduos não se veem portadores dessa patologia. Quando há sofrimento psíquico no nível de consciência, procuram ajuda profissional para tentar compreender o que ocorre com eles e, desta forma, romper o círculo doentio da obsessão. Em muitos casos, porém, essa procura permanece em terrenos escuros, por falta de conhecimento sobre o assunto.

Segundo Chachamovich e Fetter (2005), existe um volume menor de estudos e publicações sobre a neurose obsessiva se comparado ao volume de estudos sobre histeria, evitativos, *bordeline* e outros. Enfatizam-se também as dificuldades significativas para tratar o paciente acometido pela Neurose Obsessiva, no que diz respeito à intensidade das resistências que são mobilizadas pelos desafios técnicos. Essa dificuldade é pontencializada pela falta de pesquisa sobre a temática.

Considerando, pois, a relevância acadêmica deste tema, pretende-se que a presente investigação contribua para o manejo clínico seja no diagnóstico promovendo o debate sobre sintomas específicos da Neurose Obsessiva, seja também na intervenção

psicoterápica, uma vez que esse trabalho pode colaborar gerando, habilidades e conhecimentos para tratar o sofrimento psíquico do neurótico obsessivo. Para iniciar a reflexão pretendida, no capítulo 1, aborda-se o desenvolvimento freudiano sobre o tema em foco.

METODOLOGIA

Escolha do Tema

O interesse em realizar este trabalho foi estudar a dinâmica afetiva da neurose obsessiva por revisão teórica recorrendo ao enfoque psicanalítico, segundo as concepções de Freud, Fenichel, Garma, Green, e Chartier, e recorrendo a obras literárias, particularmente a seus protagonistas para maior compreensão da temática.

A motivação para a escolha dessa afecção está na seguinte afirmação de Freud (1925/1996, p.136): “A neurose obsessiva é indubitavelmente o tema mais interessante e compensador da pesquisa psicanalítica”. Vale ressaltar, que se recebe na clínica número expressivo de pacientes acometidos dessa afecção, portanto, ao longo da profissão, percebi a necessidade de compreender melhor a dinâmica afetiva apresentada na Neurose Obsessiva.

Embora, existam diversos casos clínicos que poderiam ajudar na construção deste trabalho, visando respeitar o sigilo garantido ao paciente em atendimento, principalmente porque a configuração de cada caso apresenta realidades dilacerantes que tornam peculiar o sofrimento do paciente, optou-se, por personagens que alegorizam analogamente o drama vivido pelo neurótico obsessivo, para tanto, foram escolhidas duas obras literárias. Uma delas *O Cavaleiro Inexistente* (Calvino, 1993), que mostra a dinâmica da neurose obsessiva masculina, com ênfase na armadura defensiva. Na descrição detalhada da capa do personagem de Agilulfo, na ritualística em uma não efetuada noite de amor, em virtude de sua fuga do contato com as emoções, em seu excessivo formalismo, perfeccionismo e grande escrúpulo moral, vê-se que a obra de Calvino traz um texto narrativo exemplar para falar de todos esses aspectos no que tange a neurose obsessiva.

Selecionou-se, também, o romance *Duas Damas Bem Comportadas* (Jane Bowles, 1984), que caracteriza a dinâmica da neurose obsessiva feminina. Nesse caso, a procura pela santidade efetuada pela personagem, a configuração de uma religião pessoal e a incidência constante da dúvida sufocante fazem crer que a narrativa de Bowles também é muito fecunda para o fornecimento de material, acerca da citada neurose e seus mecanismos.

Delineamento da pesquisa

O delineamento é qualitativo documental, de análise textual (literária) sustentada pelo referencial psicanalítico. Nesse estudo, não ocorreu à participação direta de seres humanos, uma vez que se propôs como método a revisão teórica da temática em questão. Foi essa fundamentação que possibilitou as hipóteses diagnósticas dos personagens principais das obras literárias *O Cavaleiro Inexistente* (Calvino, 1993) e *Duas Damas Bem Comportadas* (Jane Bowles, 1984), principalmente por constituírem caricaturas da Neurose Obsessiva.

Instrumentos

Para identificação da sintomatologia característica da Neurose Obsessiva foram escolhidos os protagonistas das obras literárias *O Cavaleiro Inexistente* (Calvino, 1993) e *Duas Damas Bem Comportadas* (Jane Bowles, 1984), por preencherem o quadro para hipótese diagnóstica da referida afecção.

Aparatos

No decorrer da investigação, diferentes recursos de pesquisa foram utilizados de acordo com as exigências de cada etapa do processo, como, por exemplo: computador, impressoras, papel, caneta e livros.

Procedimento para Coleta de Dados

Os dados foram coletados durante revisão bibliográfica extensa, realizada em todo o processo de escrita do trabalho, até a elaboração final da dissertação. Essa fase envolveu coleta de dados na literatura, no que concerne ao estudo psicanalítico, teórico e clínico da neurose obsessiva nos seus contrastes, nas especificidades relacionadas a homens e mulheres. Em um segundo momento, utilizou-se dos resultados da revisão bibliográfica para análise dos protagonistas das obras literárias *O Cavaleiro Inexistente* (Calvino, 1993) e *Duas Damas Bem Comportadas* (Jane Bowles, 1984). Em seguida, por meio de leituras e releituras dos dados obtidos, para imersão nos conteúdos e a assimilação destes, seguindo para o diagnóstico dos sintomas com maior incidência,

personificados nos referidos personagens, que convergem na representação da neurose obsessiva. Os resultados foram examinados segundo a hermenêutica psicanalítica e da psicopatologia dinâmica: áreas envolvidas na descrição e compreensão deste fenômeno psíquico: a neurose obsessiva.

Procedimentos para Análise de Dados

Para análise de Agilulfo, personagem principal da obra *O Cavaleiro Inexistente* (Calvino, 1993) e de Christina Goering, uma das personagens principais da obra *Duas Damas Bem Comportadas* (Jane Bowles, 1984), fora feita, repetidas vezes, a leitura flutuante, sem privilegiar quaisquer conteúdos previamente. Procurou-se utilizar as ferramentas de análise de discurso provenientes da hermenêutica psicanalítica. Os dados foram colhidos por repetição e relevância, possibilitando a construção de fichas de cada obra lida. Por meio da revisão teórica, as principais características bem como a sintomatologia necessária para classificação da Neurose Obsessiva serviu num segundo momento para análise das disfunções psicoafetivas de ambos protagonistas. Desse modo, tornou-se coerente o processo de escrita da dissertação.

CAPÍTULO I

Contribuições da Psicanálise para o estudo da Neurose Obsessiva

Embora existam diversos trabalhos oriundos de vários enfoques investigando a Neurose Obsessiva, nos deteremos aos estudos e contribuições advindas da psicanálise. Tal método de investigação se baseia na atenta observação às minúcias, reticências da fala, os sintomas, as repetições, sonhos, atos falhos e atenção às suas principais descobertas que comoveram o mundo científico, a existência da inconsciência e sua determinação psíquica na constituição do sujeito (DELORENZO, 2007).

Freud, pioneiro na distinção desta afecção, encontrou motivos para entendê-la como autônoma e independente, separada para investigação particular em 1894. Seguidamente, foco de estudos de outros psicanalistas cujas contribuições foram significativas para o avanço no entendimento da sintomatologia e tratamento. Conforme a Tabela 1 são contempladas as ideias principais de Freud, Angel Garma, Otto Fenichel, André Green e Chartier.

Tabela 1 – Quadro de contribuições de autores psicanalistas no estudo da Neurose Obsessiva

Autor	Obras principais	Ano	Contribuições
Sigmund Freud	<i>Notas sobre um caso de Neurose Obsessiva (O homem dos Ratos)</i>	1909	Reconhecimento da afecção durante o desenvolvimento psicosexual; características gerais e peculiaridades psicológicas.
Angel Garma	<i>Sadismo y masoquismo em la conducta humana.</i>	1960	Psicanálise dos sintomas obsessivos.
Otto Fenichel	<i>Teoria psicanalítica das neuroses</i>	1998	Condensação da doutrina psicanalítica focada no estudo das afecções
André Green	<i>O Discurso Vivo.</i>	1982	Teoria psicanalítica do afeto.
	<i>O Desligamento.</i>	2005	Investigação psicanalítica da antropologia e literatura.
J. P. Chartier	<i>Estruturas neuróticas.</i>	2006	Aspectos do atendimento clínico; análise das estruturas neuróticas.

Contribuições de Sigmund Freud

Sigmund Freud, judeu-austríaco, médico neurologista, criador da teoria psicanalítica. Sua produção foi reunida em vinte e quatro volumes, sem contar seus trabalhos pré-psicanalíticos e sua correspondência. Grande parte de sua obra provém da investigação clínica, dentre as quais destacamos as produções sobre a Neurose Obsessiva.

No seu artigo intitulado “Obsessões e Fobias”, Freud (1893/1899, p.79), afirma que, nos neuróticos, em geral são encontradas síndromes como as de “obsessões” e de “fobias”. Já se sabe que dois correspondentes são encontrados em toda obsessão: primeiramente, uma representação que se impõe ao paciente, e em segundo lugar, um estado emocional associado. Nas obsessões em que encontram-se, além da “angústia”, outras situações emocionais, como a dúvida, o remorso ou a raiva caracteriza-se a chamada obsessão verdadeira. Sempre é possível que se apreenda na história prévia do paciente, quanto ao início da obsessão, a representação original que foi substituída. Todas as representações substituídas demonstram atributos comuns. Elas correspondem a experiências realmente penosas na vida psicosexual do sujeito, as quais ele se esforça por esquecer. O paciente pode meramente substituir uma representação incompatível por outra mal adaptada, para associar com o estado emocional, que, por sua vez, permanece inalterado. É essa “falsa ligação” (*mésalliance*)¹ entre o estado emocional e a representação associada que explana os disparates tão característicos das obsessões. No presente trabalho, o interesse é ter em vista as obsessões verdadeiras.

Em alguns casos relatados por Freud (Ibid, p.80-83), a representação original (incompatível) foi substituída por outra: a representação substituta. Em outros casos apresentados, a representação original foi substituída, mas não por representação distinta. A substituição foi feita por atos ou impulsos, que operaram inicialmente como medidas de alívio ou como procedimentos protetores, agora grotescamente vinculados a um estado emocional inadequado. Permaneceu inalterado e continuou a ser tão justificável quanto em sua gênese.

¹Falsa ligação é uma substituição que ocorre mediante o recurso a outras representações – os substitutos são por vezes deformações burlescas para poderem se adaptar ao humor ou afeto que permanece inalterado – e, no contexto da psicose, há um sucesso na defesa ao custo de um desligamento da realidade (Martello, 2010).

Sobre o processo de substituição, Freud afirma o seguinte: a substituição parece expressar uma predisposição mental específica, herdada. A “hereditariedade similar” é encontrada frequentemente nos casos obsessivos e na histeria. O sintoma obsessivo específico, muitas vezes, é visível em membros da família desse tipo de paciente. Qual o motivo da substituição? Pode ser considerada não exatamente como um ato de defesa do ego contra a representação incompatível. Há casos clínicos relatados por Freud (1893/1899, p.81-83), em que alguns pacientes recordaram do esforço deliberado de banir a representação ou recordação aflitiva do campo da consciência. Em outros contextos, a expulsão da representação incompatível é processada de modo inconsciente, não deixando traço na memória da pessoa.

Um dos principais casos clínicos emblemáticos tratado por Freud é o do homem dos ratos. Foi nomeado dessa forma por ser este seu principal sintoma. Ele temia de forma aterrorizante que os ratos adentrassem no ânus das pessoas amadas (a empregada, a dama que ele conhecera, o pai). Esse fantasma é apenas a expressão de um sintoma da ideia recalçada por ele. Cabe salientar que Lanzer (homem dos ratos) era filho de um suboficial do exército, cargo que garantiu a seu pai um poder de autoridade e ostentação e uma postura severa em relação aos filhos.

Lanzer acreditava que o pai era um homem honrado, o que foi questionado, por duas grandes descobertas. A primeira foi saber que seu pai se casou por conveniência, buscando uma mulher rica. Isso gerou um conflito em relação à mulher “rica” e mulher “pobre”. Esse conflito encontra-se no cerne de sua família. O pai de Lanzer tenta repetir sua história por meio do filho, tentando casá-lo com uma mulher abastada. Esse fato permite o desenvolvimento da obsessão fantasmática, caracterizada pelo medo de que seus entes amados sofressem torturas.

A segunda descoberta foi o fato de que seu pai perdera em uma mesa de jogo uma quantia em dinheiro pertencente aos seus subordinados que ele guardava. Como forma de solucionar o problema e ressarcir os amigos, o suboficial, tomou um empréstimo a um amigo próximo, que posteriormente desapareceu sem receber a dívida do pai de Lanzer (homem dos ratos). Ao devolver o dinheiro dos subordinados, o pai salva a própria imagem social, mas não a honra em sua carreira. Após sua morte, Lanzer se apodera da dívida impagável do seu progenitor, o que também deflagra a sua obsessão. Encontra-se nesse caso a estrutura da neurose de Lanzer: ambivalência afetiva, onipotência do pensamento mágico, dúvida, anulação, isolamento e ideias de morte. Um caso que gira em torno da linguagem verbal, apenas por meio das palavras.

Para melhor ilustrar esse caso, passa-se a especificar os componentes dessa obsessão. Lanzer (homem dos ratos), em seus primeiros anos de vida tocou partes íntimas de sua empregada (com a permissão dessa), o que pode ter potencializado a sua pulsão sexual, com o desejo de olhar mulheres nuas, como resultado dessa pulsão. Compreende-se que esse desejo corresponde à ideia obsessiva ou compulsiva posterior. Nessa fase, o ego ainda não se opõe ao desejo, portanto não o encara como um fato estranho a si.

Freud (1909) relatou que, ao iniciar a análise, esse paciente acreditava que o fato descrito era a mola propulsora para o desenvolvimento de sua obsessão. O autor ressalta, porém, que nessa fase a neurose obsessiva compulsiva já havia se instalado. Lanzer apresentou um desejo obsessivo e ao seu lado localizava-se o medo obsessivo. Sempre que tinha o desejo (de ver mulheres nuas ou tocá-las), temia que algo ruim lhe pudesse acontecer como, por exemplo, a morte do pai ou que seus entes queridos fossem torturados. Esse medo é o aspecto manifesto da neurose. Freud faz uma reflexão sobre os mecanismos da neurose obsessiva compulsiva e que se apresentam no caso de Lanzer:

“Em consequência, achamos o seguinte: um instinto erótico e uma revolta contra ele; um desejo que ainda não se tornou compulsão e, lutando contra ele, um medo já compulsivo; um afeto aflitivo e uma impulsão em direção aos atos defensivos. O inventário da neurose alcançou sua amostragem completa. Com efeito, alguma coisa mais está presente, ou seja, uma espécie de *delírio* ou *delirium* com o estranho conteúdo de que seus pais conheciam seus pensamentos, porque ele os expressava em voz alta, sem escutar a si próprio. Não estaríamos nos extraviando muito se supusemos que, fazendo esse esboço de explicação, a criança tinha alguma suspeita daqueles notáveis processos mentais que descrevemos como inconsciente e que não podemos desprezar se desejamos esclarecer cientificamente esse obscuro assunto. ‘Expresso em voz alta meus pensamentos, sem ouvi-los (Lanzer)’ soa como projeção no mundo externo de uma hipótese de que ele tinha pensamentos sem nada conhecer a respeito deles; soa como uma percepção endopsíquica daquilo que foi reprimido.” (FREUD, 1909, p.147-148).

Faz-se necessário compreender a natureza e o mecanismo da neurose obsessiva. Pela sua natureza há de considerar que as vivências sexuais da primeira infância têm na

etiologia da neurose obsessiva a mesma importância que na histeria. Aqui, contudo, não se trata mais de passividade, mas de atividade sexual vinculada a atos de agressão executados com prazer e à participação prazerosa.

Como ainda não podia fornecer uma explicação definitiva sobre a etiologia da neurose obsessiva, Freud dizia ter a impressão de que, para a emergência da histeria ou da neurose obsessiva, o fator decisivo eram os traumas na infância e as circunstâncias cronológicas no desenvolvimento da libido.

As ideias obsessivas são, invariavelmente, autoacusações transmutadas, que reemergiram do recalçamento e sempre se vinculam a algum ato sexual desempenhado com prazer na infância.

Freud descreve o curso típico tomado por uma neurose obsessiva. Em um primeiro período – o da imoralidade infantil – acontecem os eventos que contêm o germe da neurose posterior. Na mais tenra infância, ocorrem as experiências de sedução sexual, que mais tarde tornarão possível o recalçamento e, então, sobrevêm os atos de agressão sexual contra o outro sexo. Tais atos aparecerão posteriormente, sob a forma de outros atos, que abarcam a autoacusação. Esta fica ligada à lembrança dessas ações prazerosas; e a conexão com a experiência inicial passiva torna-se plausível.

O período seguinte da doença é caracterizado pelo retorno das lembranças recalçadas, ou seja, pelo fracasso da defesa. As reminiscências são reativadas e as autoacusações delas decorrentes nunca ressurgem inalteradas na consciência. O que se torna consciente, na forma de afetos obsessivos, substituindo as lembranças patogênicas relativas à atividade consciente são estruturas da ordem de uma formação de compromisso entre as representações *recalçadas e recalçadoras*.

Segundo Freud, há duas formas de neurose obsessiva: a primeira inclui as representações obsessivas típicas, nas quais o conteúdo retém a atenção do paciente. No plano do afeto, o indivíduo sente apenas um desprazer indefinido. O único afeto apropriado à representação obsessiva seria uma autoacusação. Uma segunda forma da neurose obsessiva ocorre quando aquilo que força a representação na vida psíquica consciente não é o conteúdo mnêmico recalçado, mas a igualmente recalçada autoacusação. O afeto da autoacusação pode, por meio de algum acréscimo mental, transformar-se em qualquer outro afeto incômodo. Quando isso acontece, não há mais nada que impeça o afeto e o que foi posto no lugar do primeiro tornar-se consciente. Assim, a autoacusação advinda do ato sexual na infância ou da fantasia acerca deste pode facilmente transformar-se em vergonha (de que alguém o descubra); em angústia

hipocondríaca (medo de danos físicos decorrentes do ato que envolve a autoacusação); em angústia social (medo de ser socialmente punido pelo delito); em angústia religiosa; em delírios de ser observado (medo de delatar-se pelo ato ante outras pessoas) ou em medo de tentação (justificada desconfiança quanto a seus próprios poderes de resistência), etc.

A neurose obsessiva edifica um conjunto de variados sintomas com diferentes gêneses, pois o ego busca rechaçar os derivados da lembrança inicialmente recalcada e, nesse embate defensivo, são gerados traços que poderiam ser conjuntamente classificados como *defesa secundária*. Tudo isso constitui medidas protetoras, acionadas contra as representações e afetos obsessivos. Quando esses auxiliares da luta defensiva conseguem genuinamente recalcar, mais uma vez, os sintomas do retorno do recalcado, impostos ao ego, a obsessão é transferida para as próprias medidas protetoras e engendra um terceiro modo de neurose obsessiva – as *ações obsessivas*. Essas nunca são primárias e contêm somente uma defesa – nunca uma agressão. A defesa secundária contra as representações obsessivas pode ser efetuada por um intenso desvio para outros pensamentos de conteúdo tão contrário quanto for possível. O paciente tenta controlar, ele próprio, cada uma de suas representações obsessivas, exclusivamente mediante trabalho lógico e pelo recurso às suas recordações conscientes. Isso leva a um pensamento obsessivo, a uma compulsão a testar coisas e à mania de duvidar. A defesa secundária contra os afetos obsessivos ainda leva a um conjunto muito mais amplo de medidas protetoras passíveis de se transmudarem em atos obsessivos. São eles: medidas penitenciais (cerimoniais opressivos, observação de números); medidas de precaução (toda sorte de fobias, superstição, minuciosidade, aumento do sintoma primário de consciência); medidas relativas ao medo de delatar-se (coleccionar pedaços de papel, isolar-se) e, por fim, medidas para garantir o entorpecimento da mente (dipsomania), (FREUD, 1893/1899, p.171- 173).

Há casos em que é possível observar como a obsessão é transferida da representação ou do afeto para a medida protetora. Em outros, a obsessão oscila periodicamente entre o sintoma do retorno do recalcado e o sintoma da defesa secundária, uma terceira possibilidade são os casos em que não há representação obsessiva construída, mas, ao invés disso, a lembrança recalcada é imediatamente representada pelo que é, aparentemente, uma medida primária e defensiva. Os casos graves desse distúrbio culminam na fixação das ações cerimoniais – ou em um estado generalizado de mania de duvidar ou em uma vida de excentricidades determinada pelas

fobias, (Ibid; p.173). Essas fixações cerimoniais, entretanto, podem também estar relacionadas a práticas religiosas.

As pessoas que desenvolvem atos obsessivos ou cerimoniais pertencem à mesma classe dos que sofrem de pensamento obsessivo, ideias e impulsos obsessivos, dentre outros. Isso, em conjunto, constitui uma entidade clínica especial, que comumente se denomina “neurose obsessiva” (*Zwangs-neurose*). “Mas não devemos tentar inferir de tal denominação a natureza da enfermidade, pois, a rigor, também outras espécies de fenômenos mentais mórbidos podem possuir características ‘obsessivas’” (FREUD, 1906/1908, p.109).

Os cerimoniais neuróticos são constituídos por pequenas alterações em certos atos cotidianos, em pequenos acréscimos, restrições ou arranjos, que devem ser sempre realizados em uma mesma ordem, ou com variações regulares. Essas atividades, meras formalidades aparentes, configuram-se destituídas de todo sentido. O próprio paciente não as julga de modo diferente, mas é incapaz de renunciar a elas, pois a qualquer afastamento do cerimonial vem à tona uma intolerável ansiedade, que o obriga a retificar sua omissão.

Tão comuns quanto os próprios atos cerimoniais são as ocasiões e as atividades ornamentadas, complicadas e sempre prolongadas pelo cerimonial. Por exemplo, vestir e despir-se, deitar-se ou satisfazer as necessidades fisiológicas. O cerimonial é sempre executado como se o obsessivo tivesse de obedecer a certas leis irrevogáveis.

É fácil perceber onde se acham as similaridades entre cerimoniais neuróticos e atos sagrados do ritual religioso: nos escrúpulos de consciência cuja negligência acarreta total exclusão de todos os outros atos (revelada na proibição de interrupções) e intensa consciência com que são praticados em todos os detalhes. As diferenças são, contudo, igualmente evidenciadas, e algumas, tão gritantes que tornam qualquer comparação um sacrilégio: a grande diversidade individual dos atos cerimoniais [neuróticos] em oposição ao caráter estereotipado dos rituais (as orações, o curvar-se para o leste, etc.). O caráter privado dos atos cerimoniais dos neuróticos, em contraste com o caráter público e comunitário das práticas religiosas, parece tolo e absurdo. Isso em virtude, sobretudo, de todas as minúcias do cerimonial religioso serem significativas e possuírem um sentido simbólico. Sob esse aspecto, a neurose obsessiva aproxima-se de uma caricatura, cômica e triste, de uma religião particular, mas é precisamente essa diferença decisiva entre o cerimonial neurótico e o religioso que desaparece quando se

penetra, com o auxílio da técnica psicanalítica de investigação, no verdadeiro sentido dos atos obsessivos (FREUD, 1906/1908, p.111).

No decurso desta investigação, diluem o aspecto tolo e o absurdo que cobrem os atos obsessivos, sendo explicitada a razão de tal aspecto. Descobre-se que todos os pormenores dos atos decisivos apresentam um sentido que serve a vultosos interesses da personalidade e remetem às experiências ainda operantes e aos pensamentos catexizados com afeto. Fazem isso de duas formas: mediante representação direta ou da simbólica, podendo, por conseguinte, ser interpretadas histórica ou simbolicamente (Ibid, p.111).

De acordo com Freud, nos atos obsessivos, tudo faz sentido e é interpretável. O mesmo se pode dizer dos cerimoniais (Ibid, p. 113). Aquele que sofre de compulsões ou proibições age como se estivesse dominado por um sentimento de culpa, do qual, todavia, nada sabe, de modo que pode ser denominado sentimento inconsciente de culpa, apesar da aparente contradição dos termos. Esse sentimento tem origem em alguns eventos mentais primitivos, mas é constantemente revivido pelas repetidas tentações resultantes de cada nova provocação. Ademais, acarreta um furtivo sentimento de ansiedade expectante, uma expectativa de infortúnio ligada pela ideia de punição à percepção interna da tentação.

Quando o cerimonial é formado, o paciente ainda tem consciência de que deve realizar algum ritual para evitar um mal e, geralmente, a natureza do mal esperado ainda é conhecida de sua consciência. O que já está escondido é a conexão – sempre demonstrável – entre a ocasião em que essa ansiedade expectante surge e o perigo que ela provoca. Assim, o cerimonial aparece como um ato de defesa ou de segurança, uma medida protetora. O sentimento de culpa dos neuróticos obsessivos remete à convicção dos indivíduos piedosos de serem, no íntimo, apenas míseros pecadores; e as práticas devotas (orações, invocações, etc.), com que tais indivíduos precedem cada ato cotidiano, especialmente os empreendimentos não habituais, parecem ter o valor de medidas protetoras ou de defesa. Na neurose obsessiva, há sempre a repressão de um impulso instintual (um componente do instinto sexual) presente na formação do sujeito e que pode expressar-se durante algum tempo em sua infância, sucumbindo depois à pressão. O processo de repressão que leva à neurose obsessiva deve ser considerado como um processo que só tem sucesso parcial estando sempre sob a ameaça de uma falha. Os atos cerimoniais e obsessivos surgem, em parte, como salvaguarda contra a tentação e, em parte, como cautela, contra o mal esperado. Essas medidas de proteção logo parecem tornar-se insuficientes contra a tentação, vindo à tona, assim, as

proibições, cuja finalidade é manter afastadas as situações que podem trazer desejos. As proibições substituem os atos obsessivos e a fobia evita um ataque histérico (FREUD, 1906/1908, p.117). As expressões dos atos obsessivos podem ser uma forma de reprimir o caráter e o erotismo anal.

Existe certo tipo de indivíduo que se distingue por possuir determinados traços de caráter anal e, ao mesmo tempo, sua tensão é atraída pelo comportamento, em sua infância, de uma de suas funções corporais e pelo órgão nela envolvido. Neste sentido, Freud nos diz que:

“A experiência acumulada fortaleceu de tal maneira minha crença na existência dessa conexão que me aventuro agora a torná-la objeto de uma comunicação. As pessoas descritas distinguem-se por uma combinação regular das três características que se seguem: elas são especialmente ordeiras, parcimoniosas e obstinadas. Cada um desses vocábulos abrange, na realidade, um pequeno grupo ou série de traços de caráter interligados. O *Ordeiro* abrange a noção de esmero individual com o escrúpulo no cumprimento de pequenos deveres e a fidedignidade. A *parcimônia* pode aparecer de forma exagerada como avareza, e a *obstinação* pode transformar-se em rebeldia, à qual podem facilmente associar-se à cólera e os ímpetos vingativos.” (FREUD, 1908, p.159).

Segundo Freud (Ibid, p.159), é fácil inferir na história da primeira infância desses indivíduos neuróticos que eles gastaram um tempo relativamente longo para superar sua incontinência *alvi* (incontinência fecal), e, que, na infância posterior, sofreram problemas nessa função. Parecem que, quando bebês, pertenceram ao grupo que se recusa a esvaziar os intestinos e ser colocado para defecar no penico, porque obtém um prazer suplementar do ato de defecar, pois revela que em anos posteriores gostavam de reter as fezes, e se recordam (apesar de atribuírem o fato mais facilmente aos irmãos e irmãs do que a si mesmos) de ter feito toda uma série de coisas que consideravam indecorosas com suas fezes. Infere-se dessas indicações que essas pessoas nasceram com uma constituição sexual na qual o caráter erógeno da zona anal é excepcionalmente forte (Ibid, p. 160).

Tendo como pressuposto a hipótese do desenvolvimento da personalidade, baseada em zonas erógenas previamente determinadas, Freud desenvolveu suas ideias do desenvolvimento psicosexual, segundo as quais a “excitação sexual” recebe importantes contribuições das excitações periféricas de determinadas partes do corpo

(os genitais, a boca, o ânus, a uretra), que são chamadas “zonas erógenas”. O erotismo anal é um dos componentes das pulsões (sexuais) que, no decurso do desenvolvimento e de acordo com a educação que a civilização exige, é inútil para os fins sexuais. È, portanto, plausível a suposição de que esses traços de caráter (a ordem, a parcimônia e a obstinação), com frequência relevantes nos indivíduos anteriormente anal-eróticos, sejam os primeiros e mais comuns resultados da sublimação do erotismo anal (FREUD, 1906/1908, p.161).

A esse respeito, o autor referenciado assim se expressa: “A limpeza, a ordem e a fidedignidade dão exatamente a impressão de uma formação reativa contra um interesse pela imundície perturbadora que não deveria pertencer ao corpo (Dirtismatter in the wrong place)”, uma obsessão por práticas que purifica, limpa o corpo (FREUD, 1906/1908, p.162).

Buscando explicação para algumas ideias obsessivas, pode se dizer que aparentemente elas não possuem nem motivo nem significação similarmente aos sonhos. O primeiro problema é saber como se lhes dá um *sentido* e um *status* na vida mental do indivíduo, de modo a torná-las compreensíveis e até mesmo óbvias. Interpretá-las pode parecer impossível, mas jamais se deve deixar ser mal orientado por essa ilusão. Com efeito, as ideias obsessivas mais rudimentares e mais excêntricas podem ser clarificadas, se investigadas com suficiente profundidade. A solução acontece quando se estabelece com as ideias obsessivas uma relação temporal com as experiências do paciente.

“Uma vez descobertas às interconexões entre a ideia obsessiva e as experiências do paciente, não haverá dificuldade de se obter acesso a algo mais, não importa o quê, que possa ser enigmático ou digno de conhecimento na estrutura patológica. Seu significado, o mecanismo de sua origem e sua derivação de forças motivadoras são preponderantes na mente do paciente.” (FREUD, 1909, p.165).

Dessa forma, é pertinente apresentar algumas características gerais das estruturas obsessivas. Nos anos de (1893/1899), Freud define as ideias obsessivas como “autocensuras transformadas que reemergiram da repressão e que invariavelmente se referem a algum ato sexual praticado com prazer na infância”. Essa definição estava exposta às críticas levando em consideração seus fundamentos formais, embora seus componentes sejam irrepreensíveis. Ela visava a uma unificação e tomou como modelo a prática dos próprios neuróticos obsessivos, quando, em vista de sua característica de

serem propensos à indefinição, aglomeram sob a designação de “ideias obsessivas” as mais heterogêneas estruturas psíquicas. Torna-se mais certo falar de “pensar obsessivo”, e mostrar que as estruturas obsessivas podem corresponder a toda sorte de ato psíquico (FREUD,1909, p.193).

“Além disso, existem dois modos especiais pelos quais se pode obter um conhecimento mais preciso das estruturas obsessivas. Em primeiro lugar a experiência mostra que uma ordem obsessiva, conhecida na vida desperta apenas de forma truncada ou deformada, como uma mensagem telegráfica mutilada, pode ter o seu texto real esclarecido num sonho. (...) Em segundo lugar, no decorrer do exame analítico de um quadro clínico, fica-se convencido de que se inúmeras obsessões se sucedem uma a outra, elas, com frequência, são, em última análise, a mesma e última obsessão – ainda que seu teor não seja idêntico. A obsessão pode ter sido resolvida com êxito em sua primeira aparição, contudo, retorna de forma distorcida e irreconhecível, sendo então capaz de, na luta defensiva, afirmar-se com mais eficácia exatamente em virtude de sua deformação. Mas a forma correta é a original, e muitas vezes exhibe seu significado abertamente. (...) Aquilo que se descreve oficialmente como uma “idéia obsessiva” mostra, por conseguinte, em sua deformação a partir de seu teor original, vestígios da luta defensiva primária. Sua deformação possibilita que esta persista, de vez que o pensamento consciente é, pois, impelido a compreendê-la mal como se fosse um sonho; isso porque também os sonhos são um produto da conciliação e da deformação, e são mal compreendidos pelo pensamento desperto.” (FREUD,1909, p.195).

Os neuróticos obsessivos e suas peculiaridades psicológicas (atitudes perante a realidade, a superstição e morte), se interessam por aspectos infantis ao crer que pressentimentos e premonições se realizariam. Estes aparecem por sua lembrança de que, ao se fixar a data para qualquer coisa, baseava no que tinha ouvido principalmente da figura materna. Expressões do tipo: “em tal e tal dia não vou poder; vou ter de ficar de cama nesse dia”, com efeito, chegando o referido dia invariavelmente ficariam na cama. Esses pacientes sentem uma necessidade de encontrar experiências desse tipo, que atuem como esteios de suas superstições, e de que foi em virtude disso que eles tanto se ocuparam em observar as inexplicáveis coincidências da vida quotidiana com as quais estamos todos familiarizados.

Outro aspecto mental, também compartilhado pelos neuróticos obsessivos, é a necessidade de *incerteza* em suas vidas ou de lidar com a dúvida. A criação da incerteza é um dos métodos utilizados pela neurose a fim de atrair o paciente à parte da realidade e isolá-lo do mundo – o que é uma das tendências de qualquer distúrbio psiconeurótico (FREUD, 1909, p.201).

Os neuróticos obsessivos têm uma predileção pela dúvida e pela incerteza, o que os leva a orientar seus pensamentos de preferência para aqueles temas perante os quais toda a humanidade está incerta e os nossos conhecimentos e julgamentos necessariamente expostos à dúvida. Os principais assuntos dessa natureza são: paternidade, duração da vida, vida após a morte e memória – na qual todos costumam acreditar, sem possuir a menor garantia de fidedignidade. A incerteza da memória é utilizada em toda a sua extensão como auxiliar na formação de sintomas. Conheceremos diretamente o papel desempenhado no conteúdo real dos pensamentos do paciente através das questões sobre a duração da vida e a vida depois da morte (FREUD, 1909, p.202).

Uma característica essencial desses pacientes é a sua incapacidade de tomar decisão, especialmente em matéria de amor. Esforçam-se por adiar qualquer deliberação e, na dúvida em saber por qual pessoa decidir ou que medidas adotar contra alguma pessoa, obrigam-se a eleger como modelo o velho tribunal de justiça alemão, no qual os processos se encerravam, de praxe, antes de ser julgados, com a morte das partes em litígio. Assim, em todo problema que imiscui em sua vida, ficam à espreita de que ocorra a morte de alguém que lhes é importante, usualmente, de alguém a quem amam como um de seus genitores, um rival, ou um dos objetos de seu amor, entre os quais hesitam as suas inclinações (FREUD, 1909, p.205).

Outra questão relevante da neurose obsessiva refere-se à vida pulsional, a dúvida e as origens da compulsão. A predileção pela dúvida conferida pelo paciente diz respeito à percepção interna que este tem de sua própria indecisão. Esta, por sua vez decorre da inibição de seu amor mediante o seu ódio, de se apossar diante de qualquer ação tencionada. A dúvida é, de fato, uma incerteza sobre seu próprio amor – que devia ser a coisa mais exata em sua mente. Ela se difunde em tudo mais, sendo mormente capaz de ser deslocada para aquilo que é destituído de valor. “Um homem que duvida de seu próprio amor permite-se, ou, antes, tem de duvidar de alguma coisa de menor valor.” (FREUD, 1905, p.209). É essa dúvida que leva o paciente à incerteza com respeito às suas medidas protetoras, bem como à contínua repetição dessas medidas,

com o fito de expulsar a incerteza. Ademais, é, “também, essa dúvida que, enfim, estabelece o fato de os próprios atos protetores do paciente serem impossíveis de se realizarem, tanto quanto a sua original decisão inibida em relação ao seu amor” (ibidem, p.209).

A compulsão é, por seu turno, uma tentativa para alguma compensação pela dúvida e para uma correção das intoleráveis condições de inibição, das quais a dúvida apresenta testemunho. Se o paciente, auxiliado pelo deslocamento, enfim consegue decidir acerca de uma de suas intenções inibidas, a pretensão deve ser efetivada. É verdade que este não é o seu intento inicial, mas a energia represada não pode deixar escapar a oportunidade de encontrar um escoamento para a sua descarga no ato substituto. Essa energia, portanto, faz sentir-se ora em ordens, ora em proibições, conforme o impulso de afeto ou o impulso hostil exerce o controle da senda que conduz à descarga.

“Se sucede que uma ordem compulsiva não pode ser obedecida, a tensão fica intolerável e é percebida pelo paciente sob a forma de uma ansiedade extrema” (FREUD,1909, p.210-211).

O autor anteriormente referenciado arrisca-se a determinar a característica psicológica, há tanto tempo buscada, que empresta aos produtos de uma neurose obsessiva a sua qualidade “obsessiva” ou “compulsiva”. Um processo de pensamento é obsessivo ou compulsivo quando, em consequência de uma inibição (em virtude de um conflito entre impulsos oponentes) na extremidade motora do sistema psíquico, ele é levado a cabo com um dispêndio de energia que (no que concerne tanto à qualidade, quanto à quantidade) está normalmente reservado unicamente para as ações. Em outras palavras o pensamento obsessivo ou compulsivo é aquele cuja função está em representar um ato regressivamente (FREUD,1909, p.212).

Freud (1911/1913) aponta com clareza a disposição à neurose obsessiva - uma contribuição ao problema da escolha da neurose. O dilema de saber por que e como uma pessoa pode ficar enferma em decorrência de uma neurose encontra-se certamente entre aqueles aos quais a psicanálise deveria oferecer uma solução, mas provavelmente será preciso encontrar primeiro uma resposta para outro problema mais restrito – a saber, por que esta ou aquela pessoa torna-se enferma de uma neurose específica e de nenhuma outra. Tal é a questão da “escolha da neurose”. Nesse sentido, divide-se os determinantes patogênicos em *constitucional* e *acidental*. Os motivos para determinar a escolha da neurose são totalmente constitucionais, ou seja, eles têm caráter de

disposições e são independentes de experimentos que atuam patologicamente. Deve-se buscar a raiz dessas disposições, tornando-se ciente de que as funções psíquicas envolvidas – sobretudo a função sexual, mas também muitas importantes funções do ego – passam por um longo e complicado desenvolvimento, antes de atingir o estado característico do adulto normal. Esses desenvolvimentos nem sempre são tão tranquilamente realizados de modo que a função total atravessasse essa modificação regular progressiva. Qualquer parte em que a alteração se atenha a um estágio anterior, o resultado é o que se chama “ponto de fixação”. Se o indivíduo ficar doente por causa da perturbação externa, a função pode regredir para o referido ponto. Assim as disposições, são inibições de desenvolvimento. Usualmente, a neurose obsessiva apresenta seus primeiros sintomas no segundo período da infância (entre as idades de seis e oito anos). O papel extraordinário desempenhado por impulsos de ódio e erotismo anal na sintomatologia desta neurose chamou a atenção de muitos observadores, incluindo Ernest Jones (1913). A antítese entre masculino e feminino, que é introduzida pela função reprodutora, não pode ainda estar encontrável no estágio da escolha objetal pré-genital. Em seu lugar, encontra-se a antítese entre tendências com o objetivo ativo e com objetivo passivo. Depois, torna-se solidamente ligada à existente entre os sexos. A atividade é suprida pelo instinto comum de domínio, denominado sadismo, isso ocorre quando essa pulsão é considerada a serviço da função sexual. A tendência passiva é alimentada pelo erotismo anal, cuja zona erógena corresponde à antiga e indiferenciada cloaca. Uma acentuação desse erotismo no estágio pré-genital de organização deixa atrás de si uma predisposição significativa ao homossexualismo nos homens, quando o estágio seguinte da função sexual, a primazia dos órgãos genitais, é atingido. A propósito, a maneira pela qual esta última fase é erguida sobre a precedente e a concomitante remodelação das catexias libidinais oferece à pesquisa analítica os mais interessantes problemas.

Pelo processo de repressão sexual, as neuroses são compelidas a dar expressão às tendências sexuais por meio de outras pulsões não sexuais e, assim sexualizam estes últimos como compensação. Esta linha de argumento, entretanto, colocar-se-ia fora da psicanálise, o que significaria abandonar a compreensão entre saúde, perversão e neurose favorecida por esta área de conhecimento. Com efeito, a psicanálise sustenta-se ou tomba com o reconhecimento das pulsões de componentes sexuais, das zonas erógenas e da ampliação, que assim se torna possível, do conceito de “função sexual”, encontre com a “função genital”, mais restrita. Além disso, a observação do

desenvolvimento normal das crianças é, em si própria, suficiente para fazer rejeitar qualquer tentação desse tipo. No campo do desenvolvimento do caráter, há possibilidade de encontrar as mesmas forças pulsionais que encontramos em operação nas neuroses. (FREUD,1913/1996, p.345-346). Neste sentido, o autor referenciado relata que:

“No campo do desenvolvimento do caráter, estamos sujeito a encontrar as mesmas forças instintuais que encontramos em operação nas neuroses. Mas uma nítida distinção teórica entre as duas se faz necessário pelo único fato de que o fracasso da repressão e o retorno do reprimido – peculiares no mecanismo da neurose – acham-se ausentes na formação do caráter. Nesta a repressão não entra em ação ou então alcança sem dificuldades reativas e sublimações. Daí os processos da formação de caráter serem mais obscuros e menos acessíveis que os neuróticos. Uma comparação entre mudança de caráter e neurose obsessiva é muito impressionante. Em ambos os casos, o trabalho da regressão é aparente. Mas enquanto na primeira encontramos uma regressão completa a seguir a repressão (ou supressão) que ocorreu suavemente, na neurose há conflito, um esforço para impedir que a regressão ocorra, formações reativas contra ela e formações de sintomas produzidos por conciliações entre os dois lados opostos, assim como na divisão (*splitting*) das atividades psíquicas em que algumas são inadmissíveis à consciência e outras são inconscientes.” (FREUD,1913/1996, p.348).

Considera-se que os neuróticos obsessivos tendem a desenvolver uma super moralidade, a fim de proteger seu amor objetal da hostilidade que, por trás dele, o espreita. Há uma tendência a observar certo grau desta precocidade de desenvolvimento do ego como típico da natureza humana e derivar a condição para a origem da moralidade, do fato que, na ordem de desenvolvimento, o ódio é o precursor do amor. É o ódio, e não o amor, a relação emocional primária entre os homens (FREUD, 1913/1996, p.349).

Do que foi dito, apreende-se que resta para a histeria uma relação íntima com a fase final do desenvolvimento libidinal, cuja característica é a primazia dos órgãos genitais e introdução da função reprodutora. Na neurose histérica, tal aquisição se encontra sujeita à repressão, que não implica regredir ao estágio pré-genital.

Para uma maior clareza sobre as questões citadas faz-se uma reflexão sobre as transformações das pulsões exemplificadas no erotismo anal, com base em Freud (1917). Este autor se indaga sobre a evolução das pulsões vinculadas ao erotismo anal, quando se determina o primado da organização genital. Por exemplo, o interesse pelo dinheiro resulta do interesse pré-genital pelo excremento, segundo ele, enquanto o desejo de ter um filho e a inveja do pênis encontram igualmente seu fundamento no erotismo anal: de fato, o paciente estabelece inconscientemente uma equivalência no nível simbólico entre os termos: excremento (dinheiro, dádiva) = filho = pênis (produtos do inconsciente – ideias espontâneas, fantasias e sintomas, facilmente intercambiáveis, de modo que esse símbolo comum subsiste no psiquismo na fase genital (FREUD, 1917/1996, p.136/137).

Em 1923, Freud introduz a noção de superego que, em sua forma primitiva, se mostra muito severo em relação ao ego e dá conta do sentimento de culpa excessiva observada em numerosos pacientes, em particular naqueles que sofrem de sintomas obsessivos e se sentem oprimidos por autocondenações e necessidade de punição. Em 1924, complementou essas ideias, desenvolvendo a noção de masoquismo erógeno e as relacionou com o conflito fundamental entre pulsão de vida e pulsão de morte. (QUINODOZ, 2007, p.109).

Finalizada essa revisão de aspectos teóricos, sobre a neurose obsessiva baseados principalmente nas ideias de Freud, traça-se um percurso do tema, por meio de vários estudos sobre a neurose e sua dinâmica.

Contribuições de Angel Garma

Angel Garma, psiquiatra espanhol, foi o primeiro presidente da Associação Psicanalítica Argentina, em 1942. Desenvolveu grandes trabalhos científicos para o estudo da psicanálise dos sonhos, dos sintomas obsessivos, psicoses, perversões, medicina psicossomática, e técnica psicanalítica.

Ele assegurava que os sintomas obsessivos são sempre tentativas de resolver conflitos psíquicos, objetivando uma diminuição das tensões psíquicas desagradáveis. Assim, ao se manifestar, a sintomatologia possui um aspecto muito triste, supõe em todos os casos uma gama de situações latentes deprimentes e angustiosas.

De acordo com Angel Garma (1960), entre os sintomas possíveis dos neuróticos obsessivos, os mais frequentes estão os relativos à limpeza (lavar exageradamente as mãos e desinfetar, continuamente os objetos em contato). O estudo psicanalítico sobre lavar exacerbadamente as mãos demonstra que, desse sintoma, pode originar uma luta do ego, obediente às leis morais do superego, contra um desejo sexual, que geralmente é a masturbação. Em outras palavras, o enfermo, de forma inconsciente, acredita que suas mãos estão sujas por haver se masturbado, ou por ter desejado a masturbação. Ao lavá-las constantemente, ele tenta neuroticamente uma reparação e liberação do sentimento de culpa, análogo a um ritual de limpeza, que serve para liberar a crença dos arrependimentos dos pecados cometidos.

Com efeito, na gênese do sintoma, encontra-se a regressão que intervém nos desejos de masturbação dos neuróticos obsessivos e está acompanhada de fantasia do tipo anal: buscar prazer nos excrementos e no ato da defecação. Ao lado dos desejos anais, na fantasia ou nos atos sexuais dos neuróticos obsessivos, existem, também, os desejos do tipo sádico, do ponto de vista do superego. As mãos que o enfermo limpa obsessivamente, são mãos com desejos agressivos, originando, assim, um sentimento de culpa que se refere ao dito órgão. Se o sentimento de culpa se acentua intensamente, produzem-se quadros neuróticos, como, por exemplo, os análogos ao de lady Macbeth, que sentia continuamente suas mãos cheirando a sangue: por isso exclama: “ He aquí toda via el olor a sangre, todos los perfumes de arabia no adularan esta manecita.” (GARMA, 1960).

O sintoma do gosto excessivo por limpeza pode manifestar-se, ainda, por todo o corpo. O autor referenciado (Ibid) assinala que a localização especial dependerá da psicologia do enfermo. Por outra parte o sintoma de limpeza pode chegar a tudo aquilo que está em contato com o corpo, como os vestidos, a bolsa e a sombrinha. Nesses diferentes casos, o sintoma normalmente tem o mesmo significado, ou seja, um ato de defesa contra os desejos genitais, que pela regressão tenha se tornado um aspecto anal-sádico.

Os sintomas obsessivos são uma tradução anal-sádica de algo genital. É este o temor do neurótico obsessivo que ao se sentir sujo, encobre o medo do desejo genital pelo sexo oposto. O temor de ser sujado é uma desfiguração regressiva de ser excitado genitalmente por uma pessoa do sexo oposto ou do mesmo sexo. Para compreender diversas formas do referido temor obsessivo, há que levar em conta as conseqüências dos processos de deslocamento e generalização: mulher ou homem, cujo contato sexual

quer dizer na linguagem anal-sádica que o temor da sujeira pode ser representado por um ou vários objetos, capazes de simbolizá-los. No caso da mulher, vasos, armários, casas, pedaços de madeira ou pedaços de papel. Assim, chegando simbolicamente a um ou a outro objetivo, gradualmente o temor do neurótico chega a estender-se mais e mais, até localizar-se praticamente em todos os objetos exteriores (GARMA, 1960).

Segue o ritual até a exaustão do corpo e da alma, o que vem de encontro com o estudo de Garma (1960). Obediente ao superego, o ego luta contra os instintos sádicos intensificados pela regressão genital. Nessa situação psicológica, se o ambiente exterior reforça suas medidas costumeiras e se põe contra a agressividade individual, pode-se acrescentar a tudo isso os sintomas dos neuróticos obsessivos.

Entre o que é dito normal e patológico, existem transições, sobre as quais, às vezes, a impossibilidade de afirmar se um determinado ato de controle do ego constitui um sintoma obsessivo ou é apenas algo normal. Um sujeito, por exemplo, é capaz de viver um nível de urbanização, buscando a excelência e isso não o torna um neurótico obsessivo. A este, cabe o deslocamento do objeto, que pode estar ligado a uma ideia sexual reprimida e transformado em verdadeiros ritos (GARMA, 1960).

Garma (Ibid) sustenta que da atuação do processo de defesa contra os instintos resulta a falta de modulação efetiva do neurótico, bem como a rigidez de sua conduta e o controle severo de suas atividades. Segundo este autor, no neurótico obsessivo, as ações sintomáticas ou os rituais como pisar ou não nas raias (riscas das calçadas); contar até 15 ou esperar que passe um determinado carro antes de cruzar a avenida são atos de magia que servem para legitimar um sentido determinado à realidade exterior. Se essas ações sintomáticas são efetuadas seguindo de forma precisa um ritual proposto, então, a realidade exterior se submete ao sujeito, gerando um sentimento de proteção e conseqüentemente o prazer momentâneo de uma obrigação cumprida.

Com efeito, o significado mágico é de fácil compreensão nos casos em que o ritual obsessivo coincide com alguma superstição criada com o intuito de proteção simbólica. Como exemplo desses rituais pode-se mencionar: levantar-se e colocar o pé direito no chão antes do esquerdo, acreditando que essa ação irá proteger da má sorte por todo o dia, até que chegue o dia seguinte, ação recorrente na vida do neurótico obsessivo. Essa superstição ocorre, todavia, apenas no imaginário individual, mas sua gênese é idêntica à coletiva (GARMA, 1960).

Esta última superstição coletiva possui a mesma essência da individual. Ambas deslocam uma ideia fixa sexual, para um rito, no intuito de responder ao conflito entre

sexualidade, superego e ego. Para sanar o conflito, o indivíduo utiliza-se de ritos, assim como o neurótico obsessivo potencializa a força para atenuar a demanda do conflito. O ego, portanto, esforça-se para cumprir os ritos das obsessões cerimoniais, que podem advir por diversas formas: desde a força coletiva que expulsa o demônio da alma, quanto da prática de colocar objetos em determinado lugar para gerir energia de proteção do corpo. Desse modo, o indivíduo se tranquiliza em relação às consequências do desejo sádico, que ele teme ver realizado de forma mágica dada a onipotência dos pensamentos. Assim o sujeito está “seguro” da própria má sorte.

Entre os obsessivos é frequente o sentimento de inferioridade no tocante ao corpo. Queixam-se, por exemplo, de ter ombros caídos, cintura estreita, pés grandes, panturrilhas delgadas, cara deformada. Ele pode até estar certo, porém, o neurótico obsessivo assinala uma grande desproporção entre o defeito físico e suas queixas: a sobrevalorização afetiva é a consequência de um deslocamento. Esses sintomas encobrem outras queixas dos neuróticos, referentes à sua potência genital que tenha sido deslocada para diferentes órgãos ou regiões corporais (GARMA, 1960).

De acordo com o autorreferenciado (Ibid), os sintomas obsessivos referentes à estética (beleza ou feiúra) de um detalhe corporal, podem ser equiparados a outros sintomas de conversão histérica, também com referência ao corpo. A diferença é que os obsessivos têm como base psíquica uma valorização moral, da qual padece os histéricos. O superego do obsessivo atua fazendo uma autocrítica, ainda que tenha uma independência de sua relação com o exterior. Outros tipos de obsessões referentes à masturbação são abrir e fechar bem as portas ou janelas e as dúvidas, se o fez ou não. Esse temor pode advir do fato de a criança acreditar que foi vista se masturbando e se angustia com o possível castigo de ser castrada.

Existem, ainda, sintomas obsessivos que se designam obsessões por oposição. São exemplos deste tipo de sintomas os que sofrem as pessoas religiosas quando têm pensamentos eróticos ou desejos de blasfemar no meio de uma oração; ou as obsessões de alguma mãe de brigar e até mesmo de matar seu filho, ou algum empregado fiel por ele furtar o seu patrão. A psicogênese destas obsessões define-se facilmente: são consequências da ambivalência intensa do neurótico obsessivo, cujo ego aceita uma tendência, porém, rechaça o contrário, e a ambivalência aparece de forma obsessiva no sintoma. Garma (1960) assevera que o desejo do reprimido de roubar, danificar ou matar pode originar-se, de uma transformação, em um medo de enxovalhar (sujar),

apresentando assim no caso do empregado, o modo de sujar os livros referentes aos negócios onde trabalha.

Essa pode ser a origem de uma série de atos obsessivos que, incompreendidos em um primeiro exame, aparecem com uma gênese perfeitamente clara, quando se conhece sua motivação inconsciente.

A ambivalência juntamente com a bissexualidade conduz à dúvida sempre presente no quadro clínico da neurose obsessiva. A dependência de um face ao outro (como Deus e Demônio, um frente ao outro) aparece de forma clara em certos sintomas como, por exemplo, a dúvida, no envio de uma carta a determinada pessoa, se colocou ou não o endereço, ou se a força de colar o selo tenha borrado o envelope e, dessa forma, o endereço não poderá ser visto. O exemplo citado indica forte nível do sentimento de ambivalência, diante do sujeito que irá receber a carta. Na maioria das vezes, a dúvida é um dos sintomas que mais atormentam o neurótico obsessivo. Obriga-o a controlar repetidas vezes a realização correta de seu trabalho, o que o aprisiona e não permite que ele tome direções necessárias que sejam ou não importantes. O neurótico obsessivo pode suspeitar de qualquer ato intelectual que realiza e, certas vezes, chega até a hesitar se deve pensar ou não.

A dúvida é a exteriorização da ambivalência da bissexualidade e dos conflitos morais, que dependem do antagonismo existente no neurótico obsessivo entre sua posição ativa e passiva, sádica e masoquista, masculina e feminina. Para o enfermo obsessivo, a consequência dessa situação pulsional latente é a de escrever corretamente uma palavra sem erros ortográficos, podendo significar inconscientemente o submetimento à autoridade social, quer dizer o pai. O sujeito pode achar que essa posição é feminina e, dessa forma, rechaçá-la (GARMA, 1960).

É sempre a ambivalência e a bissexualidade com suas posições pulsionais opostas que conduz o neurótico obsessivo a incertezas. Impulsionando instintivamente seu pensamento nessa última direção, o doente busca então como tema de ocupação aqueles insolúveis, nos quais a dúvida está perfeitamente justificada. Por exemplo: os que se referem à origem da vida, o futuro da humanidade, a possibilidade de existência em diferentes planetas, a essência do homem, o futuro das ciências e outras mais, com a mesma índole metafísica (GARMA, 1960).

Com certa frequência o neurótico obsessivo desloca suas dúvidas para a esfera intelectual. Descreem da potência de sua memória, imaginando que houve um dano, causado por uma tentativa de suicídio, quando tomou uma pequena quantidade de

tóxico, tendo, porém vomitado logo depois. Esse deslocamento perpassa diversas esferas, incluindo a intelectual, pensamentos e ideias fixas, e permite a sexualização do pensamento. O processo de intelectualização apresenta sintomas na área do pensamento. Em razão da fé na onipotência dos pensamentos e em virtude da regressão de certas regiões do ego, as crenças mágicas primitivas, com vista a rechaçar o verdadeiro sentimento, estabelecem um pensamento intelectual e deslocam o pensamento rechaçado para crenças e ritos, anulando a ideia fixa (GARMA, 1960). Nos casos dos neuróticos obsessivos graves, quando o mecanismo de anulação se efetua pela primeira vez, normalmente sucede que, nos pensamentos indiferentes, tenha havido segundo ele algo obscuro e que, portanto, tenha partido da relação com o pensamento na mãe. Os sujeitos sentem-se obrigados a repetir a técnica dos mecanismos de anulação e isolamento para acalmar, assim, o seu superego severo. Em uma segunda tentativa do mecanismo de anulação, pode ocorrer o mesmo que aconteceu na vez anterior ou os neuróticos podem apresentar ainda as mesmas dúvidas, o que os obriga a recomeçar tudo de novo. Surge daí os comportamentos recorrentes de forma incessante.

Conforme Garma (1960), os pensamentos podem ser referentes à mãe ou aos tipos religiosos, originando sintomas obsessivos, muito frequentes de uniões involuntárias de pensamentos opostos e secundariamente de esforços contínuos do paciente para reparar e desfazer o que foi unido anteriormente. Em todos esses casos e em outros semelhantes, o psicanalista diz que o pensamento está sexualizado. Com efeito, a sexualização do pensamento pode explicar alguns sintomas, como, por exemplo, as cefaléias. Geralmente estas são consequências de erotizações provocadas por um deslocamento até a cabeça, por meio de sensações procedentes de distintas zonas erógenas. Como já foi visto, os conflitos entre as pulsões, a realidade exterior e o superego dão origem aos sintomas obsessivos e uma vez formados os sintomas, a neurose prossegue com a sintomatologia, mediante a luta secundária do ego contra o sintoma já estabelecido. Isso ocorre porque o sintoma já estabelecido, geralmente, é algo como um corpo estranho que o ego procura assimilar ou eliminar.

Em alguns casos, existe assimilação do sintoma por parte do ego e quando isso é satisfatório do ponto de vista social, o conflito deixa de ser obsessivo e passa a ter aspecto normal. Dessa forma, pode ser útil para o sujeito, que, por exemplo, aproveitar sua formação reativa e o resto do resultado obsessivo do conflito e o aspecto anormal passam a ser úteis na vida do indivíduo, como por exemplo, quando se manifesta em espírito de ordem, dirigindo melhor uma empresa, com cuidado... (GARMA, 1960).

Quando o aspecto obsessivo é aceito socialmente, pode ser útil em várias situações, ao se manifestar em um espírito de ordem, exímio na direção de uma empresa, cidade ou até mesmo comandar um exército.

A compaixão também é um resultado reativo de um desenvolvimento do sadismo latente e pode apresentar-se como, por exemplo, em um sujeito filantrópico ativo. Dessa forma, esse indivíduo estaria reprimindo o desejo anal. Outra forma de sublimação que pode ocorrer no caso de um indivíduo com desejo anal retido é tornar-se um excelente colecionador de dinheiro e selos.

Cabe lembrar, ainda, que em algumas pessoas, os conflitos pulsionais e morais com qualidades socialmente úteis podem sinalizar alguém com uma extrema rigidez de caráter e falta de mobilidade e modulação afetiva em diferentes circunstâncias da vida. Tudo isso se deve à interiorização dos conflitos e à redução que foi efetuada pelo indivíduo com certa independência da realidade exterior, que influi sobre ele. Pela referida interiorização, os neuróticos obsessivos, normalmente, tornam-se sujeitos independentes e, por seu submetimento ao superego, são frequentemente indivíduos cultos, com adesão sobretudo a uma cultura conservadora.

Outro processo de defesa neurótica do obsessivo, muitas vezes usado contra seu desconforto, é o mecanismo de isolamento, típico dessa neurose. O doente tenta viver como se não existisse o sintoma ou como se esses não tivessem nenhum ponto de contato com o resto da sua vida. Ainda assim, o neurótico obsessivo almeja reforçar as energias do ego para se livrar dos sintomas. Identifica-se com o ideal de seu ego, esforçando-se para realizar uma vida social normal, buscando satisfações pulsionais (GARMA, 1960).

Em virtude da regressão, existe uma concepção mágica animista. Esse esforço tem aspectos especiais e para efetuá-lo o valor dos procedimentos possui um significado mágico que consiste em pensamentos, palavras ou atos que põem conexões inconscientes análogas às existentes nas superstições. Para o enfermo, são de um grande valor, por exemplo, os talismãs, favorecendo os sujeitos que os possuem. Desse modo, originam-se os cerimoniais obsessivos. Servem ao ego como meio de defesa, bem mais mágicos que racionais, contra as tendências pulsionais. Angel Garma (1960) relata que assim são os atos mágicos protetores contra as possíveis tragédias que, infantilmente, o ego teme que ocorra por haver satisfeito tendências pulsionais ou por haver desejado satisfazê-las.

Contribuições de Otto Fenichel

Fenichel é considerado psicanalista da segunda geração, era médico vienense, contribuiu para o estudo da Neurose Obsessiva, discutida na Obra “teoria psicanalítica das neuroses”, publicada em três volumes, em 1945 com reedições até a presente data.

De acordo com Fenichel (1998), o neurótico obsessivo teme suas emoções e tem medo das coisas que as suscitam. Ele foge do universo objetivo e coletivo (macrocosmo), das coisas e migra para o microcosmo das palavras (microcosmo), universo subjetivo. E temeroso do mundo, tenta repetir o processo pelo qual, *infante*, aprendeu a controlar os aspectos atemorizantes do mundo.

Quando foge das coisas que provocam emoções, para as palavras, (exatas), aquilo que foi rejeitado retorna e as palavras exatas deixam de ser exatas para hiper-catequizarem. As palavras adquirem o valor emocional que tem para as outras pessoas (hiper-catexia corresponde ao nível da emoção, é a expressão ou sintoma da emoção).

As palavras iniciais que se adquirem na infância são mágicas e “onipotentes”, porque o microcosmo, embora ainda não se tenha diferenciado suficientemente do macrocosmo, ainda conserva seu valor emocional. A bênção e a maldição exprimem a qualidade macrocômica, ainda eficaz, que as palavras têm. Com o desenvolvimento das faculdades do pensamento e da fala, o mundo se torna grandioso. Faz-se inexpressivo, a fim de facilitar a sua manipulação. Só continuam valorosos certos pensamentos irracionais e certas palavras, tais quais os devaneios e as obscenas (FENICHEL, 1945/1998).

Segundo Fenichel (1945/1998), na neurose obsessiva, o pensamento e a fala tornam-se substitutos das emoções ligados a realidades; são recuperadas as qualidades originais, “sexualizam-se” e perdem o seu valor para o uso prático. As palavras, uma vez mais, transformam-se em bênçãos ou maldições poderosas. Podem matar e ressuscitar; realizar milagres e fazer o tempo retroceder. Mediante simples verbalização, o sujeito, de forma inconsciente, acredita obrigar a realidade a seguir o curso por ele desejado. Acredita também que tanto as palavras quanto o pensamento tenham efeitos reais, dessa ordem, portanto, tornam-se perigosos.

As palavras e os pensamentos são necessariamente manipulados com cautela e, se preciso for, rejeitados e anulados. O medo da onipotência dos seus pensamentos faz que o neurótico obsessivo seja um dependente daquilo que pensa. Em vez de controlar o

mundo pelo fato de pensar, os seus pensamentos (compulsivos) substituem a sexualidade incontrolada. Freud (1909) mostrou que a crença do pensamento corresponde a um fato real. Evidentemente os pensamentos não têm a eficácia externa que o paciente imagina, mas dentro de si, são, de fato, muito mais poderosos do que o são para as pessoas normais. Os pensamentos compulsivos são impositivos, é esta característica que os faz poderosos. O poder que têm é, em parte, derivativo da força biológica dos instintos; e em outra parte, derivativo do poder que têm as exigências paternas (FENICHEL, 1945/1998).

A fuga do sentimento para o pensamento em geral é exitosa, com uma particularidade, o pensamento compulsivo não é apenas abstrato, é também, geralmente, dirigido para a sistematização e categorização: a fuga é, pois, teórica e não real. Os neuróticos obsessivos interessam-se por mapas e ilustrações, em vez de ser atraídos por países e coisas. A fuga, porém, geralmente não logra êxito. As dissociações e contradições que impregnam a vida emocional dos neuróticos obsessivos deslocam-se para os problemas intelectuais sexualizados, resultando em um ciclo obsessivo, a dúvida obsessiva (FENICHEL, 1945/1998).

Segundo o autor referenciado, a dúvida e o conflito instintivo são deslocados para a esfera intelectual. O conteúdo das dúvidas obsessivas pode ser múltiplo. Os conflitos manifestam conteúdo que não são mais do que edições especiais de algumas questões gerais. São conflitos como masculinidade versus feminilidade (bissexualidade), conflitos amor versus ódio (ambivalência) e, particularmente, conflitos do id (exigências instintivas) versus superego (exigências da consciência moral). A sobrevalorização do intelecto faz que, em muitos casos, os neuróticos obsessivos a desenvolvam consideravelmente. Essa elevada inteligência, porém, mostra traços primitivos e repletos de magia e superstição. O ego destes indivíduos apresenta-se cindido, com uma parte lógica e outra mágica. O mecanismo defensivo do isolamento possibilita a manutenção da cisão, a que se refere.

A sintomatologia das neuroses obsessivas está cheia de superstições mágicas, como, por exemplo, oráculos, compulsões e sacrifícios. Os acometidos por este distúrbio fazem consultas a oráculos, apostas com Deus, têm receio do efeito mágico das palavras alheias, bem como procedem como acreditassem em fantasmas, demônios e em um destino muito maldoso. No mais, são indivíduos inteligentes e absolutamente cômicos do absurdo das suas ideias.

A neurose obsessiva em adultos incide em dois grupos: as de formas agudas raras e as de formas mais comuns crônicas. O que precipita os casos agudos são as condições exteriores, precipitantes, que, entretanto não diferem daquelas capazes de precipitar qualquer outra neurose. São remobilizações de conflitos sexuais infantis que se reprimiram, gerando transtornos de um equilíbrio, até então efetivo, entre as forças repressoras e as forças reprimidas, aumentos absolutos ou relativos da força dos instintos rejeitados ou das angústias que se lhes opõem. Para produzir a neurose obsessiva, a precipitação deve atingir um indivíduo que possui uma predisposição desde a infância, ou seja, que tenha realizado regressão sádico-anal na fase em que ainda era criança (FENICHEL, 1945/1998).

Essa regressão poderá ter abrangido apenas pequena parte da libido, de maneira que a genitalidade se conserva, para que na puberdade passa a se desenvolver sem dificuldades insuperáveis. A certa altura, porém, a defesa infantil terá escolhido a via da regressão.

Diante de uma decepção na vida posterior (com uma explosão renovada do complexo de Édipo) cria-se a regressão de nível sádico-anal. O mais frequente é o tipo crônico. As neuroses obsessivas crônicas costumam prosseguir mais ou menos sem interrupção, desde a adolescência, seguem com sintomas compulsivos brandos, que ocorrem ao tempo do complexo de Édipo. Há rituais compulsivos que se apresentam mais nítidos durante o período de latência, quando se desenvolvem as faculdades intelectuais (FENICHEL, 1945/1998).

Ainda de acordo com Fenichel (1945/1998), a sexualidade que emerge na puberdade segue curso análogo, ao da sexualidade dos primeiros anos de vida. Outra regressão do nível sádico-anal produz-se, contudo, o superego entra em conflito e os desejos sexuais sádico-anais não conseguem fugir dos efeitos da regressão. Dessa forma, compreende-se que o conceito de regressão do nível sádico-anal da organização libidinal explica as diferenças existentes entre a formação de sintomas na referida neurose. Existe uma incompatibilidade aparente no fato de os impulsos rejeitados constatarem, nas neuroses obsessivas, as tendências fálicas, associadas ao complexo de Édipo e, ao mesmo passo, terem índole sádico-anal; mas explica-se, se a incompatibilidade, reconhecer que a defesa se dirige, primeiro contra o complexo de Édipo, substituindo-o pelo sádismo-anal. Depois prossegue contra os impulsos sádico-anais.

Se compararmos os quadros clínicos, como, por exemplo, da histeria e da neurose obsessiva, encontraremos inúmeras diferenças: na histeria é somente a repressão que é usada como mecanismo de defesa, ao passo que nas neuroses obsessivas são acionados: a formação reativa e anulação, o isolamento e a super-catexia do mundo de conceitos e palavras, (caso especial de isolamento). O uso desses mecanismos de defesas particulares atribui-se ao fato de que os desejos não genitais são rejeitados, porém os sádico-anais são os que deveriam ser. O uso de mecanismos diferentes, também explica a diferença do alcance que a consciência tem nos dois tipos de neuroses. Essa se liga ao fator regressivo e à instalação mais tardia, de certo modo, na neurose obsessiva, ao passo que a introjeção dos pais pelo superego explica as diferenças que se veem na internalização, no predomínio do superego e na preponderância relativa dos sintomas punitivos e expiatórios sobre os sintomas gratificadores. Ainda mais: a regressão também é responsável pela severidade própria do superego, visto que este não consegue escapar à impulsão regressiva para o sadismo.

Para Fenichel (1945/1998), também se relaciona com esse fenômeno básico da regressão o fato de que, além da produção dos sintomas, a doença afeta a personalidade total do sujeito, em extensão maior do que na histeria.

Contribuições de André Green

André Green é considerado um dos grandes nomes da atualidade na psicanálise. Concatena as ideias de Freud, contemporizando-as, sem deixar de avançar e formular novas descobertas. Sua contribuição provém de seu rigoroso estudo sobre as operações do afeto na clínica, inclusive, notoriamente sobre a Neurose Obsessiva.

Para este trabalho se faz importante ressaltar tanto a dignificação do uso da literatura para elucidar, entender e exemplificar as descobertas psicanalíticas, quanto o estudo do afeto nas estruturas clínicas, ressaltando, o estudo do afeto na Neurose Obsessiva.

Existe uma relação muito próxima de André Green com a literatura, sustentada ao longo de sua formação psicanalítica e psiquiátrica. Para Green, o texto literário é uma formação intermediária transicional que fala ao inconsciente do leitor relançando o processo de auto-análise. Grandes obras da literatura tocam o inconsciente de maneira profunda, porque os mestres, os artistas, trabalham com os significados fundamentais

com os quais todos temos que nos confrontar, indo às vezes, mais longe ou mais profundamente do que os analistas.

Segundo Green (1994), o efeito da psicanálise sobre a literatura, escritores, leitores ou críticos pode ser resultado, ora do saber, ora da verdade, ou seja, da prova viva da psicanálise. A relação entre literatura e psicanálise tem permitido a construção de inúmeras obras. Seja na escolha de personagens clássicos, como no caso de Édipo Rei, personagem principal, da tragédia grega escrita para encenação por Sófocles por volta de 427 a.C., utilizada por Freud, como pano de fundo para discutir as relações objetais e os conflitos parentais fundantes da personalidade humana, ou ainda na busca do olhar de grandes estudantes do ser humano, para retratar por meio de suas obras substratos e traços comungados por tantos, apenas para exemplo, permeiam a obra de Freud, contribuições de Shakespeare, Dostoiévski, Jensen, Leonardo da Vinci, Hoffmann, dentre outros.

A literatura fornece inúmeros personagens criados a partir da imagem e semelhança de estereótipos humanos. Neles encontramos uma representação da realidade. Verdadeiro jogo entre o fantasmático e o real. Eles figuram a soma de muitos humanos embora singulares, representados, como nele contidos, no que lhes é comum. Muitos personagens encarnam, e representam situações análogas a realidade.

Quando o leitor psicanalista se depara com tal texto, onde atuam os caricatos humanos, ressaltam aos seus olhos, por meio da leitura flutuante, o discurso dos quais ele representa, por meio dos quais se constitui. Green (1994) ressalta ainda que, ao fazer a leitura de um texto literário, o leitor desvia-se do texto e passa a escutá-lo. Ele o ouviu valendo-se da sua escuta psicanalítica. Podem-se levantar como hipótese várias condições, incluindo a que ele passa fazer uma análise semelhante a que faz com os sonhos. O texto literário e os sonhos possuem um ponto comum: os dois são derivados da elaboração secundária, desse modo, o texto literário pode ser comparado a uma fantasia, já que esta mescla dos processos primários e dos secundários o último molda o primeiro.

Em segundo, no que tange a Neurose Obsessiva, Green, investigou sua estruturação, inovando, porque não o faz a partir do estudo dos sintomas, mas, analisa as tendências sexuais e afetuosas, em seus estudos sobre a teoria dos afetos (GREEN, 1973/1982). Muito além de fazer um estudo psicanalítico do afeto, ele procura apresentar o engendramento afetivo nas estruturas clínicas, as quais consideram como “formas de organização”, que revelam modelos estruturais.

Green (1973/1982) faz uma releitura dos clássicos da psicanálise, e postula releituras e inovações no estudo da neurose obsessiva. Desde a identificação da relação simétrica inversa da histeria, procurando caracterizá-la etiologicamente, quanto seguindo para além do sintoma, na investigação do trabalho realizado pela Neurose obsessiva, de dissociação entre a representação e o afeto, ou seja, entre a ideia e o estado emotivo. Diante dessa dissociação, a conversão não se produz. O neurótico obsessivo desloca a representação ou ideia para outra ideia com valoração secundária, provocando um duplo deslocamento com o qual o presente postula o lugar do passado e o não sexual postula o sexual.

No cerne da obsessão, o indivíduo, ao invés de condensar, dissocia e desloca, não converte ao corpo, pelo contrário, converte ao pensamento tendo como consequência a sexualização desse. Em razão da substituição do sexual pelo não sexual, a agressividade vai para o primeiro plano da cena, provocando uma mudança no cenário da imagem do inconsciente.

Ao longo de sua obra, Freud vinculou a disfunção das relações de causalidade como uma deformação elíptica que daí decorre a onipotência do pensamento e o predomínio dos temas de morte. No obsessivo, existe uma predominância da linguagem metonímica² de encadeamentos sucessivos, na qual os elos inconscientes são incompreensíveis para o indivíduo em virtude do efeito do isolamento e da posição extravagante do afeto.

Compreende-se, então, que o obsessivo, por meio do pensamento e linguagem, retira termos que facilmente poderia ser entendido no contexto e o substituí por uma linguagem (meteórica), ou seja, faz uso de palavras fora do contexto. Dessa forma, ele desfigura a expressão do seu pensamento, que é a linguagem.

Green (1973/1982) destaca os trabalhos que vieram depois dos estudos de Freud e postula a dissociação entre representação “imagem mental” e afeto “satisfação, prazer.” A força que provoca esse rompimento foi nominada de pulsão de morte, assim como Freud o fez. Os novos estudos alertam, porém, ser incorreto definir que a força da pulsão de morte é o sadismo anal. Este não seria, dessa forma, a expressão de pulsão de morte, mas é a consequência desta pulsão. A segunda consequência da pulsão de morte é a destruição do objeto fantasmático. Por outro lado, é uma tentativa, necessária para

²“Linguagem metonímica: figura de retórica que consiste no uso de uma palavra fora do seu contexto temático normal por ter uma significação que tenha relação objetiva de contiguidade, material ou conceitual, com o conteúdo e o referente ocasionalmente pensado.” (HOUAISS, 2003).

manter esse objeto. Se tal fato não ocorresse, o obsessivo passaria para a instância da psicose (GREEN, 1973/1982).

Compreende-se, então, que o pensamento do obsessivo é uma tentativa de salvar a destruição da própria destruição, haja vista que o neurótico obsessivo cria os pensamentos simbólicos em uma tentativa gritante de sobrevivência psíquica. O empenho de manter o objeto fantasmático da própria destruição é também uma forma de salvar o gozo de sua aniquilação total. Assim, essa busca permanecerá no plano psíquico de forma recorrente, pois ele sempre postulará um objeto (simbólico, rito ou comportamento) para continuar o combate do desejo de destruir o objeto, contra o desejo da conservação deste. Essa é uma luta árdua, insana, que, porém, o mantém a salvo de fazer parte do plano psicótico (GREEN, 1973/1982).

O obsessivo busca satisfação no desprazer em castigos infligidos como resultantes da ação do superego. Isso mostra quanto é no plano dos afetos que o combate deve ser realizado. O sujeito objetiva a perseguição de um fantasma que o domina. Essa dominação é de aspecto afetivo, posto que o ego soberano triunfou sobre as pulsões na dessexualização narcísica. O poder da força empreendida pelo ego leva à paralisação desse estado indefinido às custas de um gozo pelo gozo, o gozo em si, o que demonstra o triunfo da morte. O indivíduo mumificado em seu próprio gozo buscará de forma insana novos ritos ou simbolismos que supram as suas necessidades recorrentes, para silenciar sua própria mente, ou seja, o desejo incessante que o faz permanecer no espírito mortificado (GREEN, 1973/1982).

Contribuições de J. P. Chartier

Jean Paul Chartier, neuropsiquiatra e psicanalista francês, membro da *Union des Ecrivains de Rhône-Alpes*, produziu grandes contribuições para a clínica no tratamento do paciente acometido de Neurose Obsessiva.

De acordo com Chartier (2006), um dos primeiros sintomas expressos pela neurose obsessiva é o isolamento (constatação feita por meio da prática clínica). Esse sintoma provoca certa esterilização da afetividade, ou seja, o pensamento substitui os atos até o ponto de a espontaneidade desaparecer quase totalmente. O pensamento serve de perpétuo anteparo entre ele e os outros. Dessa forma, o neurótico pensa e observa o

“isolamento”, permitindo, assim, um distanciamento da afetividade. Como expressão dessa ação, existe a frieza em seus gestos, ausência de motividade e de mobilidade.

Diante desse pressuposto teórico, conclui-se que o indivíduo portador dessa afecção torna-se um homem de *alma fria*. Sua falta de afetividade o distancia da realidade emotiva (emoções), torna-se um sofredor paralisado pelo demônio da neurose obsessiva. Segundo Chartier (2006), a afetividade é atingida em todos os aspectos, inclusive o sexual. O neurótico obsessivo possui a sexualidade pobre e, na maioria das vezes, só se manifesta em um contexto sadomasoquista. Em compensação, no nível da fala, ele é prolixo a toda prova. Seu espírito é de uma lógica inescrutável e nem sempre muito adaptada a uma alicerciosidade verbal, porém tal fato não o incomoda. Trata-se mais de uma aventura intelectual do que uma proposição lasciva (pecado, fruto da carne, satisfações sexuais).

Pode-se dizer, então, que a sexualidade é desprovida de afeto e sem correspondência com a vida sexual real. O afeto do obsessivo é algo implícito; reaparece com frequência nos contextos da passagem do ato e da violência.

O segundo sintoma expresso pela neurose, mencionado por Chartier (2006) é o controle obsessivo. Depois que o neurótico obsessivo se distancia, ele arma-se de defesas, observando todas as possíveis saídas, todas as prováveis possibilidades para escapada, colocando os temas em ordem, com precisão, com todos os tipos de compulsões e verificações.

Nesse ponto, cabe eliminar duas afecções correntes desse controle obsessivo: a obsessão sexual e a ideia fixa. É seguro para ele isolar a “sexualidade”, portanto as obsessões não são de fato sexuais e, sim, o contrário, são, justamente um meio de lutar contra as pulsões libidinais. No tocante à ideia fixa, por mais obsessiva e repetitiva que seja, a sexualidade também não é uma obsessão, como, por exemplo: quando o marido que fica permanentemente temeroso, com ou sem razão de que a mulher o engana isso não significa uma obsessão, no sentido em que é entendida, mas, sim, um sentimento de ciúmes.

O obsessivo enamorado não ousa se aproximar do objeto de seus pensamentos. Pode, em compensação, criar um sistema de controle dos gastos e gestos de sua bem amada, detendo-se em detalhes irrisórios com os quais tem a impressão de se comunicar com ela. O sentimento de ciúmes não está forçosamente presente. No extremo, pode satisfizer-se com o sucesso de um rival que lhe permitirá isolar definitivamente seus

sentimentos e eventualmente prosseguir com seus controles obsessivos com toda tranquilidade.

Vale lembrar que alguns obsessivos surpreendem os demais com sua presença inesperada, no momento e no lugar em que ninguém mais poderia prever sua aparição. Ele tem uma prodigiosa memória. O controle incessante desempenha um papel considerável, desde as aquisições escolares da criança até o domínio do sistema econômico, aquisições que passam por todas as manias e coleções e o poder de manipular o dinheiro. A meticulosidade, a limpeza, parcimônia e a obstinação são como tela de fundo dos elementos de caráter mais encontrados.

Ademais, o neurótico obsessivo teme de maneira fervorosa o imprevisto. Arranja mediante certa distância seus objetos afetivos, colocando-os nem perto, tampouco longe demais. Sempre põe em causa o distanciamento, mesmo quando a onipotência do pensamento é colocada em posição de controle. A interrupção do controle obsessivo é uma reação brutal, até mesmo destrutiva para os seus próprios objetos de amor. Em maior profundidade, a angústia ressurgem em massa. Se por acaso a depressão se instala, na maioria das vezes não deixa de ser grave. Em situação de autoestermínio o obsessivo se suicida de maneira discreta e metódica.

Chartier (2006) aponta como outro elemento que permeia a vida do neurótico obsessivo o ritual de uma obsessão. Trata-se de outro destino da ambivalência do obsessivo. Esse ritual se apresenta sob a forma de obsessão, impulso, ou seja, a irrupção da dúvida no pensamento. Seu sentido é completamente transformado, pois esses assumem de agora em diante um caráter conjuntório como, por exemplo, o ato de ascender três vezes a lâmpada antes de dormir, de repetir tal palavra ou número antes de atravessar a rua, de andar somente sob lajotas de números ímpares, ou ainda de tocar certa categoria de objeto em sua passagem em lugares diversos.

Toda essa série de atos possui um valor quase mágico e repeti-la constitui um verdadeiro rito. Com um olhar próximo, percebe-se que isso se configura a condensação dos dois sintomas citados anteriormente, quais sejam, o isolamento pelo caráter aritmético e artificial dessas impulsões e o sintoma do controle obsessivo, que se caracteriza pela necessidade de repetição que elas comportam. Acrescenta-se a isso um terceiro fator: a onipotência do pensamento, ou o pensamento mágico (CHARTIER, 2006).

Essa condensação, na maioria das vezes, mostra-se inoperante, uma vez que a angústia reinfiltre continuamente o processo de onde decorrem as repetições até o

infinito, as lavagens incessantes, as bizarrices no vestir, cuja incompletude irá requerer novos ritos. É o que se chama de anulação pelo ritual. Pouco a pouco, por contaminação, o sujeito chega à uma rede compulsiva totalmente estranha à obsessão inicial. Desse modo, o obsessivo está sempre em busca de uma nova imagem para a pulsão com a qual não consegue lidar, portanto a expressa por meio de várias formas.

As novas formas (deslocamento da ideia) das antigas pulsões não resolvidas também podem ser representadas. O obsessivo representa de forma isolada, ou seja, a representação é amputada do desejo e modificada, para ser aceita pelo superego. Dessa forma, os pensamentos podem conter temáticas sexuais, pois sofreram o mecanismo do isolamento, e o desejo não os acompanha. Conclui-se que o recalçamento é incompleto e o isolamento é relativamente insuficiente. A força empreendida pelo afeto pode determinar o tipo de representação aplicado.

Os afetos sofrem uma regressão (dinâmica e temporal) para as representações anais. Compreende-se, dessa maneira, que se trata de uma regressão do ego, na qual o interesse genital é deslocado para o interesse anal, o que não se refere a uma fixação das atitudes afetivas da criança em sua mãe no momento da fase anal. Diz respeito, sim, de uma fixação secundária, que reutiliza o material anal em função das necessidades da organização libidinal, diante do problema edípiano. A pulsão anal reaparece de maneira brutal, forçando uma passagem agressiva. Como exemplo pode-se mencionar: um senhor parcimonioso, econômico, pode se recusar, habitualmente, a dar dinheiro a sua mulher para suas necessidades básicas, mas pode emprestar uma grande quantia de dinheiro a um amigo. Isso é muito parecido com comportamento de uma criança que se recusa a fazer cocô, quando está perto da mãe e o faz muito bem quando está na casa da vizinha.

Em razão da brutalidade da pulsão anal, é que se consagrou o termo “sádico-anal.” As manifestações de retenção e expulsão são o que se denomina erotismo anal, encontrado em todos os comportamentos (sexuais, afetivos e sociais). A infiltração desses mecanismos é sutil. Toda a compulsão de ordem comporta certa manipulação da sujeira e da desordem. Assim, pode-se dizer que o controle obsessivo satisfaz ao mesmo tempo as pulsões anais autênticas literalmente escondidas, por meio de formações reativas e de seu implacável superego.

Segundo Bouvet (1967), o obsessivo exprime um conflito edípiano em linguagem pré-genital. Leclair (1959), por sua vez, salienta que é muito importante analisar a relação do obsessivo com sua mãe. Ele pode ser o filho preferido de uma

insatisfeita que parece voltar sua expectativa decepcionada para a sua progeneritura masculina. Assim, vivem em um mundo imaginário, correspondente a uma “prisão bem amada”.

A mãe, que também é “agressora”, está aprisionada em sua própria problemática edípica, que ela transfere para seu filho. Exerce, portanto, o controle e perpetua até a periferia do psiquismo de forma ativista. Ao mesmo tempo, ela pode se utilizar de recursos intelectuais para manter o seu poder de persuasão, passando a dominar pelas ideias. Essa mãe controladora pode também estar exercendo o papel principal na tríade poder-filho-mãe. Pode exercer o poder sob o filho, função destinada ao pai.

Finalizada esta revisão da literatura a propósito do tema, passa-se a analisar as obras literárias que foram propostas.

CAPITULO II

O Cavaleiro Inexistente - Agilulfo imerso na Neurose Obsessiva Masculina

O romance *O cavaleiro inexistente*, de Italo Calvino, traz uma bela ilustração da neurose obsessiva, por meio do personagem Agilulfo e de suas aventuras. O capítulo 8 desse livro perfaz um roteiro obsessivo que remete intensamente ao tema desta dissertação.

Antes, entretanto, de dar início ao que se propôs neste estudo faz-se necessário apresentar, de forma mais minuciosa, a obra de Calvino (2001), supra mencionada. Trata-se de uma narrativa que permite arquitetar e demolir a vida, o universo, as pessoas e as coisas.

A fim de apresentar o cavaleiro inexistente, da forma como concerne o termo, Calvino (2001) esclarece que Agilulfo surge em meio à tropa do rei Carlos Magno, da França. O chefe maior daquela nação, como de costume, passava no meio da tropa de seu exército para uma revista corriqueira, porém parava diante do cavaleiro e o examinava de alto a baixo e pedia que o paladino “soldado” se identificasse. Assim ocorreram várias e várias vezes, mas, em certo momento, o rei parou diante de um soldado com uma aparência diferenciada dos demais. Eis que surge, Agilulfo, o cavaleiro inexistente.

Assim passa a existir a “perfeição”, o cavaleiro cuja apresentação por ela mesma, já se mostra oponente: seu nome de composto inúmeros nomes (Agilulfo Emo Bertrandino dos Guildiverni e dos Altri de Corbentraz e Sura, Cavaleiro de Selimpia Citeriore e Fez). É um modelo de soldado, antipático a todos, contudo é o que sempre segue as regras em suas minúcias e exigindo o mesmo de todos os que estão à sua volta.

Sua onipotência prolonga-se em seus trajes perfeitos, como exemplo, uma armadura toda alva, toda reluzente de tão branca, com apenas um detalhe negro, que fazia a volta pelas bordas, cuidada com esmero, de forma imaculada. A articulação da armadura primava em perfeição. O seu elmo (capacete) ostentava um penacho, que reluzia o arco íris com todas as suas cores. Não se sabia ao menos de que ave pertencia tanta perfeição de penas. Seu escudo exibia um brasão entre duas franjas de um manto drapejado de maneira harmoniosa. Já no interior desse, havia dois outros panos e, no meio destes um brasão menor, que continha mais um brasão, amantado ainda menor, de

forma minuciosa, que ao menos dava para discernir qual era o desenho de tão miúdo e minucioso em detalhes, beirando a perfeição em arte.

De acordo com Eco (2010), o escudo abriga o que há de mais secreto e microscópica ourivesaria, de tão grande a riqueza em seus detalhes. Permeia, contudo, a sua riqueza, imagens, acontecimentos temporais, como se fosse uma tela de cinema, que passa a história de uma vida, mesmo que sem alma, sem carne e sem cerne. O escudo apresenta-se em uma forma que permite ver algo além de sua própria existência, além de sua borda, algo finito, porém com margem para o contrário. “Tudo que Hefáico queria dizer está no escudo, sem exterior: é um mundo concluso (ECO, 2010, p. 12).

Este assegura ser o escudo uma epifania da forma (uma peça do quebra-cabeça que possibilita ver a imagem de forma completa), do modo como a arte constrói representações harmônicas, nas quais se instituem uma hierarquia, uma relação figura e fundo entre as coisas representadas. Trata-se de uma forma que não pertence ao ponto de vista estético pode, porém, ser infinitamente interpretada, encontrando-se nela, cada vez, novos aspectos e novas relações. O escudo pode no entanto representar uma narrativa do mundo real ou imaginário.

De acordo com Calvino (2001), o escudo de Agilulfo era uma obra de arte que beirava a perfeição de tantas minúcias e riquezas de detalhes, assim com o resto de sua indumentária, que se destacava na multidão de outras iguais e completamente diferente (iguais no sentido de que eram todas armaduras, porém diferente na forma estética, diferente no zelo e preservação). Permanece, todavia, apenas como indumentária, porque no seu interior não existe carne, sangue ou algo parecido, apenas uma vida mantida pela força de vontade e pela fé na santa causa. Causa defendida com vigor em cumprir o próprio dever junto aos outros. Agilulfo, porém mantém-se isolado.

Nem mesmo no momento de descanso físico e mental, Agilulfo fazia parte de seu grupo. Ao chegarem no acampamento, os outros paladinos reuniam-se para brincadeiras e bravatas diversas. Agilulfo tentava aproximar-se, até chegava perto, mas era em vão, porque não conseguia se relacionar com os demais de maneira afetiva, nem mesmo manter um relacionamento de companheiros de jornada. Os outros paladinos, por sua vez, também não faziam questão de sua presença por sua rigidez e altivez. Em consequência, cabia a Agilulfo a insólita solidão e o vazio da alma, “se é que ela existe”, nem ao menos se permitia uma noite de sono.

O cavaleiro que beirava a perfeição não se dava o direito de ser somente um mortal no mundo do sono. Enquanto os demais paladinos dormiam, Agilulfo lustrava

sua espada, engraxava as juntas de sua armadura branca completamente equipada, em uma busca recorrente de perfeição. O cavaleiro que possui apenas pensamentos racionais e determinados de maneira exata não conseguia, ao menos, passar a noite em sua tenda. Aproveitava seu tempo lucidamente andando e verificando, os demais, de forma crítica. Ele não conseguia entender como aqueles paladinos podiam fechar os olhos e se permitir permanecer no nível de inconsciência e afundar-se no vazio, durante o sono profundo. Questionava como podiam os paladinos dormir horas e horas e, ao despertar, descobrir-se igual a antes, juntando fios da própria vida, recomeçando, juntando a própria carne ao meio do cheiro forte de morte e vinho bebido. O cavaleiro inquietava-se diante dessa situação, não concebia como inveja seus sentimentos, porém se sentia mal em ver aqueles corpos estirados em meio às tendas, com dedões aparecendo, pés sem botas e corpos verdadeiramente carnis. A ambivalência permeava a vida de Agilulfo. Assim, ao mesmo tempo que sentia algo semelhante à inveja, experimentava igualmente um orgulho, desdenhoso de superioridade.

Ao ver as armaduras dos demais paladinos ao chão, considera-os como indivíduos decompostos em pedaços espalhados. Ele, ao contrário, jamais retira sua armadura linda e imaculada e é possuidor de poder por galgar o cargo de oficial, por meio de feitos ilustres. Tal vantagem, entretanto, não o fazia homem, tampouco feliz. Ele permanece em seu mundo vazio, passeando desafortunado pelas noites, cheio de um vazio de carne e alma, repleto apenas de uma perfeição imperfeita, feita de suas minúcias.

A armadura de Agilulfo representa sua carne tamponando o corpo que não existe. Também não tem vísceras. O único companheiro real de jornada é seu cavalo, que também não possui calor, sangue, carne, pois não tem ao menos um corpo. O seu companheiro beira a perfeição, anda milhas e milhas de forma incansável, assim como seu dono, Agilulfo. O cavaleiro está tão próximo do cavalo, que cavalga com a cabeça quase grudada ao animal. Aqueles que os vêem indagam: é o cavaleiro que pensa com a cabeça do cavalo ou é o cavalo que pensa pela cabeça do cavaleiro?! Tal fato, porém, não possui relevância, haja vista que ambos são desprovidos de carne, corpo. São prisioneiros do vazio de sua própria existência dentro dessa inexistência de corpo. Os sentimentos e expressões de fadiga ou dor não fazem parte do universo inabitável pelos demais e habitável apenas por Agilulfo e seu cavalo.

Os sentimentos, por certo, não o habitam, pois ele não os demonstra. Aos companheiros de jornada é destinado um tratamento com severa rigidez e muito

controle, ausente de sentimentos, como compreensão e benevolência ao outro. Ao menor erro ou negligência cometido o paladino é repreendido por Agilulfo, que o faz de maneira explicativa, dando uma aula minuciosa sobre o descuido. Além disso, reforça que o companheiro deve repetir a tarefa de forma recorrente até beirar a perfeição, certificada pela sua avaliação. Em meio a tudo isso, Agilulfo passava por momentos atormentados em dúvidas. Questionava se deveria se comportar de maneira impositiva perante os subordinados (paladinos), impondo o respeito pela autoridade ou por meio da indiferença.

Essa dúvida o fazia pensativo e o paralisava diante dos demais. O cavaleiro percebia que incomodava a todos. Assim, conseguia murmurar apenas cumprimentos inteligíveis, com uma timidez mascarada de soberba. O contrário também podia ocorrer nessa sua forma de se expressar diante dos demais: a soberba podia estar maquiada pela timidez, pois que não se sabe realmente em que nível de angústia Agilulfo está imerso. Sabe-se apenas que ele permeia a escuridão da insegurança por não ser algo que pareça um humano ou simplesmente por ser um fraco mortal. Dessa forma, ele não iria impor o respeito desejado ou merecedor, haja vista que é o oficial mais imponente, garboso e precisamente perfeito no cumprimento de seu dever à santa causa.

Por vezes, o cavaleiro Agilulfo era localizado debaixo de um pinheiro, sentado no chão, organizando as pequenas pinhas caídas debaixo da árvore. Com presteza, alinhava-as em formas de figuras geométricas, mais precisamente do triângulo isósceles, (triângulo que tem dois lados iguais). Essa atitude permite pensar que Agilulfo possua dificuldade em lidar com o diferente. Fazia parte do rito empreendido por ele, contar objetos, ordená-los em figuras geométricas e resolver problemas aritméticos ou matemáticos.

De acordo com Eco (2010), o temor de não conseguir verbalizar seu cerne, sua essência, seus sentimentos desloca-o para objetos e coisas. Dessa forma, quando pratica seus ritos de contar e numerar objetos, expressa os sentimentos angustiantes, reprimidos em sua vida sem vida. A propósito, a história da literatura está repleta da mania de fazer coleções de objeto obsessivamente.

Conforme Calvino (2001), se o mundo a sua volta se desfizesse na escuridão da incerteza e na ambiguidade, este personagem não conseguiria refazer-se de um vazio recheado das incertezas. Desse modo Agilulfo permanecia no limbo do incerto, no assombro da decisão. Tais ambivalências provocavam nele um sentimento de ser o pior de sua espécie (haja vista que ele é uma espécie única). Para não se dissolver em si

mesmo, ele utiliza como estratégia a contagem de objetos, como as pinhas, folhas, pedras, lanças, o que lhe surgisse pela frente, ou se põe a organizar as coisas de maneira precisa com formas, por exemplo, de quadrados ou pirâmides. Dedicar-se aos afazeres exatos propicia-lhe vencer o mal-estar, absorver o desprazer, a inquietude e a apatia. Por meio desses atos, tenta retomar a lucidez.

Rambaldo, um paladino a serviço do exército que tinha Agilulfo como oficial, observa seu comandante de longe, quando este pratica seus ritos debaixo da árvore de pinheira, organizando e reorganizando de forma precisa as pinhas e folhas ao chão. O paladino reflete sobre tudo que vira mediante rituais, combinações, fórmulas. Tal fato o jogava no limbo de uma angústia profunda, porém ambivalente, por não fazer parte desse ritual. Percebe, contudo, que está inserido nesse mundo insano dos rituais, pois se alistara à tropa do rei Carlos Magno, para vingar a morte do pai. Dessa forma, emerge em sua mente que tal fato o faz parecido com o Cavaleiro Agilulfo, por ser obstinado como ele. Então, Rambaldo joga-se ao chão em prantos, por estar imerso na insanidade obsessiva da vingança, (CALVINO, 2001).

Agilulfo, por sua vez, ao presenciar situações parecidas com a descrita anteriormente e vividas por Rambaldo, remete-se a um mundo de calma e segurança muito grande. Dessa forma, apodera-se de um sentimento que o leva a um mundo imune às angústias e sentimentos, tais como a fraqueza humana em expressar a sua própria dor.

Deve se lembrar que Agilulfo possui o extremo controle da mente, corpo e alma. A rigidez, o poder, o controle permeiam todas as situações de sua existência, portanto, aos seus olhos, é inconcebível tolerar a covardia dos demais, cabe-lhe permanecer em um terreno de superioridade e proteção, diante dos outros. (CALVINO, 2001).

Perante a problemática de Rambaldo, Agilulfo indaga a cerca da necessidade do sono, já que para ele o importante é estar sempre desperto dia e noite. Sua armadura está sempre a serviço, nunca descansa, não há dentro e nem fora, está em todo lugar ou em lugar nenhum. Tirar e pôr não faz sentido para ele, sua presteza é insana, indolente, obstinada e recorrente.

Agilulfo afigura-se diante de suas ações em sua inexistência de corpo, carne, sangue e alma. Configura-se pela pulsão de morte, convertida em um princípio do prazer absoluto e recorrente na busca incessante de novos ritos que complementam seu vazio, em uma tentativa de manter sua altivez onipotente.

A ilusão da onipotência escraviza a alma deste sem alma, e o escraviza em sua busca constante pela perfeição, procurando inutilmente responder com excelência. O

cavaleiro submete-se à devida obediência, a uma servidão voluntária à santa causa do rei Carlos Magno, a uma condição heterônoma, que pode ser considerada uma busca por uma “lei paterna”, que, em lugar de render eficácia, o encurrala e transborda...

De acordo com Ambertím (2006), o neurótico obsessivo vê-se obrigado a um cismar incessante, a serviço da desapiedada crueldade superegóica. Ao recriar dessa maneira, o amo (rei) não pode ter como consequência se não a acumulação de um sórdido ódio que se arrasta por meio da ambivalência. Já segundo Lacan (1981), o obsessivo tem a avidez de estar em todas as partes ao mesmo tempo (ubiquidade), para não estar justamente em nenhuma (nuliubiquidade).

O rei, os oficiais e paladinos, em uma longa caminhada, passaram em uma aldeia e depararam com um indivíduo que estava em meio aos patos, de quatro patas (agachado com as mãos no chão), comportando-se como se fosse um deles. Então, Carlos Magno questiona, sobre o que se passava com esse cidadão. Uma aldeã responde, em alto e bom som: “Um que grune igual a um pato acha-se um também”. Um velho horteleiro, por sua vez, responde, que esse homem (pato), às vezes, não percebe que faz parte do mundo dos homens, e acredita pertencer ao mundo inanimado ou irracional.

O rei indaga: - “O que falta na cabeça daquele louco? O que sai de sua mioleira?!” O horteleiro, por sua vez, lhe dá a resposta, dizendo acreditar que talvez esse nome, louco, não fosse adequado, mas, sim, alguém que simplesmente não possui consciência de sua existência. Carlos Magno, por seu turno reflete sobre o que ouviu e admite que por certo o velho e sábio horteleiro possa estar mesmo correto, já que, entre os seus mais importantes oficiais, encontra-se um que possui consciência de existir, mas, de fato, não existe (CALVINO, 2001).

Pode-se compreender, então, que cada um desses dois homens permaneça em um mundo criado com base em sua mente, sana ou talvez insana, porém imersos em suas criações, verdades, fantasias, mitos e até mesmo nos ritos que os salvam da própria loucura ou da loucura alheia. Não existindo o homem, esse pode ser o que quiser, homem, mulher, fantasia, imaginação, o que vai determinar será a ordem do molde e o desejo latente em seu cerne.

De acordo com Calvino (2001), o molde determinado pelo vazio da existência de Agilulfo, nem ao menos, lhe permite sentir o gosto, cheiro e o gozo de ter uma vida inexistente. Com sua frieza racional, Agilulfo faz revistas para ver se os demais cumprem o dever, assim como deve fazê-lo. Passa pelas várias cozinhas, onde preparam

a comida dos soldados, porém permanece indiferente ao cheiro de repolho ou podridos dos corpos sujos e mal cheirosos dos que preparam a dita refeição. Rambaldo avista o oficial paladino de longe e continua a observá-lo, desejando ser igual a esse que ostenta tantas bravuras em nome da santa causa. Aproxima-se, relata o desejo de ser um paladino tão bom quanto o Agilulfo. Este, por sua vez, se irrita por ser interrompido no cumprimento de sua missão. (CALVINO, 2001).

Agilulfo se enraivece por não prever ou controlar a atitude de Rambaldo, logo ele que prima pelo controle a qualquer custo. Faz inúmeras listas de atividades para diversos paladinos e os fiscaliza para ver se cumprem à risca o seu dever. As listas permanecem em vários departamentos. Fazem-se listas dos pobres, das funções, comidas e de tudo que ele acredita poder fiscalizar e controlar. Também o faz, em sua pobre existência, de falta de carcaça pútrida de carne e alma, controlando todos os passos e pensamentos. Permanece sempre intocável com a vulgaridade alheia.

De acordo com Eco (2010), o temor de não conseguir dominar tudo atormenta Agilulfo não apenas diante das listas dos nomes, mas também perante a infinidade de outras coisas. Permeado ao cerne das obsessões, o neurótico atua nos processos de controle de coisas. Trata-se de uma forma recorrente de regular o incontrolável, ou seja, é uma busca incessante do gozo pelo gozo. O controle de algo permite ver o descontrole das pulsões que o devora em meio a sua própria carne.

Calvino (2001) afirma que o controle excessivo pode gerar uma ausência de afetividade, perante a vida alheia. Assim sendo, mesmo admirado por seu esmero, ordem, regularidade, virtuosidade, mas frio e distante. Agilulfo mantém-se no limbo da frieza eterna de sentimentos e fervorosos de alma. Ainda assim, provoca medo pela sua inexistência, apesar de ser o melhor no gabarito de perfeição. Ele só alcança tal excelência pela sua inexistência, haja vista que, para ser apenas um paladino humano, deveria permear o umbral (erros, falhas, imperfeições) dos homens, cheios de amor e ódio, vida, sangue, calor e dor.

A insanidade controla com fervor os pensamentos de Agilulfo, não permitindo ao menos, que ele sinta o cheiro, sabor e o deleite do prazer em devorar a comida posta à mesa. De acordo com Calvino (2001), esse personagem participa dos banquetes oferecidos ao rei, de forma ausente. Pede sempre, de forma minuciosa, uma diversidade de pratos, um para cada tipo de alimento. Os talheres devem atender às especificações necessárias e ele os organiza e reorganiza. É sempre servido de alimentos pelos criados, porém ele corta e recorta cada um de forma cuidadosa. Passa de um prato para o outro o

alimento cortado, pratica um verdadeiro cerimonial em divisões. Separa os pedaços dos menores aos maiores, em diversos tamanhos e os coloca em pratos diferentes, até chegar ao último prato. Dessa forma, após uso do último prato, ele o devolve para os criados, fazendo o mesmo com o precioso vinho da Borgonha. Pede várias taças e quando servido em uma delas, divide-o em diversas, colocando um pouquinho em cada uma, repetindo de forma precisa o ritual. Ao chegar à última taça, as devolve aos criados. Assim faz, enquanto dura o banquete. Dessa maneira, Agilulfo mantém o gozo nele mesmo, não por devorar os alimentos, mas por praticar o ritual preciso e de forma recorrente.

Conforme Calvino (2001), Agilulfo é às vezes questionado sobre a preocupação com as riquezas de detalhes. Um de seus comandados, Ulivieri, sinaliza que a glória nela mesma já é genuína, permanece na memória do povo, apenas pelo feito, portanto não precisa de comprovantes. Agilulfo relata, porém, que tudo que faz possui presteza e riqueza em detalhes, controle e sinaliza a necessidade da existência de documentos irrefutáveis! Cada título que o cavaleiro Agilulfo galgou foi por meio de ações planejadas, analisadas e executadas de forma racional, desse modo, mantém o controle absoluto das ações. Pondera, entretanto, que o seu controle excessivo em fiscalizar os feitos dos demais não é um domínio, mas, sim, zelo em explicar fatos com lugares, datas e com grande quantidade de provas, evidenciando-as para a execução do julgamento. Contudo, o cavaleiro destaca que essa não é uma forma de ofender, mas um meio de explicar mediante evidências e, dessa forma, levantar a necessidade de maior perícia e precisão nos serviços alheios, nem que para essa exímia precisão o paladino deva passar horas e horas, praticando, de forma recorrente a obrigação, para alcançar a excelência.

O controle e a excelência em tudo que faz permeiam, também, os momentos em que Agilulfo poderia se permitir sentir o prazer e a luxúria da carne. Ao contrário, porém, por meio de seu excelente controle e ritos recorrentes, faz que a orgia da noite não ocorra da forma como outro homem, homem de carne e desejo, o faria.

Em sua jornada, o oficial depara com uma donzela em busca de socorro para a sua senhora e as diversas amas dessa. Como não se permite recuar de cumprir uma missão, Agilulfo aceita o desafio e parte para o castelo onde está a viúva “Priscila”. As mulheres do castelo estão acuadas por inúmeros ursos selvagens, que, com vigor, as querem devorar. Agilulfo, contudo é avisado por um velho eremita, de que tal feito (a busca por socorro) não passa de uma armadilha, para transformar o salvador dessas

mulheres em um igual a ele, um eremita; haja vista que ele também já exerceu esse papel de salvar essas mulheres. O paladino, entretanto, se recusa a furtar de cumprir essa missão e vai ao castelo, onde corpos perfeitos, rostos bem feitos, cheiro de carne o esperam.

Agilulfo, forte, guerreiro, opulento e excelente em tudo que faz, luta com os ursos e os transforma em apenas pedaços de carne, pútrida e peluda na ponta de sua lança. Dessa forma, ele os faz desaparecer, alguns morrem e os demais fogem diante do bravo oficial. No pós luta, Agilulfo é recebido por diversas mulheres, incluindo Priscila, a que mantém o controle das demais. Ela lhe oferece como recompensa um banquete em que seu corpo faz parte da iguaria. O cavaleiro diante de um corpo perfeito e desnudo, para seu degustar e devaneios, transforma esse momento em uma orgia de excelência em palavras. Ele pratica de modo incessante o gozo pelo que é perfeito, elaborando uma verdadeira dissertação sobre o amor, o que deixa a mulher em êxtase. Não se sabe se de prazer ou saber ou apenas pela conjunção de ambos (beirando ao prazer carnal). O oficial paladino continua sua perícia em organizações diversas, como, por exemplo: praticam juntos o ritual e cerimonial de arrumar uma cama perfeita, que de tão perfeita não se sabe onde começa o colchão e onde terminam os lençóis obsessivamente esticados. O êxtase de prazer continua por toda a noite. Agilulfo, com um toque (mão enluvada com aço) suave e leve, passeia pelas plumas dos cabelos da mulher e o faz novamente com precisão, beirando a perfeição, como parte final do desbravamento do corpo desnudo. Prossegue elaborando um belo penteado, que a faz se sentir a mais bela, ou seja, o dia em que se viu em uma beleza absoluta. Por fim, pratica a noite de amor, apenas permanecendo à distância dos corpos e por meio dos ritos, como uma dança macabra de prazer e desprazer, o gozo nele mesmo.

Por fim ele, com sua destreza magistral, consegue embriagar a mulher, remetendo-a a seu mundo de insistência. Ao cair da noite, ela continua embriagada com as práticas de rituais e controle do cavaleiro que o faz por meio da inteligência. De tão confusa, não sabe ao menos o que se passou naquela noite. Recordar-se somente que teve uma noite perfeita de prazer, sem carne, corpo, coito, mas não se lembra como ocorreu o prazer. Agilulfo raptou Priscila para dentro de seu próprio devaneio, para o limbo de sua perfeição. Ela se encanta com tanto esmero sem oferecer resistência ao vigor que a carne, sangue, vísceras e alma lhe concedem.

Agilulfo, em suma, não se entrega a uma mulher que claramente o deseja. Dela acaba não recebendo nada e, em decorrência, não tem de doar-se, pois, assim, não se

permite correr qualquer risco afetivo, ao ter uma vivência humana, afetiva e carnal. Ele se mantém seguro em uma espécie de “torre de marfim” onde não se expõe ao perigo de ser rejeitado, recusado, criticado e o que é ainda mais interessante: ser exposto a qualquer avaliação. Fora do risco, não vive a possibilidade de que advenha sobre ele a iminência da aceitação ou rejeição sexual e afetiva. O cavaleiro inexistente permanece em um profundo amor narcisista, portanto, a relação não se inicia de maneira que, em consequência dela, o cavaleiro não venha a ter seu narcisismo ferido mediante a existência do outro em sua vida.

Em resumo, de que trata esta obra de Calvino? Agilulfo e seu escudeiro Gurdulu são atraídos para um castelo que supostamente estaria sendo atacado por ursos. Uma donzela aparece, em trapos, na estrada pela qual cavalgam, clama socorro por ela e pelas outras mulheres que também habitam o mesmo castelo onde vivem. Neste castelo, moram apenas mulheres indefesas, portanto necessitam de proteção. Agilulfo prontifica-se para o ataque e, em seu trajeto, encontra um estranho eremita a dizer que também já tentou salvar (e o conseguiu) aquelas mulheres de outro perigo. O que o eremita revela é o seguinte: “ eu também fui cavaleiro como você, cumpri minha missão e como prêmio, fui parar nos braços e na cama da castelã. Após essa noite de amor, transformei-me num eremita. Desde então, encontro-me vagando nestas terras.” Ora, o aviso dado a Agilulfo é que o mesmo recairia sobre ele, caso se entregasse à castelã, devido ao sucesso de sua força contra a ameaça dos ursos. O eremita questiona:- “Não teme as chamas da luxúria?” Agilulfo se embaraça e dá uma resposta evasiva: - “Bem, depois veremos...” (CALVINO, 2001, p.87). Finalmente o cavaleiro obtém êxito e, após um belo jantar na companhia da castelã, é encaminhado ao quarto desta.

Nesta passagem da história, encontra-se um ponto chave sobre o qual se pretende discorrer neste estudo, e para o qual se voltará a atenção. Tudo nasce, no cavaleiro, da impossibilidade do encontro. Sua tagarelice o afasta da bela mulher ou de quem quer que seja. Ele nada concede de si mesmo, além do vazio de uma discursividade obsessiva. Não receber o desejo da mulher, o que ela almeja lhe dar, é não entregar tudo que lhe resta: o vazio. A revelação da existência deste vácuo é evitada por meio de quem parece entender de tudo, até de amor, mas não consegue objetivar nenhum aspecto de algum entendimento ou desentendimento sobre qual assunto seja. Suas palavras simplesmente circulam o seu nada, para melhor escamoteá-lo. A dama se embevece com tantas alusões culturais contidas em tal discurso, sem perceber que é uma arma de fuga para estar longe dela, utilizada intensa e constantemente pelo

cavaleiro. Ele se refere a tudo a sua volta e ao que diga respeito à beleza da mulher com que dialoga solitariamente. Cria uma espiral de referências, lembranças, galanteios, citações eruditas tão difusas e sem aprofundamento, de modo que todas as falas são breves menções aos assuntos que se apresentam em uma torrente, fazendo que a dama, na manhã seguinte, nem saiba narrar o que ocorreu na noite anterior.

Conforme exposto no capítulo I deste trabalho, uma característica da neurose obsessiva é o esvaziamento do sujeito, uma tentativa de tamponar os afetos, nunca se entregando a eles mediante o uso de um intenso intelectualismo. O obsessivo intelectualiza para não sentir. Enquanto o histérico padece no corpo, o obsessivo adocece do pensamento. E nesse pensamento adoecido, aparece a obsessão pela verdade, pelo conhecimento mais prático possível da realidade (ABRAHAM, 1970). Esse fator conforme se almeja sustentar neste estudo, atrela-se à necessidade de controle que o neurótico obsessivo tem acerca do mundo e das pessoas à sua volta.

Agilulfo é um obcecado pela praticidade e objetividade dos fatos, como se fosse plausível alguém viver em uma relação absolutamente concreta, cartesiana, apartada de qualquer abstração com o mundo. Ou outros termos, desde o início do romance e do capítulo em foco, Agilulfo apresenta-se como alguém desumanizado – tanto que as pessoas o veem como algum ente sobrenatural. Nesse ponto, o romancista cubano de expressão italiana faz uso do imaginário medieval, que atribuía aos entes sobrenaturais características tanto físicas quanto metafísicas, como por exemplo: os demônios sobre os quais se dizia voarem e ser causadores da peste; as almas dos mortos, que podiam voltar a habitar suas carcaças e fazê-las entrar em movimento ou a relação entre fantasmas e pontos do espaço ou do tempo, que cumpririam certa função de fronteira ou de passagem. Desse modo, como Agilulfo mostrava-se desumanizado, não expressava sentimentos ou arroubos humanos, era razoável que os aldeões ou camponeses o vissem como espécie de ente sobrenatural, capaz de atuar no mundo físico, usando força mecânica por conta dessa presença estranha e igualmente material. Essa marca desumana, até relacionável pelo imaginário ao campo metafísico, representaria a constante busca do cavaleiro de ultrapassar a condição meramente humana. Seu mote era a constante tentativa de não se enxergar como o rochedo da castração ou, pelo menos, de representar que não passa por ela, mesmo inconscientemente, esvaziando-se para ele mesmo e para o outro, mas sempre recorrendo a alguma justificativa racional a ele concernente diante do mundo.

No esforço de não lidar com o erro, com os próprios defeitos, os próprios arroubos e a castração, o obsessivo manifesta-se sem esses problemas, sem sulcos, sem dobras ou furos. Tenta delinear-se como uma linha reta, sem qualquer baixo relevo que lhe revele a possibilidade do furo. “Agilulfo caminha para frente, retilíneo, seguindo o seu caminho. Ele se torna alguém “que é mais que qualquer outro homem” (CALVINO, 2001, p.84-85). Isso chega à assexualização, fazendo-o não comparecer como criatura carnal, mas como um enorme elaborado caleidoscópico intelectualizado. Nesse aspecto, constata-se, também seu formalismo e sua frieza, que o alçasse para fora da condição mortal. O cavaleiro sempre doa a medida fixa de três moedas e, segundo as palavras que Calvino (2001) atribui à sua boca, ele não pode furtar-se ao pedido *formal* de socorro proveniente de uma dama.

Quando o cavaleiro Bradamante (mulher) pergunta se algum aldeão viu Agilulfo, respondem que não sabem. A paladina, porém, indaga se eles viram um cavalo branco que parecia estar carregando uma armadura com um homem dentro, que seria alguém mais que qualquer outro, por sua intocável perfeição, em existir por meio de uma inexistência. Compreende-se, então, que esse cavaleiro de tão perfeito permanece no plano surreal. Homens, Bradamante já conhecia diversos, de todos os tipos e jeitos variados, mas ela ainda não conhecia um como esse, que não existe. Por isso ela se apaixona por essa armadura com um suposto varão dentro.

Bradamante faz uma reflexão, responde a ela mesma de forma sintética: “Se não está, é exatamente ele”, por isso permanece no existir em meio ao nada (CALVINO, 2001, p. 87). Compreende-se assim, que Agilulfo não se submete aos terrores limitantes da castração, contudo, todas as ações são analisadas, planejadas e executadas por ele, tudo mensurado apenas pelo critério da excelência.

Cabe salientar, porém, que o cavaleiro inexistente necessita desses feitos de forma repetitiva e de ações embriagantes como a que ele teve em relação a Priscila. Tais ações são os alimentos que o fazem existir e o elixir que corre em suas veias (armadura). Ao finalizar a execução do êxtase de gozo para a mulher de carne, ele volta para seu mundo a desbravar outros terrenos e vencer novos devaneios, ou se perder nesse.

Agilulfo parte em busca da virgem Sofrônia com objetivo de provar sua pureza de corpo. Para tal caçada humana, ele é capaz de andar por pântanos jamais desbravados. Ele vai ao fundo do mar e parte em uma caminhada longa e árdua, para alcançar seu objetivo obsessivo: provar a pureza da mulher religiosa e casta. O controle

passa a ser absoluto, caminha entre os monstros marinhos e os derrotados com vigor. Visando a não enferrujar o seu maior tesouro (armadura), unta-a com óleo de baleia, arrancado por suas próprias luvas de aço e, por esse caminho, consegue alcançar terra firme; cria e desbrava seu próprio mundo, de forma incansável. O empreendedor incansável jamais visa a lucro, age sempre pela santa causa.

Assim como Agilulfo, outros cavaleiros também habitavam o mundo da perfeição. Calvino (2001), em sua obra, um romance-fábula, possibilita uma comunicação com os grandes clássicos da cavalaria. Um exemplo dessa comunicação é o elo de devaneios existentes entre os cavaleiros do Santo Graal e Agilulfo, o cavaleiro inexistente. Esse diálogo ocorre por meio de paródia, em que utiliza figuras de estilo extraídas do sarcasmo, humor e sátira. Os cavaleiros do Santo Graal (missão da santa igreja), defensores da divindade do grande Graal, perambulam pelo mesmo pântano (psíquico) de Agilulfo. Tais cavaleiros, com treinos recorrentes, até atingir a perfeição e o êxtase, praticavam o silêncio do corpo e da alma.

Como prática do rito cerimonial, os cavaleiros habitam as florestas e as desbravam no silêncio profano, executando uma dança macabra entre o profano e o sagrado (expurgar o desejo da carne). Para ser um cavaleiro do Graal, o indivíduo deve ter o poder de dominar a mente e silenciá-la, como, por exemplo, o indivíduo deve ser capaz de permanecer em baixo de uma árvore por dias, visualizando apenas uma folha, na qual o orvalho cai a cada dia. Outro meio de galgar tal supremacia é treinar o silêncio e permanecer inerte em uma única posição. Ao se tornar um cavaleiro do Santo Graal, o indivíduo deve ser imune à distração e à curiosidade. Deve também suprimir qualquer ânimo de vida que profane sua carne.

Esses cavaleiros que possuem um corpo, devem ter portanto seu elã vital suprimido, ao contrário de Agilulfo, que não possui corpo e existe apenas pela força da fé e cumprimento ao dever da santa causa. Dessa forma, Agilulfo para existir de forma incansável, por meio somente de uma armadura, conserva acesa a fogueira de seu elã vital, por intermédio de práticas recorrentes de ações obsessivas.

Os cavaleiros do Graal mantêm o prazer e o gozo mediante o controle do corpo, mente e o silêncio da alma. Eles possuem em meio à carne, sangue quente pulsando em suas veias. Já Agilulfo tem apenas a bela e reluzente armadura, e em seu interior, habitam o vazio e a força da fé. Sua existência é calcada exclusivamente em uma imagem distorcida de uma armadura, imagem legitimada pelo outro.

Agilulfo mantém-se em pé com o auxílio de suas ações, patentes e feitos. Ao deparar com a inexistência da virgindade de Sofrônia, viu seu mundo inexistente esvaziar-se. Nada mais é válido: feitos, ações era tudo anulado, tudo fica vazio como fumaça ao vento. Assim, para Agilulfo se dissolver, desaparecer pelas frustrações, o imprevisto torna-se possível. Ao defrontarem com a epifania da carne, Torrismundo e Sofrônia, em meio à orgia do prazer, a carne, gozo, encontra-se perante sua maior frustração.

Em contrapartida, Sofrônia descobre que o homem-homem que a possuiu, Torrismundo, acreditava ser seu filho. Torrismundo, diante desse fato entende ter praticado o incesto. Perante esse dilema, Agilulfo foge sem ao menos ouvir o interrogatório do rei Carlos Magno, no momento em que constataria que a donzela, quando salva por ele, ainda era virgem. Averigua, também, a inexistência de incesto, ambos são filhos de mães e pais diferentes. Agilulfo entranha meio a floresta, imerso em seu próprio mundo e incapacidade de lidar com o real, visto que é a defesa da virgindade da donzela que legitima sua existência. Ele se desfaz de seu corpo (armadura), dissolve-se e se transforma em apenas uma gota no mar.

Rambaldo, leal paladino e admirador, sai à procura do cavaleiro, porém encontra apenas uma armadura estendida no chão, posicionada como se fosse um triângulo. Depara também com outras partes desordenadas pelo chão e um bilhete na ponta da lança. Agilulfo transfere seu legado para Rambaldo, deixa o seu maior tesouro, a armadura, que agora estava desprovida de consciência e vontade. Era apenas uma armadura para abrigar um corpo que a desejasse, no caso específico o de Rambaldo.

Como essa narrativa favorece diversas reflexões e críticas, é importante conhecer o que dizem alguns pensadores sobre essa obra.

Bosi (1988) fez uma crítica literária, à obra de Cervantes (*Don Quixote De La Mancha*) afirmando que essa obra não apenas faz rir, como também revela um cavaleiro obstinado em seu sonho de justiça apresenta um inesgotável desencontro do cavaleiro com a substância humana, uma convenção entre o ideal e a loucura, parte de uma mesma moeda, uma em cada face. A obra de Cervantes mostra um lado do cavaleiro ainda não visto permitindo vislumbrar a fragilidade, a loucura, fantasia, imaginação extraordinária, além de nobreza de idéias e ações. Tal leitura pode ser deslocada para a obra de Calvino (2001) porém há de salientar que Don Quixote conhece a ética da cavalaria e a realidade de sua imaginação (capacidade de confundir a bacia do barbeiro com o elmo de Mambrino / outro personagem de Don Quixote). Esse vive em meio à

inconsciência e certa inconsequência. Já Agilulfo vive uma realidade concreta, é exímio cumpridor das normas, do código de honra e desempenha tudo de um modo que beira a perfeição. Vive em nível de consciência, vontade de existir, porém não existe de fato. Elabora hipótese sobre si mesmo uma forma de compensar sua inexistência e um suposto sentimento de menos valia. A obra de Calvino (2001) deixa claro de forma que beira uma comédia, a constatação de obstinação obsessiva do cavaleiro Agilulfo, que possui o estereótipo de um forte guerreiro, imbatível, forjado de um aço jamais visto e tão frágil que se dissolve e se transforma em apenas uma gota de água no oceano.

Para Chiarelli (1999) o desaparecimento de Agilulfo, ao se dissolver transformando-se em uma gota de água oceânica, é algo sobrenatural e instigante. Acredita-se, contudo que muitos indivíduos gostariam de galgar o feito de Agilulfo: sucumbir em sua própria inexistência. Há de salientar, porém que Agilulfo se caracteriza por incorporar o desconhecido, ganhando sentido pela sua armadura, extremamente reluzente e imaculada, porém completamente vazia.

Kehl (2003) assegura que uma narrativa desse porte, em que o autor consegue escrever a história de um personagem que não possui história, favorece uma vasta reflexão. Uns têm corpo e não possuem noção desse fato; outro não o possui, porém tem a ideia de que o possui. Esse feito o faz existir. Outros existem e sucumbem em uma inexistência, como ilustra a história de um personagem chamado Reinaldo: um jovem com um belo corpo, sem história e sem projeto de futuro, apenas um andarilho.

A história de Reinaldo é basicamente a história de seu corpo, cansaço, exuberante em sua atividade sexual, desanimado. Possui impulsos tão irrefreáveis quanto passageiros. O oposto de Reinaldo é Agilulfo. Enquanto Reinaldo permanece no nível corporal e vivencia a pulsão do princípio do prazer absoluto por meio do corpo, Agilulfo persiste no vazio de sua armadura e não admite os devaneios da orgia, apenas alcança o prazer pela esfera do pensar. Dessa maneira a pulsão é exercida quando o cavaleiro encontra alguém que se deixa fascinar por sua mistificação, e ele pratica a orgia de forma avassaladora.

Já Reinaldo é considerado por Kehl (2003) como um homem sem memória do passado e sem projetos para o futuro. O que o legitima é a sua existência (corpo) e o seu vigor sexual, reconhecido pelas mulheres que ele devora, por meio de seus devaneios e orgia. Esse personagem portanto, vive do corpo para o corpo e da tentativa constante de manter-se. Preenche o vazio de sua existência e abandono, por meio do desempenho sexual. Não possui a consciência do poder de seu corpo, não consegue organizar-se pelo

intelecto e não retira do corpo a sua sobrevivência. Não consegue ordenar o seu pensamento para prostituir-se. Dessa forma, permanece perambulando de um lado para o outro, de uma casa para outra. Quando encontra uma mulher que o deseja, ele a possui, mata sua fome de prazer e também de alimento e escapa para uma nova caçada inconsciente.

Reinaldo volta a se perder no mundo não por desejo, mas por não conseguir caber em lugar algum, ou, ao, guiar-se pela esfera do pensar, permanecendo em seu mundo incompleto e inconsciente. A autora argumenta que o dilema deste personagem está presente na vida de muitos jovens da atualidade, como por exemplo, os jovens de diversas classes sociais (rico, classe média, pobre, C, B, D), que possuem corpos belos, são altivos e se deixam impregnar pela cultura que venera o corpo. Possuem uma postura de quem não deve e não pede favor para ocupar seu espaço, o que os mantém é a imposição. Tais jovens vivem a erotização do corpo perfeito, atendem a um padrão ditado pela mídia (sociedade). São homens que, assim como Reinaldo, permanecem no nível do inconsciente, porém possuem corpo. O que não tem é a noção de sua existência, e só se sentem reconhecidos por meio do outro (enquadrando em padrões determinados e aceitos).

De acordo com Chiarelli (1999), Agilulfo é reconhecido por exercer a posição de paladino e sustentar sua armadura (corpo) forte, imponente e altiva. Mesmo que ele tenha um vazio de corpo, é cheio de imponências, etiquetado e considerado, por uma postura e lugar de destaque no exército do rei Carlos Magno. Assim parte de uma engrenagem, que o devora no vazio de corpo, e o legitima por ser exímio e perfeito no desempenho de seu papel. Dessa forma, prova aos demais que pode existir, de fato, pelo *status* que o posto lhe confere, por lutar, desbravar, ser fiel as suas convicções somente pela força de vontade e reconhecimento do outro.

A autora supramencionada (1999) declara que Agilulfo e os jovens da atualidade se permitem etiquetar, enquadrar para pertencer e existir. Não conseguem, porém se integrar-se e só encontram significado pela função exercida e pelo estereótipo vendido e aceito pelo outro. Agilulfo também se legitima por meio de seu principal símbolo, a armadura vazia, ou seja, o cavaleiro e a armadura, praticam uma verdadeira dança siamesa, tanto que o cavaleiro é a armadura e a armadura é o cavaleiro. Desse modo torna-se impossível produzir uma separação. A armadura favorece uma conexão entre o ser, o existir e o não existir. O que foi enquadrado, o cavaleiro, seu estereótipo ou apenas a armadura forte, imponente?

Considera-se, então, que o tema dessa narrativa é atual em pleno séc. XXI. Com efeito a obra de Calvino (2001) possui em seu cerne um caráter histórico, conduzindo à reflexão sobre a realidade de todos os tempos e lugares. A riqueza deste romance – fábula se alicerça nos mitos e nos seus ritos, ao encontro da necessidade de alguns dos homens modernos, que usam como artifício de enfrentamento do tumulto da experiência humana (Chiarelli, 1999).

O tumulto vivenciado pelo homem contemporâneo mostra que esse experimenta um universo impreciso, rico em sedução, cultua o gosto pelo indefinido. Permeia um mundo onde as coisas e os indivíduos perdem o sentido. Os diálogos não possuem nexos, o discurso é impreciso, intraduzível, enfim, os homens submetem-se à exaustão do nada. As ciências exatas postularam trazer o homem para a consciência absoluta, uma reação para libertá-lo dessa ilusão. Essa liberdade, pode ficar apenas no status social, porque os indivíduos se mostram acorrentados à liberdade que acreditam ter, qual seja, a de etiquetar-se, enquadrar-se é viver de forma mecânica (todos iguais), (CHIARELLI, 1999)

Ao refletir sobre a obra de Calvino (2001), Chiarelli (1999) assinala que os homens contemporâneos que permanecem nesse mundo de imprecisão, ilusão são os que se sujeitam à exaustão do nada, beiram a “sanidade” de Agilulfo. Mergulham no nada de sua própria existência; uns não possuem consciência de seu existir; outros possuem uma severa consciência de existir e não existem. Cabe dizer que essa narrativa possui o saber do herói bem como a problemática e tumulto da experiência humana e, ainda, a tensão do personagem contemporâneo.

A perfeição, o controle e a excelência buscados insistentemente por Agilulfo é uma forma de refutar sua própria problemática e instabilidade. Imerso na escuridão de atingir a excelência, ele não precisa deparar com a sua existência, concretizada tão somente pela força de vontade de existir e pela consciência de existir. Por meio de suas ações, ele dá vazão à racionalidade absoluta, confere sentido a tudo, como forma de não confrontar sua própria demanda conflituosa.

A fuga exercida por Agilulfo, ao refutar sua instabilidade, leva a crer que esse fato não poderia ser diferente, porque ele é gestado por uma narrativa literária contemporânea, que evoca a falta e o vazio. Calvino (2001) pariu um personagem corporificado em imagem de uma armadura vazia, perfeita, reluzente, um protagonista que se esforça freneticamente para afirmar uma identidade e uma pseudo-existência.

Falar sobre a construção de uma identidade não é foco deste estudo, porém proporciona uma clareza maior sobre em que aço Agilulfo forjou a sua identidade.

De acordo com Tajfel (1982), o sentimento de pertença, ou a identidade social, é definido como o conhecimento que o indivíduo tem do seu pertencimento a grupos sociais, dos quais incorpora valores e significados emocionais únicos e singulares, assim sendo, esse sentimento constitui uma concepção de identidade, que é definida com base em categorias sociais. Este autor assinala que o indivíduo, como ser social, “esforça-se para construir um conceito ou uma imagem satisfatória de si próprio” perante a sociedade em que vive (TAJFEL, 1982, p.290). Nessa perspectiva, o sujeito se reconhece e reconhece sua identidade com base no que é socialmente definido socialmente. Ademais, é graças ao processo de categorização social, entendida como um sistema de orientação que ajuda a criar e a definir o lugar do indivíduo na sociedade, que este se reconhece e se identifica como pertencendo a uma comunidade social.

Vignoles e Moncaster (2007) ressaltam a existência de seis possíveis motivadores para a pertença social. O primeiro, central, é a autodefinição de identidade. O segundo são os elementos que podem agregar valores à própria identidade. O terceiro é o sentimento de autoestima. O quarto motivador é a segurança oferecida pelo grupo, para manter a continuidade da sua identidade. O quinto é a distintividade entre o indivíduo e os demais grupos, com efeito, O sentimento de pertença grupal é estabelecido de acordo com os significados que a pessoa atribui ao seu grupo. Então, quando o indivíduo apreende tais motivadores, reforça e assegura a sua pertença, distingue o seu grupo dos demais e passa a fazer parte de uma categoria grupal.

Tajfel (1981) aponta que categorização social é parte do processo básico para a construção da identidade social. Para ele, identidade social é mais do que o sentimento de pertença a grupos sociais, sobretudo, é a comparação que o indivíduo estabelece entre os seus grupos de pertença e os grupos alheios aos dele. A avaliação que o indivíduo faz de si mesmo depende da forma como ele avalia o seu grupo.

Diante do estudo de Tajfel (1982), sobre a identidade social, pode-se formular sobre algumas questões ligadas a Agilulfo, uma delas diz respeito à identificação de Agilulfo como pertencente ao exército do rei Carlos Magno. Tal pertença é uma categoria social que representa força e onipotência, é um status social. Portanto, para existir e construir sua identidade, o cavaleiro passou a fazer parte desse grupo, porém não se integrava a ele. O personagem não se sente pertencendo a lugar algum, por isso busca freneticamente meios de sustentar sua identidade. Agilulfo vive o caos até mesmo

no grupo de pertença social, haja vista que ele e Gurdulu passam a pertencer ao mesmo grupo.

Gurdulu se permite pertencer a qualquer grupo social que o aceitasse. Ele não busca legitimar sua identidade, por nenhum quesito, como, por exemplo, ele não demonstra querer galgar *status*, tampouco almeja pertencer a uma a classe dos fortes e guerreiros. Pode-se formular a hipótese de que ele passe a pertencer a esse grupo social, em virtude da segurança que esse grupo lhe confere. Agilulfo, por sua vez, tenta se alicerçar nesse grupo onipotente, incorpora-o e representa, com excelência, o seu papel, nos aspectos da racionalidade, controle e eficácia.

De acordo com Ferreira (2006), para alcançar sua identidade, o oficial admite, apenas, bravuras, ações norteadas por análises e estratégias, com exímio controle da racionalidade. Esse é o motivo pelo qual Agilulfo sente certo desprezo pelos paladinos de sua pertença social. Estes por sua vez concedem a si mesmos o direito de errar, acertar, retirar a couraça pesada, que é sustentada pela carne de seu corpo. Agilulfo, sustenta a sua couraça dia após dia, sem ao menos perceber seu peso, visto que não possui um corpo indolente de sangue e carne, para apoiá-la. Finalizada esta análise de uma obra que relata aspectos da neurose obsessiva de um indivíduo do sexo masculino, a seguir é examinada outra obra agora uma que descreve características desta patologia no sexo feminino.

CAPÍTULO III

Duas damas bem comportadas – a senhorita Goering imersa na Neurose Obsessiva

Feminina

“Ainda não gostei de nenhum dia, mas não desisti de procurar a felicidade.” Jane Bowles.

A obra escolhida para configurar a neurose obsessiva em mulheres tem o título de *Duas Damas bem Comportadas*, da autoria de Jane Bowles (1943), com a apresentação de Truman Capote e tradução de Lya Luft.

Jane Bowles escreve em uma modalidade não realista de narrativa, que inclui a fantasia, os relatos alucinatórios ou absurdistas. Este é o caminho mais curto para fazer aflorar imagens do inconsciente. Como a linguagem dos sonhos, o fantástico permite a livre associação, deslocamento, cenas e paradoxos do tempo e do espaço, de acordo com a intuição do autor (TAVARES, 2007). Nesta obra, a autora experimenta rupturas com a realidade, cultivando estados alterados de consciência, decorrentes da neurose obsessiva compulsiva. Essa patologia conduz à história da personagem, Srta. Christina Goering que é acometida de estados semidelirantes, presentes na ficção.

Christina Goering, uma solteirona respeitável e ligada à religião, decide encontrar a sua salvação nos bares, em uma busca recorrente por homens de negócios. Em uma extenuante escolha amorosa, inconsciente, os homens que a “devoram” são tipos estranhos que tamponam seu sentimento de incompletude. Com efeito, essa é uma forma encontrada pelos neuróticos, que criam a necessidade de uma nova caçada e, ao chegar no dia seguinte, são capazes apenas de obstruir e jamais de se completar, por isso têm comportamentos recorrentes, em uma procura desenfreada por meio do nada e para o nada.

Após esse preâmbulo, pretende-se fazer a apresentação da personagem e sua origem, descrição, classificação de sinais e sintomas, imagens, alegorias, relatos e metáforas, que possam ilustrar seguramente a visão do que a psicanálise denomina neurose obsessiva.

As dificuldades vinculares, a esquisitice e a bizarrice surgem já na infância: quando Christina Goering era menina, as outras não gostavam dela. Aos dez anos, já era considerada “antiquada”. Já exibia a expressão de certos fanáticos que se julgam líderes sem conseguir o respeito de quem quer que seja. Ela não sentia gratidão e sempre

tentava convencer uma nova amiga ao culto daquilo que ela própria acreditasse no momento. Ela sempre estava submetida a muitos conflitos mentais, em geral de natureza “religiosa em jogos muito moralizantes e que frequentemente envolviam Deus. Tudo ou quase tudo se tornava mais aborrecimento do que prazer” (BOWLES, 1984).

“Ela correu pelo gramado e pediu a Mary (amiga de sua irmã), que a olhasse enquanto dançava. “Vou fazer uma dança de culto ao sol. Depois vou lhe mostrar por que prefiro ‘Deus sem Sol, ao Sol sem Deus’. “Christina dançou abruptamente uma dança desajeitada, com gestos inseguros, correndo para adiante e para trás, mãos postas em oração”.

[...]

“Christina subiu numa torre e gritou por Mary. Suba até aqui... Quando Mary chegou, Christina perguntou se ela não gostaria de jogar um jogo muito especial – chamado de ‘perdoe seus pecados’ – disse Christina e você tem que tirar o vestido. A gente não brinca para se divertir, mas porque é necessário. Christina enfiou pela cabeça de Mary um velho saco de aniagem. Venha, – disse Christina, – e será absolvida de seus pecados. Fique repetindo: “Que Deus perdoe meus pecados”. Venha até a água do riacho, disse Christina. Acho que é assim que vamos lavar seus pecados. Você vai ter que parar na lama, dentro da lama. Seus pecados têm gosto amargo na sua boca? Têm de ter. Então quer ficar limpa e pura, não quer? Se você não se deitar na lama e me deixar colocar lama em cima de você, e depois lavar tudo no riacho, estará condenada para sempre. Christina a empurrou para o chão e começou a cobrir o saco de aniagem com lama. A lama é fria – disse Mary. O fogo do inferno é quente – disse Christina. Depois de colocar bastante lama em cima de Mary, Christina disse: Agora você está pronta para ser purificada na água. Bom Deus, – disse Christina, - torne essa menina Mary pura como Jesus, seu filho. Lave seus pecados como a água agora está lavando a lama. Esse saco de aniagem preto prova que ela se considera pecadora.”(BOWLES 1984, p.15-16).

Neste episódio, diante de Mary, Christina revela sintomas de obsessões e compulsões a sós e longe do contato social. Apenas diante da amiga, única testemunha, consequentemente que pactua como cúmplice, ambas distantes dos olhares da cidade. A Srta. esconde-se do público e cria o pacto mantendo-se os segredos. Este caráter privado do cerimonial neurótico aparece, com a diferença, em relação às práticas religiosas, que

possuem um caráter público e comunitário. Na neurose obsessiva, a religiosidade universal ganha uma caricatura de espécie de religião privada. Este ato obsessivo serve para expressar motivos e ideias inconscientes. Observa-se, ainda, uma organização pré-genital da vida psicosexual, quando predominam as pulsões parciais, especificamente, as pulsões sádicoanais. No jogo relatado anteriormente, Christina relaciona-se com a “lama” e o saco de aniagem “preto”, fazendo alusão ao excremento.

“Quando Christina Goering se tornou uma adulta, não era mais amada do que fora em criança. Tentou ser líder religiosa quando era jovem; porém agora se encontrara só, morava na casa que herdou e tentava não ser infeliz demais. Na verdade a Srta. Goering parecia um pouco ‘doida’, e com olhos atentos”. A Srta. Gamelon (sua amiga), notara imediatamente que a Srta. Goering possuía algumas características estranhas como, por exemplo: quando a Srta. Goering tentava vender sua linda casa, ao segurar o contrato de venda, ela tremia intensamente e apresentava total descontrole por meio de sua fisionomia (BOWLES, 1984).

A Srta. Gamelon disse para a Srta. Goering que nunca viu uma pessoa mais insensível do que ela. A Srta. Gamelon estava preocupada se realmente a Srta. Goering estava ficando ‘louca’. Parecia cada vez mais magra e nervosa. Insistia em fazer a maior parte da lida da casa sozinha. Estava sempre limpando o chão, polindo as maçanetas das portas e as pratas, e também se tornou muito avarenta.

[...]

“A Srta. Goering disse: Certamente estou mais próxima de me tornar ‘Santa’; refletiu ela, ‘mas será possível que parte de mim, que não consigo ver, esteja amontoando pecado sobre pecado tão depressa quanto a Sra. Copperfield’”? (BOWLES, 1984).

No gosto pela ordem e pela limpeza encontra-se a “escrupulosidade no cumprimento de pequenas tarefas”. Vê-se, ainda, o caráter econômico, que pode chegar até a avareza. De fato, o senso de ordem, o espírito de economia e a obstinação são vestígios da fortíssima acentuação erógena da zona anal, que marca a constituição sexual de certos sujeitos.

A Srta. Goering é descrita com uma extenuação para a escolha amorosa, o que representa bem o que se pode denominar neurose obsessiva. É submissa à culpa, estabelece punições diversas para si mesmo e tem uma preocupação obsessiva com a santidade. O fio condutor? A dúvida obsessiva.

Em sua procura por uma relação amorosa, ela sempre esbarra com tipos bem estranhos, Arnold, o castrado, Andy, o narcisista e ainda “Ben”, um gângster, seu novo amante, um traste esquecido e sem nenhum valor. Sua relação com os homens é tênue, instável, incestuosa e presa à cena primária.

Após aclarar sobre o tipo de dama exuberante que é a personagem Christina Goering, faz-se necessário conhecer com maior especificidade o que a distingue das demais damas e suas características obsessivas e ritualísticas.

A personagem principal do livro de Bowles (1984), a senhorita Christina Goering, já em seus primeiros anos de vida, distinguia-se das demais crianças de sua idade, por praticar diversões com normas rígidas. As atividades por ela desenvolvidas, para qualquer outra, eram consideradas uma chatice, para Christina, entretanto, um mal necessário, já que ela possui a crença de que as brincadeiras ocorrem apenas por necessidade e não por diversão. Nessa fase, ela apresenta conflito referente à religião e a “DEUS”, assim como preocupação com o pecado, que já havia se estabelecido em sua personalidade.

A criança Christina Goering, não possuía facilidade de fazer amigos, porém, não fazia questão de tê-los. Nesse período, ela relacionava-se apenas com uma amiga de sua irmã. As brincadeiras em conjunto só eram praticadas, quando ela conseguia, desta forma subliminar, afastar a irmã da amiga, Mary. Para ter a atenção desta. Christina aproveitava-se da ausência de sua irmã. Caso o afastamento não fosse espontâneo, Christina buscava um jeito de provocá-la.

As brincadeiras não eram chamativas para Mary, que participava delas, pois Christina só permitia que a amiga fosse expectadora de suas ações. A outra criança só participava e interagia com ela, quando a ação era requerida, como, por exemplo: no primeiro momento, Mary era apenas expectadora da dança frenética que Christina ofertou ao deus sol. A amiga só tomava parte, quando era solicitada para o cerimonial do perdão e purificação. Christina posicionava-se como líder, embora fosse impositiva. Sua postura beira fanatismo dos que arrogam para si uma liderança, por ter conseguido o respeito de apenas um ser humano. Dessa forma, suas brincadeiras eram apenas práticas para espiar a culpa.

Aos dez anos, Christina já era considerada pelas amigas uma pessoa retrógada. Seu discurso se parecia com o de um adulto, sempre apresentando às outras crianças um mundo cheio de regras e valores, que ela julgava adequados e que deveriam ser interiorizados pelos outros. Ela porém era apenas uma criança com postura rígida,

exibindo expressões de fanáticos. As crianças só interagiam com Christina quando se compadeciam dela. Christina entretanto, não conseguia ter gratidão por elas. Salienta-se que suas brincadeiras possuíam cunho moralista, envolvendo o “divino”, todas elas tornavam-se um culto à divindade, o que distancia as demais crianças.

Ao adentrar o mundo dos adultos, a senhorita Christina Goering, trazia consigo a antipatia da sua vida de infância. Mantinha-se distante, continuava com poucos amigos, não gostava de viajar. Uma vez até experimentou uma viagem, mas seu corpo expurgou: estômago ficou irritado e sofreu dores de cabeça. Conclui, dessa forma, que tais sintomas eram um aviso de alguma divindade, que a protegia, sinalizando que não deveria viajar mais.

A Srta. Goering herdou uma casa ampla, que conferia certo *status* social. Vivia nessa casa apenas com sua governanta. Esta a considerava, uma dama esquisita e muito sensível. Em uma tarde qualquer, a Srta. Goering recebeu a visita da Srta. Gamelon, sobrinha de sua governanta, que quis conhecê-la, por ouvir a tia relatar a esquisitice dela. A Srta. Gamelon, contudo acredita que com as pessoas esquisitas era mais fácil estabelecer amizade. Com efeito, Goering impressionou Gamelon por seu nervosismo e sensibilidade.

Já no dia seguinte, Gamelon volta a visitar a Srta. Goering, quando recebeu um convite para almoçar e passar o dia em sua casa. No final deste período, Gamelon é convidada a morar na casa de Goering, nos aposentos de hóspedes. Ela aceita o chamado imediato, com a ressalva de buscar seus pertences na casa da irmã. Essa atitude da Srta. Goering legitima a estranheza e esquisitice relatada pelos demais. A Srta. Gamelon passa a viver como dama de companhia ou como uma amiga próxima. A Srta. Goering leva a nova companhia a lojas, para fazer compras. Esta não demonstra dificuldade de dispor do seu dinheiro para a nova amiga. Esse desprendimento, entretanto, é usado como mecanismo de expiação de seus pecados. Como é uma pessoa boa, que doa, é aliviada do peso de ideias que não são propícias ao “divino”.

A propósito, Goering acredita que para obter a salvação, como forma punitiva de autoflagelo, deve viver sem se ostentar. Assim, considera ideal mudar a própria vontade, antes que essa lhe imponha alterações arbitrárias. Julga, por exemplo, que morando em uma casa confortável pode provocar ideias e fantasias de luxúria, o que, conseqüentemente a distanciaria de “DEUS”, pois estaria alimentando seus pecados. O peso do sentimento que o pecado provoca é insuportável a sua vida psíquica.

Em relação a Gamelon, a Srta. Goering demonstra preocupação com sua vida religiosa. O início da relação de amizade entre elas foi pautada por troca de favores. Gamelon apareceu do nada, achou a casa linda e confortável. A Srta. Goering, por sua vez, queria uma companhia e passou a custear a vida da amiga. Quando a moça mudou-se para a casa da Srta. Goering, esta indagou, se ela possuía um anjo da guarda, porque este concede uma revelação sobre o futuro e fatos importantes da vida das pessoas. Contou-lhe, então, que o seu anjo da guarda lhe revelara a boa sorte com dinheiro. Goering acredita que obter essa informação é uma forma de conhecer a nova companhia, pois o anjo funciona como um oráculo que desnuda o indivíduo.

A religiosidade da Srta. Goering já é parte da representação social que as pessoas construíram sobre ela. Essa representação foi legitimada pela pergunta de outra personagem do romance, a Sra. Copperfield, que ouviu de seu marido e de outras pessoas, que a Srta. Goering tem uma verdadeira natureza religiosa. Esta, por sua vez recita a frustração de não ter se tornado uma líder religiosa, quando ainda era jovem. Já nessa altura de sua vida ela queria apenas ser menos infeliz.

Nesse momento, cabe clarear como são construídas as representações sociais e a sua disseminação, para, dessa forma, haver o entendimento de, como a imagem de religiosidade da Srta. Goering tornou-se uma característica consensual entre os que a conhecem.

Moscovici (1976, 1978) iniciou suas pesquisas, buscando saber como os conceitos criados pela psicanálise eram utilizados nas explicações da vida cotidiana. O autor destaca que houve uma difusão dos conceitos psicanalíticos pelos meios de comunicação, o que estimulava o seu uso sem a fundamentação teórica original. Em decorrência, as pessoas passaram a dar explicações utilizando os conceitos da psicanálise, conferindo sentido as condutas individuais. Desse modo, uma representação da atividade psicanalítica foi tornando-se popular.

De acordo com o autor supracitado (Ibid), as representações sociais permitem conhecer os mecanismos que os indivíduos usam para transformar o desconhecido em conhecido, o distante em familiar. Esse mecanismo foi usado entre os que conheciam a Srta., para nominar o seu comportamento estranho. Se essas pessoas dominassem o conteúdo da psicanálise, poderia ser nomeado como um tipo de neurose obsessiva, e não de religiosidade. Essas pessoas trazem para o conhecido (religiosidade) o desconhecido (comportamento estranho). Para efetuar tais transformações, os indivíduos possuem um papel ativo na construção de um novo olhar relativo ao não familiar, em contextos

sociais e também nas modificações de pensamentos sociais. O indivíduo faz uma releitura do objeto (comportamento da Srta. Goering) desconhecido e acrescenta à nova leitura suas percepções e construções sociais. Essa nova leitura passa a ser disseminada entre as pessoas nas inter-relações por meio da comunicação.

Conforme Moscovici (1976-1978), as representações sociais são conjuntos de conceitos e explicações construídos na vida cotidiana, com base no senso comum e para o senso comum. Surgem, dessa forma, conhecimentos que explicam conceitos distantes da realidade (neurose obsessiva) do indivíduo e transformam esses conceitos em saberes próximos e familiares, (religiosidade). Compreende-se, dessa maneira, que as representações sociais são processos de construção da realidade, ou seja, um olhar diferente do objeto nele mesmo.

Para o estudioso mencionado (1976, 1978), ao construir uma representação, o indivíduo lança mão de experiências e testemunhos que acumulou ao longo da vida. Para explicar um conceito ou um objeto desconhecido, a pessoa resgata simbolismos, signos, significados. Na construção das representações sociais, entretanto, existem dois mecanismos: A ancoragem e a objetivação. Ambos não são processos estáticos, mas dinâmicos, dialéticos e metamórficos.

Segundo Moscovici (Ibid), a ancoragem é o processo pelo qual o indivíduo vale-se de uma realidade presumida para uma nova construção. Já a objetivação é o mecanismo que possibilita a pessoa explicar e avaliar um objeto de uma nova forma. O indivíduo traz o conceito ou objeto para próximo de si mesmo, atribui-lhe imagem, sentido, tornando-o familiar, uma realidade pensada. A característica de religiosidade construída pelos indivíduos do grupo de pertença social da Srta. Goering é uma representação suportável ao mundo psíquico dos membros de seu grupo, haja vista que as pessoas possuem dificuldades em conviver com as conturbações psíquicas dos demais.

No tocante à vida e à psique da Srta. Goering, questão principal e foco deste capítulo, cabem salientar que, em certos momentos ela apresenta características expressivas de pessoa que não possui a sanidade. Essa assertiva pode ser ilustrada com o seguinte fato: Quando ela foi assinar o contrato de venda da sua casa, apresentou um enigma deste desejo de insatisfação, irritação, mãos trêmulas, semblante de espanto, olhos arregalados e agitação psíquica. Ela não verbalizou que a venda da casa é uma forma de expiar seus pecados e alcançar a salvação, morando em uma casa modesta. Segundo Gamelon, esses comportamentos esquisitos beiravam a loucura. Tal esquisitice

é constatada por Gamelon, em um determinado momento, qual seja, a Srta. Goering instiga a preocupação alheia sobre a sua loucura. Gamelon revela que Goering está cada vez mais magra e nervosa, impelia-se a realizar todos os afazeres domésticos, limpando e polindo constantemente às maçanetas das portas e a prataria da casa.

Indagada sobre o seu esforço físico nos afazeres domésticos e a falta da atividade física planejada (esporte), Goering declara, que essa prática lhe provoca a sensação de estar cometendo pecado. De forma hipotética, pode-se dizer que praticar uma atividade física, como, por exemplo, um esporte, aumentaria o seu nível de noradrenalina e consequentemente o prazer é liberado ao corpo. Nesse caso, o prazer é sentido pelo corpo de forma consciente. Como um modo de enganar-se na busca pelo prazer, a Srta. Goering pratica exercícios realizando as atividades domésticas. Dessa forma o seu nível de noradrenalina aumenta e provoca a sensação de bem-estar (prazer), idêntico ao que a atividade física planejada proporciona ao corpo, com a diferença de que, nos afazeres domésticos, a sensação de prazer é vivenciada no nível do inconsciente. Goering realiza todos os afazeres domésticos com exímia precisão, assim, essa atividade não lhe suscita sensação de estar praticando o pecado, pelo contrário.

Bowles (1943, 1988) destaca algumas características contraditórias da senhorita, como, por exemplo, ela se obriga a fazer a limpeza, adota uma severa restrição de gastos e se muda para um casebre. A Srta. Gamelon, alega que sua amiga sobrevive com menos de 10 por cento, do que poderia viver. Ela aplicou em um banco o dinheiro da venda de sua casa, retirando apenas uma pequena quantia para manter a alimentação. A discrepância está, também nas regras que ela usa para fazer os gastos com seu dinheiro: Ao mesmo tempo que faz uma severa restrição de despesas, não se incomoda em custear a alimentação de Arnold, um amigo que mora com elas.

Essa austeridade e avareza reforçam a forma de punição e expiação de seus pecados. No seu ponto de vista, a luxúria distanciá-la-ia de “DEUS”. Na verdade, a contradição permeia a vida da Srta. Goering em todas as suas instâncias. Ela tenta por meio de sacrifícios atingir a santidade e, por outro lado, busca a punição, procurando homens atormentados por um gozo pelo gozo, amontoando-se de “pecados”.

Certa vez, a Srta. Goering partiu para uma pequena ilha em busca de uma “amiga”. Já no início de sua viagem enfrenta problemas com uma senhora que se sentava ao seu lado. Não consegue estabelecer um vínculo, impõe um diálogo que não é aceito pela outra, e é plenamente rejeitada pela ouvinte. Goering rejeita essa atitude e tenta permanecer em sua posição de controle, mesmo sendo repudiada. Essa postura de

insistência é a repetição do seu comportamento da infância, quando impunha a liderança para a Mary.

A contradição permanece impregnando a Srta. Goering. Ela procura a “santidade”, porém, parte dela, não consegue ver plenamente essa busca. Ao pisar no solo do desconhecido (ilha), de forma específica no porto, a dúvida sobressalta a sua vida psíquica. Acredita que se não atravessar rapidamente o píer de madeira e adentrar na balsa, que faz a travessia do mar para a ilha, seu objetivo pode não ser alcançado, e, como um passe de mágica, ela retornar para sua casa, para Arnold e o pai deste e para Sra. Gamelon.

Em terra firme, é tomada de forma súbita por uma coragem jamais vista. Ela que, ao contrário deste comportamento apresentado de forma situacional, sempre foi extremamente medrosa, contudo, o demônio adormecido em sua carne acorda e a devora na pulsão do princípio do prazer. Goering inicia uma busca recorrente por “homens conturbados”, que supram a sua incompletude e vazio interior. A busca, portanto, é frenética, porém “apenas busca”. O prazer no desprazer, o gozo por meio do “sacrifício”, flagelo, todavia o “gozo pelo gozo”.

As esquisitices da Srta. Goering estão alicerçadas também em suas relações com o gênero masculino. Nesse romance em que é o personagem principal, o primeiro homem a abordá-la foi Arnold, um artista frustrado, que também malogra toda a fantasia sexual que a moça pudesse alimentar, ao menos de forma sutil almejar. Inevitavelmente, ela conhece o pai de Arnold. O homem manifesta uma rivalidade explícita com o filho, competição, tentando mostrar superioridade para a mulher que o filho levou a sua casa. Relata a fragilidade que o filho tem, como, por exemplo, ser um “fracassado”.

Segundo Telles (2006) em sua viagem à ilha a Srta. Goering conhece Andy, um solitário, alcoólatra em recuperação, que sente um irrefreável desejo sexual por ela, que por sua vez, o rechaça. Ela o abandona friamente, no momento em que ele está fragilizado e necessitando de seu apoio, já que acaba de passar por uma grande decepção. Ao tentar retomar sua vida profissional, ele é frustrado, pois não consegue, é considerado um completo imbecil pelos homens com que tenta fazer negócios. Isso o deixa com sentimento de fracasso e uma profunda angústia. E então, suplica a Srta. Goering que permaneça ao seu lado. Ela o abandona, por perceber que há outro homem misterioso a observá-la e sente um forte desejo de se tornar-se sua amante.

Finalmente a senhorita conhece este homem misterioso chamado Ben, aparentemente determinado, que o autor apresenta como um gângster. Ben, encanta-se com a moça e indaga-lhe se sua profissão não seria a de prostituta. Ele acredita fielmente ser essa sua verdadeira profissão. Após um breve encontro, o gângster (Ben) friamente a abandona em um restaurante, Alegando ter de fazer uma viagem irrecusável às pressas. Agora só, a Srta. Goering questiona se todas essas conturbações, vivenciadas intensamente, faz dela uma “santa” ou uma “puta”.

Compreende-se então que esse questionamento derive dos sentimentos, como punição, pois relacionar-se com esses tipos exóticos, conturbados, seria resignação e, assim, poderia fazer dela uma santa. Envolvendo-se com esses homens, ela está, de certa forma, praticando uma caridade, haja vista que ela escolhe, de forma minuciosa aqueles homens que têm severas conturbações psíquica e restrições afetivas. Ela indaga a si mesma se mantendo essas relações, das quais não se sabe, de forma exata, consumou de fato o sexo. Ela transformar-se-ia em uma “puta”, por manter práticas que para ela são reconhecidas como pecaminosas.

Como já se registrou, a contradição permeia a vida psíquica da Srta. Goering. Ela acredita que está se punindo, ao profanar seu corpo. Pode-se dizer que, nesse momento, ela é regida pela ambivalência da dor e do prazer, o que gera o eterno conflito, diante da seguinte dúvida: O sacrifício a aproximá-la-ia do profano ou do sagrado?

O desequilíbrio da Srta. Goering causa uma acentuada ambivalência relacional. Ela rumina indefinidamente a sua insatisfação com o outro, por perceber a incompletude deles. Penetra em um emaranhado de dúvidas e escrúpulos de ordem moral, que acaba inibindo o seu pensamento diante da percepção de sua própria conduta.

A explanação sobre as condutas da Srta. Christina Goering gera vários eixos de análise. Uma dessas poderia ser o fato dela sentir um estranhamento do seu ser, em diferentes momentos. Pode-se formular a hipótese de que o seu conflito devastador entre o sagrado e profano e a sua expiação por meio do autoflagelo, levam-na ao umbral da insanidade da alma e da psique. Essas ações da Srta. Christina Goering favorece conjecturar que tipo de adoecimento a acometeu em sua vida mental: Alguns aspectos de sua vida indicam ser neurose obsessiva. De acordo com Jerusalinsky (1999), a neurose obsessiva em mulheres é mais devastadora que em homens.

Segundo Legran (1875), a neurose obsessiva é também considerada a “loucura da dúvida”. Este autor assevera que essa loucura é uma afecção, que afeta mais o gênero

feminino do que o masculino. Segundo Ribeiro (2001) até na atualidade comprova-se que as mulheres, incluindo as obsessivas, falam mais de seus problemas e de suas falhas que os homens. Assim como Freud (1931), a autora assinala que essa é uma propensão da feminilidade e advêm das vicissitudes da travessia do complexo de Édipo em mulheres. Ela sustenta que Freud (1931), postula que na psicanálise, entre o gênero masculino e feminino, o importante é a posição que a pessoa assume em relação ao falo. O falo que importa é o que falta na mulher.

O obsessivo é governado pela lógica fálica, necessita ter objetos desejados para atribuir valor fálico, como dinheiro, mulheres, carro, etc... Embora dê esse valor, isso não recobre a falta, que é estrutural.

Há, porém, de salientar que para Ribeiro (2006), a neurose não se estabelece por uma questão de gênero. A experiência clínica da autora e a literatura mostram que existem tanto homens quanto mulheres obsessivos. As características da neurose obsessiva permeia tanto o gênero masculino como o feminino, ambos vislumbram não possuírem culpa. Com efeito, o obsessivo está condenado a dar sempre de si para pagar uma dívida impagável e esse sentimento está na vida psíquica de ambos os sexos. Segundo Khel (2008) a mulher possui maior flexibilidade para falar de sua neurose. Esta autora sustenta que a cultura europeia do séc. XVIII e XIX postularam atributos e predicados que uma mulher deveria ter. O papel feminino, nessa sociedade, estava intimamente ligado à maternidade e à submissão. Possuidora de uma vocação natural para a família, a mulher deveria exercer seu papel de cuidadora e do zelo doméstico. A feminilidade por si só determinava as virtudes que daquela época deveria ostentar: O recato, a docilidade e a receptividade ao que o marido determinasse.

Compreende-se, dessa forma, que a mulher internaliza tais atributos e predicados, para exercer o seu papel social, suprimindo qualquer pulsão de desejo que não atenda a essas expectativas. Sua conduta deve ser sempre ilibada que atenda apenas ao espaço da família. Qualquer desejo deve ser extirpado, antes que a devore, vigorando o puritanismo de uma época. Qualquer mulher que permita a vazão de algum tipo de pulsão relacionada ao prazer caracteriza-se como discrepante. Surge da discrepância outro tipo de mulher, a mulher nervosa, que sofre de vapores, ponto de fixação da histerização³ do corpo (Satura a sexualidade, patologizando o corpo).

³ A histerização é um termo usado por Foucault (1988). Designa o fato de o corpo feminino tornar-se objeto médico. Esse por sua vez, determina diretrizes para as mulheres (ordens, normas) a fim de atender a uma demanda social. Investe-se de sexualidade seu corpo, reduzindo-o a uma sexualidade frágil e muitas vezes patológica.

De acordo com Kehl (2007), às mulheres da época do estudo de Foucault, era destinado apenas a subjugação até na sexualidade. Deveriam ter um modelo ideal, calcado na religiosidade e na repressão dos seus desejos. O estudo dessa autora propicia inferir que a senhorita Goering poderia estar guiada por tais condutas, gerando o sentimento de que o prazer, pautado apenas no prazer, leva ao pecado.

De acordo com Châtelet (1997) ser feliz é uma obrigação que deveria ser imposta ao humano, facultando até mesmo romper paradigmas individuais e religiosos para tal feito. De forma contraditória porém, a autora assegura que o indivíduo não pode viver de amor e de prazeres. Relata também que existe uma gama de recursos para que o homem encontre a felicidade, ao contrário das mulheres.

Assim sendo, para os homens, a glória e a ambição da guerra propiciam a felicidade. Eles obtêm êxodo nos prazeres da vida pública, condição ainda restrita à maioria das mulheres. Dessa forma, pode se considerar que para mulher resta apenas a ideia de uma natureza feminina universal. Cabe-lhe então buscar a única via que lhe resta para alcançar a felicidade, o casamento. Desse modo, sua felicidade é tangente apenas no aspecto privado, jamais no público.

Esse é o decreto destinado ao gênero feminino. É certo que de alguma forma foi rompido, porém seu resíduo se arrasta até os dias atuais. De acordo com Kehl (2007), a conduta da mulher sempre foi julgada com maior severidade, ao contrário do homem. A burguesia dos séc. XVIII e XIX também comungavam dessa rigidez de conduta apreciada pela sociedade. Essa classe social internalizou a regra de que a mulher possui um lugar social fixo, e que a felicidade só era possível no âmbito doméstico.

De forma precisa, Kehl (2007) registra que o romance de Flaubert, romance da pequena Emma Rouault, mostra diversos conflitos existentes no mundo psíquico da mulher, haja vista que a personagem é obrigada à acreditar que nasceu para ser uma dama educada, dócil. Assim sendo, deve buscar o caminho da feminilidade, construir-se para atender à necessidade de uma sociedade dirigida e regida por homens. Surge contudo, o conflito: E se a mulher tomar posse de sua singularidade e resolver se mostrar?!

Cada mulher é um sujeito em construção, busca identidade, possui singularidade e representações para produzir sua própria identidade social de mulher. No romance citado pela autora, a personagem principal, ainda criança, perde a mãe e vai morar em um convento. Cresce lendo romances, não possui muitos amigos e transforma a leitura em um refúgio. Suas leituras, porém, alternam entre estudos bíblicos e romances.

Emergem daí seus grandes conflitos psíquicos: Ela só conhece o mundo santo e o mundo de prazer (pelos livros). Por exercer prática religiosa e ao mesmo tempo ler romances que dão vazão ao erotismo de sua alma, sua mente cria uma severa conturbação, entre o sagrado e o profano (KEHL 2007).

De acordo com esta autora referenciada, a pequena Emma Rouault, que é uma personagem, cria uma outra personagem em sua mente para representá-la diante de seus conflitos e com forças para o uso de mecanismo, como o misticismo. Para expiar a culpa de ler o que julga profano, ela, ao participar de missas religiosas, entra em um estado de pura contemplação e meditação, docilmente embalada pela presença do “divino”. Dessa forma, ela se mantém distante da santidade, que poderá julgá-la e condená-la. Essa é uma tentativa severa de instaurar suas fantasias devotas e protetoras, para que o erótico não a destrua.

No romance focalizado neste estudo, a dama bem comportada, a personagem Srta. Goering, também faz uma cisão entre ser uma mulher devota e preocupada com a santidade e uma medrosa por convicção. Para depois dar vazão ao erótico e o profano, desperta em seu corpo uma nova mulher, ousada, corajosa, destemida e desprovida de preceitos puritanos, portanto ela se permite buscar homens diferentes e vivenciar com ele, experiências que beiram gozo sexual, porém esse permanece no limbo das incertezas. Ela vai para casa de Andy, um desconhecido que encontra em um bar. No primeiro momento, ela apresenta certa resistência, retornando ao seu lar, entretanto volta ao encontro de Andy e permanece em sua casa por oito dias consecutivos. A mulher que pratica esses atos pretende ser diferente da que busca a santidade.

Compreende-se que, no mundo das ideias e de internalização de proibições, aparecem as decepções de origem libidinal, como por exemplo, as fixações e regressões que provocam decepções de caráter anal. Essas decepções possuem características do mundo exterior que podem se vincular à neurose obsessiva, como as avarezas e obstinação. Essas ideias de cunho psicosssexual podem, todavia, ser deslocadas para outro objeto, forçando o indivíduo a praticar ações de expiação de forma recorrente.

De acordo com Salomé (1910, 1991), o eu humano está repleto de angústias originadas da vida sexual de ordem erótica. Está eternamente envolvido com um processo contraditório: O prazer (impulso interno) e a castração (inibições externas). Na oposição entre essas pulsões, o eu exterioriza a sua essência pela primeira vez, para o surgimento do princípio da unidade entre anseio e renúncia, entre o ser e dever, corpo/alma.

Submerso nos processos contraditórios, está à oposição do sujeito a ele mesmo, por meio das proibições e castigo que ferem a sua reação e seu ambiente. Segundo Salomé (1991), Freud afirma que à medida que surgem as proibições vem o ódio. Dessa forma, a culpa se instala e o indivíduo atormentado pela ideia ou pelo ato que gerou o prazer tenta formas para renunciá-la. As mulheres em diversas situações acreditam que o sexo e o prazer por ele mesmo, proporcionado, deve ser anulado, por uma única função, a maternidade (SALOMÉ, 1991).

Segundo Salomé (Ibid), a maternidade não é uma forma pela qual a mulher se revela, é apenas uma imagem esperada por uma ação social. Existe também a crença de que a maternidade legitima o símbolo do amor, deve ser um atributo de mulher. Essa necessidade surge para o cumprimento de normas que a igreja aprova, submetendo a sexualidade às regras religiosas. Isso é uma forma de santificar o sexo, só consentido-o mediante o cumprimento do que a sociedade espera do homem e da mulher. O sagrado sobrepõe à necessidade individual.

A santificação do ato sexual permite refletir sobre a questão do dom nele mesmo. O que separa a virgem puritana da prostituta são as ações e os comportamentos esperados. O que elas possuem em comum, todavia, são as normas, que se aproximam por caricaturas. Essas normas encontram-se no extremo, como, por exemplo, o dever de manter a impossibilidade de alcançar o prazer. A virgem não deve obter o prazer, porque é pura e devota às virtudes de uma donzela; já a prostituta não deve obter o prazer, porque está sendo paga para dar prazer. A essa mulher leviana por sua vez, já esta condenada ao “mármore do inferno” e ao repúdio social (SALOMÉ, 1991).

Conforme essa autora, a virgem está destinada ao papel de mulher pura e casta, portanto admirada socialmente. Essa noção induz a concluir que o lugar onde a virgem foi colocada, o mais alto degrau de “um altar”, simbolize de forma evidente, a negação da sexualidade. Desse modo, fica alicerçada a ideia de que a mulher deve abdicar dos prazeres eróticos, para ser considerada pura e ser aceita.

O processo contraditório, na sexualidade, permeia a ordem de que a sensualidade feminina é também considerada um castigo. Assim, quando este estado, se desabrochar a mulher deve santificar-se por si própria e não consentir a vazão da voluptuosidade. Deste modo, se sua carne queimar pela pulsão do princípio do prazer, se o desejo for enraizado em um amor casto e santo, será possível e permitida a eliminação dessa pulsão. Segundo Salomé (1991), quanto mais a mulher se realiza pessoalmente, ela sai

do papel passivo a ela destinado, e passa, então, de um plano inerte para uma ação de relação viva.

Se a mulher adota uma última conduta descrita, existe a possibilidade de que seu homem ocupe o papel a ela destinado, a “passividade” sexual. Nesse caso, entretanto, a ele não será aplicado o termo santidade como o é para o sexo feminino. Essa designação somente é utilizada para homem se ele submeter à abstinência total da sexualidade (SALOMÉ, 1991).

A propósito, em alguns grupos, o erotismo desperta dois sentimentos: O egoísmo e altruísmo, o que pode ser tratado como retraimento da vontade individual, gerando até a sucessão da hostilidade. Existe porém, a possibilidade de que os grupos mudem e passem percebem que se trata da completude de que um precisa do outro. O prazer, a fim de alcançar o prazer pelo prazer, necessita de provocar dor. A pessoa precisa possuir a si mesma para possuir o outro (desejo/vontade). Compreende-se, então, que o homem não pode sentir prazer pelo “roubo” e, sim, por meio de uma alma aberta a dar e receber.

Assim como o animal irracional, o ser humano carece de conjugar o acordo de que o amor entre o sexo é uma luta de sexos, portanto existe a possibilidade de uma conversão do amor para o ódio. O profano, para alguns pode ser o devorador da carne e para outros, apenas um ato de amor que comunga a vida. Por seu turno, o sagrado pode gerar o macabro, haja vista os ritos de pulsão de morte, como, por exemplo: O corpo de uma virgem é uma oferenda para alguma divindade (SALOMÉ, 1991). Maciel (2007), corrobora com o entendimento de Salomé (1991), e enuncia que:

“Para enfrentar a morte e mobilizado pela angústia que a consciência desta suscita, o homem cria o artifício. Ele a cria por ter a consciência da morte, coisa que os animais, por viverem num estreito regime natural, não criam. Com a consciência da morte, o homem é condenado à tragédia. Neste mundo trágico, nascem o êxtase e seus objetos. Entendemos, então, a partir das indicações acima colocadas, o êxtase, o erótico, o excesso como afirmações da vida, a partir dessa consciência da morte. O êxtase pertence à mesma categoria das atividades de livre gasto de energia, tal como o erotismo. Sabemos também que o domínio erótico é aberto em nós por nós.” (MACIEL, 2007, p 143)

Salomé (1991) mostra-nos ainda que a sexualidade percorre os estados dos mais primitivos aos mais complicados, dos mais limitantes aos mais liberados. Contudo, no mundo dos mais remotos tipos de animais, o sexo ocorre de forma não estruturada, mais

em uma totalidade, perfeita nele mesmo. Dessa forma, o sexo é praticado sem culpa, limites e sofrimento psíquico. Não significa necessariamente que entre esses animais não exista também a contradição, porém a forma como vivenciam o sexo é o que gera leveza e os difere dos animais racionais.

Mergulhado em sua loucura, o humano pode afastar ou negligenciar o valor supremo da experiência sexual. O louco que habita na razão humana impede que a experiência se complete de forma plena e que a embriaguez amorosa seja vivenciada. Não obstante, permeia o humano uma transfiguração do sexo, velando-o como se fosse necessário.

“Sabemos também que o domínio erótico é aberto em nós por uma recusa da vontade de nos fecharmos em nós mesmos. No entanto, e por outro lado, no erotismo o *eu* se perde. Ou seja, ainda seguindo as indicações deixadas pelo autor, o sentido último do erotismo também não deixa de ser a fusão, a supressão dos limites. Bataille entende o erotismo como busca da fusão com o objeto primário, característica da dissolução dos limites”. (BATAILLE, 1987, p21)

O erotismo em uma mente inquieta pode ser vivenciado com vários sentimentos, como perda de si, dor e prazer, algo que vai contra a convenção social. Bataille (1987) afirma que o erotismo pode ser sentido como impureza, ou sujeira e não necessariamente como ato sexual. Pode ser apenas o desejo em mente inquieta. “o erotismo” nasce da sexualidade interdita e possui dois elementos: Interdição e transgressão.

RESULTADO

Inicialmente, foram analisados as características e o desenvolvimento da neurose obsessiva, por meio de diversas obras referentes a essa afecção. Sua dinâmica, em homens e mulheres também foram revistas, dando-se ênfase nos conteúdos revelados nas obras: *O cavaleiro inexistente* (Calvino, 2001) e *As duas damas bem comportadas* (Bowles, 1984).

A escolha da obra de Calvino (2001) para esse estudo deve-se sobretudo ao interesse que ela desperta ao vislumbrar a riqueza plástica e conceitual do seu personagem principal, possibilitando uma reflexão acerca de várias questões de destaque, ligadas à contemporaneidade. Uma das importantes e recorrentes patologias desse tempo é a neurose obsessiva, que possui uma gama de sintomas, como, por exemplo: a ambivalência infiltrada de dúvida, exigência de controle, pensamento mágico, rituais de fazer e desfazer, confusão entre pensamento e ação, degradação do desejo em necessidade.

A obra de Bowles (1984) veio ao encontro do propósito de responder aos objetivos definidos para esse estudo. Os principais resultados encontrados são os que se seguem.

Ao fazer um paralelo entre as obras relacionadas, pode-se ver que o nível de identificação e o de características semelhantes entre o cavaleiro Agilulfo e a Srta. Goering indicam acometimento da neurose obsessiva, o que permitiu refletir que eles comungam das mesmas especificidades etiopatogênicas. Sob o enfoque dos mecanismos, detectam-se: deslocamento do afeto para as representações relativamente distante do conflito original e isolamento e anulação retroativa; e sob o enfoque da vida pulsional, a ambivalência, fixação no estágio anal e regressão. Finalmente, do ponto de vista tópico: a relação sadomasoquista interiorizada mediante a forma de tensão entre o ego e um superego muito rígido.

Do exposto, deduz-se que essas características comungadas por Agilulfo e a Srta. Goering acometeram e acometem a psique do homem medieval, contemporâneo e moderno, todos eles padeceram e padecem do mesmo mal.

Os principais conflitos apontados para os personagens:

- A angústia diante do nada, como, por exemplo, a que sente Agilulfo ao temer sua dissolução no vazio.

- Um limiar tênue entre a razão e a loucura.
- Ação condicionada pelo pensamento (ação x razão).
- Exploração analítica do mistério, do vago e do indeterminado.
- Indagações que englobam uma série de possíveis respostas, gerando incertezas e inseguranças.
- A inexistência de Agilulfo, corpo que provoca mal-estar, pois coloca o indivíduo diante do indeterminado.
- Proibições, medidas de proteção e penitências.
- Dúvida, cruel entre o sagrado e o profano.
- Satisfações substitutas do sadismo anal: exigência, controle e domínio.
- Ritual obsessivo, culpa excessiva e religiosidade infantilizada.
- Extenuação para escolha amorosa.
- Submissão à culpa.
- Autoflagelo.
- Busca da santidade por meio de ações insanas.
- A separação entre emoção amorosa e sexualidade (tema frequente percebido em nossa cultura).
- A dúvida usual na Neurose Obsessiva recai sobre conflitos a respeito da masculinidade (atividade) e feminilidade (passividade), amor e ódio e conflito entre o superego e as pulsões.
- O cerne do dilema da Neurose Obsessiva está no medo do desamparo (perda do afeto) quando existe o predomínio da emoção amorosa relacionada ao objeto.
- Medo do aniquilamento quando prepondera uma emoção agressiva em relação ao mesmo objeto.

DISCUSSÃO

O objetivo geral do estudo foi investigar e explorar aspectos da dinâmica afetiva da neurose obsessiva, por meio de proposições contidas na obra de Ítalo Calvino e Jane Bowles.

Esta discussão inicia-se pela noite de amor, se é que se pode usar esse termo para o que houve entre Agilulfo e a rainha Priscila. Esse é um tema que embriaga tanto os personagens quanto o homem da atualidade.

Vale-se do pressuposto de que em sua dinâmica a neurose obsessiva em homens e mulheres, difere-se nos aspectos quantitativos. Alguns teóricos, entretanto, como Jerusalinsky (1999), postulam que na mulher a neurose obsessiva é mais devastadora do que nos homens, porém uma vez acometidos por essa afecção, o sofrimento psíquico no nível inconsciente é o mesmo. Essa assertiva pode ser ilustrada com o cavaleiro inexistente, “Agilulfo”, e a Srta. Christina Goering que padecem desse mal.

É importante salientar que o neurótico obsessivo não escolhe estar no processo neurotizado, entretanto enfrenta um conflito psíquico em questões, como, por exemplo: na ideia sexual recalçada. Essa vem como uma tentativa de defesa e desse mecanismo surgem os mitos, ritos e comportamentos recorrentes. O neurótico cria uma realidade aceitável para sua consciência. Essa, por sua vez, pode ter sido atormentada pela ideia sexual da cena primária, recorrendo a subterfúgios para manter a sanidade e o prazer. O neurótico desloca a ideia fixa para outro objeto e concede a este uma nova representação, porém amputando o sentido libidinal. Tal fato pode ser visto na noite de amor entre Agilulfo e Priscila.

O termo de noite de amor cabe até ser questionado, haja vista que a conjunção carnal não ocorreu de fato. O que entretanto legitima o termo é a embriaguez por meio do gozo provocado pela intelectualidade e ritos, como os de contar as madeiras da lareira e arrumar de forma exímia e em uma profunda excelência de perfeição os lençóis da cama da amante. O papel executado por Agilulfo provocou gozo e o casal obteve prazer. De tão embriagada com a devassadora atuação de Agilulfo, Priscila não sabia ao menos o que ocorrera naquela noite, sabia apenas que estava em êxtase de gozo e prazer.

Nesse gozo copulado pelo intelecto, a cena que se pode configurar de gozo, é o que é postulado por Lacan (1901/ 1981), ao explicar o requalque da ideia sexual, pelo intelecto. Segundo este autor o indivíduo rechaça a ideia sexual e a desloca para outro

objeto. O intelecto pode servir para dar vazão ao rechaçado. O processo do deslocamento e o que foi repellido protegem o neurótico obsessivo de permear o mundo dos psicóticos e lidar com sua intersubjetividade.

Agilulfo atua de forma neurotizada, temendo o contato genital com o sexo oposto. Dessa forma, ele recorre a subterfúgios para manter o gozo, sem o contato ou sem o relato do desejo. Ele, portanto, desloca o objeto de gozo (mulher) para práticas intelectuais. O que torna esse indivíduo um aflito lancinante (doloroso), é que ele segue o ritual até a exaustão do corpo e da alma. Angel Garma (1960) pontua, em seu estudo, que o neurótico obsessivo é um obediente do superego, e o ego, por sua vez, luta contra os instintos sádicos intensificados pela regressão genital.

Ao investir nos objetos de amor, o obsessivo geralmente dá o melhor de si mesmo, isto é, paradoxalmente tudo e absolutamente nada. É somente assim, não dando nada, que também não se perde nada. Ao contrário, alcança-se o gozo por meio do nada.

Chartier (2006) assegura que o neurótico obsessivo possui uma pobreza impregnada em sua vida sexual, de tal modo que, com frequência, esta se manifesta em um contexto sadomasoquista. Em compensação no nível da fala, ele é prolixo e a toda prova. Seu espírito possui uma lógica inesgotável, permitindo uma verdadeira aventura intelectual. Pode-se ainda, na Tabela 2, encontrar outras contribuições de Chartier para clínica no atendimento do neurótico obsessivo.

Tabela 2 – Contribuições de J. P. Chartier para a clínica da neurose obsessiva e os sintomas/vertentes, Selecionados em: O cavaleiro inexistente (Calvino) e Duas damas bem comportadas (Bowles).

Sintoma/Vertente	Características sintomáticas	Achados nas obras pesquisadas
1ª	Mecanismo de Isolamento como sistema defensivo e responsável por grande variedade de sintomas.	Esterilização da afetividade, empobrecimento da vida psíquica.
	Na fala	Os personagens Agilulfo e Cristina Goering apresentam frieza dos gestos e ausência de emotividade. A sexualidade é desafectizada e sem correspondência com a vida sexual real.
		A mente dos personagens é de uma lógica inesgotável e desadaptada. No cavaleiro Agilulfo há impossibilidade do encontro. Sua tagarelice o afasta da mulher e das outras pessoas. Nada concede de si mesmo além de uma prolixidade. A senhorita Christina Goering ruma indefinidamente a sua insatisfação com

			os outros, por perceber a incompletude deles.
2ª	Controle obsessivo	Preocupações, temas de ordem, de precisão e completude. Mania de coleções. Compulsões de verificações.	Os personagens necessitam eliminar duas acepções correntes desse controle. A obsessão psicosexual e a idéia associada. Agilulfo faz listas para controlar e fiscalizar. A senhorita Christina Goering era escrupulosa excessivamente no cumprimento das pequenas tarefas.
3ª	Caráter obsessivo	Sempre surpreende pela sua presença inesperada e no local onde já não era esperado. Meticulosidade, mania de limpeza, parcimônia e obstinação. O imprevisto é a coisa mais temida e a onipotência do pensamento gera dúvidas.	Agilulfo é atormentado em dúvidas cruéis. Ex. Questiona o tempo todo se deveria se comportar de maneira impositiva ou pela indiferença. Extremo controle da mente. Sua armadura é uma “perfeição”, feita de pequenas minúcias e extremamente limpa. Christina Goering desde criança apresentava mania de limpeza, polindo maçanetas e pratos. Censo de ordem e obstinação. Dúvida entre amor e ódio.
4ª	Ritual obsessivo	Ambivalência em forma de obsessão impulsão. Irrupção da dúvida no pensamento. Presença de atos de valor quase mágico. Repetir palavras, tocar uma certa categoria de objetos etc.	Submissão à culpa. A senhorita Christina Goering sente - se forçada a realizar atos repetitivos de caráter simbólico: São os ritos do pensamento mágico. Apresenta ambivalência relacional entre dor e prazer.
		Sofrem uma regressão (dinâmica e temporal) sobre as representações anais. Manifestações de retenção e expulsão que correspondem ao que se chama o erotismo anal que está presente em todos os comportamentos sexuais, afetivos ou sociais.	Existe um duplo trabalho do superego para domar duas forças pulsionais: Ora a sexualidade (amor) ora a destrutividade (ódio) o que se vê claramente em Christina Goering.

Fonte: Estruturas neuróticas. Jean Paul Chartier – 1988 - Cap. 09. Pgs 181 – 186

Diante do estudo de Chartier (2006), pode-se questionar se existe algo mais devassador e masoquista do que a embriaguez por meio do gozo pelo gozo e o controle absoluto sobre esse. Esta é a prática desenvolvida de forma exímia por Agilulfo, que não se entrega ao fogo capaz de queimar qualquer alma. Isso beira a insanidade: o gozo completo em êxtase de prazer, sob o controle de seu punho de aço forjado em um metal jamais visto. O gozo poderia ocorrer pela junção dos corpos, momento em que não se sabe ao menos onde começa um e termina o outro, ou seja, os dois seriam apenas um,

contudo isso não ocorre. Agilulfo mantém-se no controle absoluto, mecanismo usado por ele para se manter no mundo do “sano”.

Essa incompletude permeia todas as relações do cavaleiro inexistente Agilulfo e também da Srta. Christina Goering. Tanto a Srta. Goering quanto Agilulfo conseguem manter distância dos demais. Mesmo estando no meio de outras pessoas, eles não se integram, permanecendo apenas estrangeiros. Não fazem parte de nada ou de lugar algum. Ambos expressam o isolamento do mundo dos demais. Agilulfo pertence a um grupo social repleto (exército). A Srta. Goering, por sua vez, está cercada por várias pessoas, mas também se mantém distante. A ausência dos dois não é física, mas, sim, em vida emocional.

Os dois personagens não se permitem sentir a dor ou o calor de uma relação verdadeira, que seja de amor ou de amizade. Isso pode ser explicado pelo estudo de Chartier (2006), no qual afirma que o primeiro sintoma expresso pelo neurótico obsessivo é o isolamento. Esse isolamento é capaz de esterilizar a afetividade, e o pensamento substitui os atos (Ver Tabela 2).

De acordo com Garma (1960), um mecanismo de defesa usado pelo neurótico obsessivo, que provoca um apaziguamento em seu desconforto, é o isolamento, tão típico dessa neurose. O indivíduo tenta viver como se não existisse o sintoma ou como se não possuísse contato com o restante da sua vida. Compreende-se, então, que os personagens aqui analisados vivem como se não existissem as práticas compulsivas em seu comportamento, como, por exemplo, Agilulfo acredita ser plenamente convencional uma rigidez e sua aguçada presteza em detalhes.

A Srta. Goering assim como Agilulfo, com vieses divergentes, postulam a frieza da afetividade. Para ilustrar esse sintoma na mulher, discorre-se sobre as investidas amorosas da Srta. Goering que, por sua vez, só se relaciona com homens estranhos e bizarros. Primeiro conheceu Arnold, o castrado. A seguir, veio Andy, o solitário e fracassado. Por fim veio Ben (o gângster). Vale aqui aprofundar sobre a relação da Srta. com Andy, diante da qual se pode também questionar o termo relação.

Andy conheceu a Srta. Goering em um bar e a levou para seu pequeno apartamento. A moça deparou com um lugar mal cuidado, móveis velhos e escuros, um lugar desprovido de qualquer beleza. O solitário, em uma investida para conquistá-la, retirou-se por alguns instantes e voltou de cuecas e meias, por debaixo de um roupão surrado. Essa visão deixou a dama frustrada e sem saída, a não ser a esquiva daquela visão desagradável.

Deduz-se que a Srta. Goering se submete a situações que são consideradas por ela como desagradáveis e atormentadoras. A própria casa de Andy provocou nela um sentimento atormentador, por um súbito desprazer. O ambiente por si só sugeria que a relação estava destinada ao fracasso. Andy estava completamente à vontade em casa, encaixava-se ao ambiente, escuro e tenebroso. Assim como seu ambiente, ele era desinteressante, e suas vestes completavam o desagrado da Srta. Goering. Ela no entanto, empreendeu-se em fuga no primeiro momento, voltou no dia seguinte e permaneceu ao lado de Andy por oito dias consecutivos.

A frieza da Srta. Goering pode ser vislumbrada em vários momentos da relação, como, por exemplo, quando Andy partiu para uma tentativa de voltar ao mundo profissional e foi frustrado de imediato pelos homens de negócios que procurou. Ele ficou completamente desorientado, nesse mesmo dia, pois recebeu a notícia da Srta. Goering que estava partindo. O desespero de Andy foi potencializado e, em uma tentativa desesperadora de mantê-la por perto, ajoelha-se e implora que ela não se vá. Entretanto, ouviu que não poderia parar a sua vida por um homem e que necessitava conhecer um novo mundo. Partiu sem ao menos olhar para o desespero do solitário.

Diante desse quadro, toma-se emprestada a expressão de Freud (1924) sobre o masoquismo moral, para descrever uma tendência visível da Srta. Goering, de procurar situações desagradáveis e ligações potencialmente perigosas. O problema econômico do masoquismo moral, assinalado por Freud (1924), descreve uma condição na qual o ego experimenta um sentimento inconsciente de culpa e busca de punição.

Essa busca é um mecanismo para deter o desejo, e, assim não deixá-lo latente. De acordo com Garma (1960), o obsessivo representa de forma isolada. A representação é amputada do desejo e modificada para ser aceita pelo ego. Compreende-se, então, que os personagens aqui analisados recuem diante do sentimento dos demais, como mecanismo de decepar o desejo.

Depois de apimentar esta leitura por meio de um gozo praticado pelo intelecto e uma incompletude, eis que se apresentam os dois atores principais da análise deste estudo, Agilulfo e Srta. Goering. Primeiro a ser apresentado é Agilulfo, que surge em meio ao nada, quando o rei Carlos Magno passa para uma revista em sua tropa do exército. O cavaleiro distingue-se dos demais pela armadura branca e imaculada de tão alva. Ofusca a dos outros e se destaca na multidão. O seu elmo reluzente ostenta um penacho tão enigmático quanto o seu dono, haja vista que ninguém sabe a que ave

pertencia as penas, que de tão belas inebriam. O escudo não poderia ser diferente. É simplesmente perfeito, rico em minúcias de ourivesaria.

Agilulfo é alto, belo, forte, incansável, mas não se sabe ao menos de que aço foi forjado. Sabe-se apenas que de tão perfeito não possui carne pútrida pertencente aos humanos. Corpo, ele não possui, porém não necessita dele, porque a armadura é o cavaleiro e o cavaleiro é a armadura. Existe uma dança macabra entre esses dois, que são apenas um. De acordo com Hodgart (1969), o ingrediente de fantasia, realismo, misturado nessa ficção favorece o surgimento de sátiras na literatura. Essa ilustração pode ser encontrada no diálogo do cavaleiro inexistente com o rei Carlos Magno.

A contradição permeia de forma providencial a fábula de Calvino (2001), tanto é que, para surpresa do leitor, o narrador é uma freira retirada em um convento e que o faz com presteza e uma ironia que beira a excelência de Agilulfo. Outra grande contradição é o cavaleiro inexistente (Agilulfo) e seu fiel escudeiro Gurdulu. Enquanto este escudeiro existe imerso em seu mundo inconsciente e inconsequente, o outro (Agilulfo) existe em meio à sua consciência, racionalidade e vontade de existir, porém não possui corpo e alma, possui apenas uma armadura cheia de um vazio de carne, o que lembra dois níveis de vivência (realidade) para essas duas figuras dramáticas. O melhor amigo de Agilulfo é seu cavalo, que também não existe, só se firma pela força incansável. Possui um vazio de carne e existência.

As narrativas dos personagens possibilita compreender que a psique dos personagens citados aproxima-se da realidade vivenciada pelo neurótico. O mundo psíquico de Agilulfo corrobora o mundo mental do neurótico obsessivo. Essa reflexão fundamenta-se nos estudos de Freud e nas características descritas por ele (1909). São elas: dúvida, raiva, isolamento, anulação retroativa, ritualização, formações obsedantes, culpa, mortificação, constrição e o conjunto do quadro clínico habitualmente designado, desde Freud, pela expressão do caráter anal.

Agilulfo julga-se tão perfeito, não comete erros, se os cometer, começa e recomeça, faz e desfaz até atingir a perfeição, nem que fique exausto. Exaustão? Esse termo Agilulfo desconhece. É ele o único cavaleiro que não dorme, por não aceitar tal “fraqueza”, que beira a insanidade. Ele acredita que, quando adormece, o tempo se esvai no nada e por meio do nada, ao acordar recomeça-se do zero. Ele aproveita seu tempo, enquanto os mortais dormem, para polir e repolir, sua armadura e espada. O seu tempo é minuciosamente analisado, pensado com racionalidade e lucidez.

A postura de Agilulfo diante de sua existência revela uma luta árdua entre o

prazer e o desprazer, indicando uma rígida severidade do superego. De acordo com Garma (1960), as situações gerenciadas com uma extrema rigidez, de forma exagerada, pode ser a origem de uma luta entre o deleite e o desagrado, postulando uma severidade do superego que mantém o controle.

Segundo Freud (1893; 1899), a obsessão oscila periodicamente entre o sintoma do retorno do reprimido. É o sintoma da defesa secundária. O cavaleiro Agilulfo, de maneira exímia, recalca qualquer mínima possibilidade de dar vazão às suas pulsões de vida. Mantém um controle absoluto sobre suas ações, pensamentos e comportamentos. Não se permite, ao menos, o deleite de um sorriso maroto ou a participação em uma conversa informal com os demais paladinos. Ele é notável em tudo que faz, tudo tem de ter presteza e riqueza de detalhes. O controle são provas documentais irrefutáveis. Ele não compreende, por exemplo, que a glória por si só é genuína; para ele, a glória precisa ser comprovada por meios irrefutáveis.

Este cavaleiro de tão perfeito, racional, analítico em tudo que faz pertence ao mundo dos perfeccionistas, recorrentes para a perfeição neurotizada e obsessiva. Essa exigência, porém, é cobrada dos seus paladinos. Ele explica tudo dando uma aula, estes, por sua vez, encaram o cavaleiro como um austero e insuportável. Agilulfo acredita que não age com severidade, é apenas zelo e não um controle absoluto.

Agora a Srta. Goering se apresenta: trata-se de uma dama encantadora, uma *lyde*, educada, dócil, solitária, insólita, solteira e religiosa. Quando criança já exibia a exuberância de comportamentos que beiravam a excelência. Orgulhava-se de agir como um adulto, tanto em suas brincadeiras quanto em seus discursos morais que julgava certos. Já era uma líder, não por aceitação e sim pela imposição.

Em sua vida adulta contudo, tornou-se uma Srta. casta, religiosa, buscando a santidade. Para alcançar o desejado aceita a resignação completa, saindo de uma bela casa, para viver em um casebre. De uma conduta ilibada transita para uma vida profana, sexo caçado e praticado por meio de rito, como tentativa de expiar a culpa e alcançar a santidade. Os homens que ela encontra em seu desbravamento pela vida, são de uma estirpe jamais vista, a esquisitice domina a vida deles. Ela também não se permite outros diferentes, “normais” porque só assim alcançará a graça da redução de seus pecados.

O demônio da dúvida, entretanto atormenta-lhe, a alma. Ela sempre está em dúvida. Não sabe se o profano vai aproximá-la do sagrado e fazer dela uma “santa”.

A dúvida é também o flagelo que castiga a mente de Agilulfo, que não sabe se

existe pela sua consciência de existir ou existe pela a força da fé e bravura, porque ele se firma apenas em seus feitos. De acordo com Freud (1909), o neurótico obsessivo tem uma predileção pela dúvida e pela improbabilidade, que os leva a orientar seus pensamentos para temas, diante dos quais toda a humanidade está incerta e os conhecimentos e julgamentos humanos expostos à dúvida permanente.

Agilulfo mostra-se ao mundo com altivez, onipotência, soberba, com as quais intimida os demais paladinos. Para ele, galgar o cargo de oficial o faz onipotente. Luta e defende a santa causa com honra, força e o poder que o cargo lhe confere. De acordo com Chiarelli (1999), que fez uma análise da narrativa em que Agilulfo é o personagem principal, alega que o cavaleiro identifica-se de tal forma com o seu cargo que é etiquetado, reconhecido apenas como parte de uma engrenagem que o devora. Tal posição pode ser encontrada também no homem da modernidade, que, usando esse mecanismo de identificação, permite etiquetar-se, para ser reconhecido como parte dessa engrenagem que o engole.

A dúvida atormenta tanto Agilulfo quanto a Srta. Goering. A moça é atormentada também pelo demônio da culpa. Busca freneticamente expiar esse sentimento e tortura a sua própria carne, confiando em que para se santificar tem de favorecer, dilacerar-se. Sua carne é devorada pelo gozo, que é por oferecido como forma de expiação pelo profano. A Srta. Goering, contudo renuncia à luxúria, à “casa”. A resignação vem pelo sacrifício de se deixar levar pela orgia. A devoração de seu corpo só é concedida a uma estirpe específica de homens esquisitos.

Essa estrutura psíquica contraditória vem ao encontro dos escritos de Salomé (1991), quando ela afirma que uma orientação social pode gerar o desequilíbrio da mulher, castrando o seu direito de desejo, para que ela seja considerada pura. O processo é contraditório na sexualidade. Permeia uma diretriz que denota ser a sensualidade castigo e pecado e o desabrochar por meio da pureza e abdicação do desejo a santifica.

Esse pensamento de santificação domina a vida psíquica da Srta. Goering, que acredita santificar-se, ao se permitir profanar por vários homens de estirpes diferentes. São indivíduos com quem ela se avilta: Arnold, um artista frustrado totalmente castrado e com fixação nos pais; o pai de Arnold, que trava com o próprio filho uma rivalidade ferrenha pela atenção da Srta. Goering; Andy, o solitário e alcoólatra em recuperação. Por fim, Ben, o “Gângster”, sujeito misterioso que a abandona prematuramente. De acordo com Telles (2006), a “Srta. Goering de tanto querer ser pura e santa termina

agindo como uma prostituta, o que também era seu desejo”.

Salomé (1991) alerta que a santificação pelo ato sexual favorece refletir sobre a questão do dom nele mesmo. O que aproxima a virgem puritana da prostituta é o que se espera dessas mulheres. Ambas possuem uma pulsão libidinal, porém a mulher pura deve abdicar dessa pulsão e não admitir o seu prazer. Já a prostituta deve recalcar os seus desejos, não tendo o direito do prazer, haja vista que ela está sendo paga para dar prazer e não para ter prazer. Todavia, a mulher pura e a prostituta possuem como denominador comum a norma e se aproximam por caricaturas que se encontram em extremos.

Em seu estudo da neurose obsessiva, Freud (1909), sublinha que outra necessidade psíquica comum aos obsessivos é a da incerteza na vida ou a da dúvida. Esta última incide sobre algo consumado. É o resultado da ambivalência e corresponde à recusa da pulsão de dominação, que é sublimada em pulsão de saber. O pensamento do obsessivo compreende três aspectos: incerteza, a excitação e a dúvida. O indivíduo neutraliza toda ideia, toda decisão pelo equivalente oposto. Está fixado na ambivalência alternativa entre dois movimentos pulsionais de visão do mesmo objeto. Os componentes sádicos do amor teriam sido constitucionalmente desenvolvidos de modo demasiadamente forte e na história individual: “Eles ter-se-iam, vistos, por isso reprimidos de forma excessivamente precoce e intensa”. (Freud, 1909). “Assim, o que é que o obsessivo espera, no marasmo da incerteza, senão o retorno da evidência definitivamente perdida?” (Mijolla-Mellor, 1992, p. 530).

Tanto o cavaleiro Agilulfo quanto a Srta. Goering apresentam as seguintes manifestações: experimentam impulsos estranhos à sua personalidade vendo-se obrigados a realizar atos cuja execução não lhes proporciona nenhum prazer. A Srta. Goering impunha-se a fazer as atividades domésticas de forma incessante, polindo as maçanetas das portas, a prataria da casa, empreendendo um verdadeiro cerimonial de limpeza. Agilulfo, por sua vez, pratica verdadeiros ritos com as pinhas, conta-as e as reconta, depois elabora formas precisas e geométricas. Assim, ambos os personagens permanecem em incompletude, no vazio da existência, enfim submersos no pântano da neurose obsessiva.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o presente estudo cumpriu o seu papel ao atingir os objetivos propostos, porquanto os aspectos da dinâmica afetiva na neurose obsessiva foram recolhidos nas duas obras literárias, selecionadas e analisadas com base na teoria psicanalítica formulada por Freud.

A investigação indica que tanto a Srta. Christina Goering quanto Agilulfo (o cavaleiro inexistente) estão submersos no mundo dos neuróticos obsessivos. Cabe, então, salientar que esta neurose salvou os dois personagens do desbravamento do pântano da psicose.

Outra constatação relevante é que ambos apresentam comportamentos estereotipados, contudo esses comportamentos são apenas a representação do objeto por eles rechaçado. A força destinada ao novo objeto (deslocado) é dimensionada pela potência emocional dedicada a esse objeto. Tanto a Srta. Goering quanto Agilulfo estão impregnados de dúvida, isolamento, dever. Ambos são portadores de dívidas impagáveis.

A Srta. Goering, quando era apenas uma criança, já possuía práticas da neurose obsessiva, como, por exemplo, o caráter religioso privado por meio de cerimoniais de purificação. Apresentava uma rigidez superegógica em seus valores morais. Compulsões ou proibições derivadas do sentimento de culpa fazem-na renunciar a sua bela casa para viver em um casebre. Isso ocorre em sua vida adulta. Possui também eventos mentais com práticas punitivas.

A Srta. Goering se posiciona na equação da ubiquidade-nuliubiquidade. Desde criança, sente necessidade de glorificação e purificação. Ao experimentar rupturas com a realidade, alterando seus estados de consciência pela sua neurose, ela sempre está às voltas com a onipotência de seus pensamentos e com a técnica mágica em que se baseia. Evidencia estranheza nas relações com as pessoas, especialmente, com os homens, usando repetições inexplicáveis.

Na tentativa de sanar seu débito impagável, busca de maneira recorrente expiar seus pecados. Permeia a sua vida psíquica a dúvida pecaminosa entre o profano e o sagrado. Ela tem a severidade do superego, que a sentencia ao autoflagelo, por meio da renúncia ao conforto. É uma busca conflituada pelo gozo. A Srta. vive em um isolamento, por isso não pertence a lugar algum, a nada e a ninguém.

Agilulfo também não pertence a lugar algum e ao mesmo tempo está em todos os lugares sem ao menos estar em um. Agilulfo, contudo, se alicerça em sua eterna angústia perante o nada, por temer sua dissolução em um vazio profundo. De forma bela e clara Ambertin (2006, p. 100) assim se expressa acerca do vazio existente no mundo psíquico do neurótico obsessivo: “O diabo se sabe diabo, o obsessivo, nuliubíquo. Terá que preencher qualquer vazio, qualquer falta do Outro, mesmo antes de sua própria emergência”.

Agilulfo é a existência-inexistência de um sistemático cavaleiro. É somente razão absoluta, que não deixa espaço para o entendimento de que o “ser homem” é “ser limitado” por um “corpo e alma”. A armadura necessita de ser endeusada, daí a visão da onipotência e da onipresença. Tenta, obsessivamente, controlar tudo para dominar seu medo da loucura. Por ser ubíquo-nuliubíquo, teme sua dissolução no vazio. Com efeito, o fio condutor de toda a obra está na defesa obsessiva, bem representada pela “defesa pura”, que é a armadura, Agilulfo, cuja envergadura representa um mundo elevado de grandes feitos e glórias.

Diante disso, compreende-se o sutil limite entre a razão e a loucura, a ordem e o caos. O controle obsessivo aplaca o medo da loucura, porém o caos se instala tanto na vida de Agilulfo quanto na vida de Gurdulu. O primeiro vive pela consciência de existir, já o segundo vive submerso em sua inconsciência e inseqüência. Poder-se-ia dizer que um completa o outro.

O mundo protagonista é o das formas, do espaço organizado e, só dessa forma, ele se sente sólido e consistente. É assim que ele existe dedicado, ao exercício de suas funções e à manobra dos cálculos e das palavras. Todos seus feitos são, portanto, práticas rigorosamente analisadas para serem executadas. O cavaleiro passa horas e horas debaixo de uma árvore de pinhas, arrumando os frutos, ordenando-os e contando-os. Depois elabora formas geométricas precisas e com uma minuciosa que beira a excelência.

O cavaleiro Agilulfo, pratica a cisão do pensamento e do desejo, um não deve jamais encontrar o outro. Contudo, apesar de efetuar a desconexão, o desejo insiste em aparecer como expressão do que foi recalçado, o obsessivo não está imune ao desejo. Suas práticas são tentativas de apagar o desejo, porém adotando-as recorrentemente. Ele está sempre obtendo o gozo, mas a dívida é impagável. Assim que termina um gozo, inicia outra prática para alcançá-lo novamente.

Diante do que foi exposto nesse estudo, cabe dizer Agilulfo necessita ser construído. Já Srta. Goering precisa ser amplamente entendida ou compreendida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a consciência de que este tema é vasto e complexo, sugere-se que ele seja mais explorado e ampliado em novas pesquisas. É necessário, por exemplo, investigar o pensamento obsessivo nele mesmo, tendo em vista a recorrência dessa neurose entre as populações, e ainda que este tema é instigante e enigmático. Outra preocupação para novas pesquisas é ir além do estereótipo já consagrado para a compreensão da neurose obsessiva.

Apesar de este não ser um estudo exaustivo sobre o tema, o conhecimento gerado por esta pesquisa pode ser relevante tanto para psicólogos clínicos quanto para profissionais da psicologia em geral, que lidam com essa população.

Acredita-se que as reflexões levantadas com esta investigação podem, ainda, contribuir para a literatura existente, legitimando ou refutando teorias, ou acrescentando um novo ponto de vista ao assunto.

Freud trouxe o grande conhecimento. Cabe agora aos pesquisadores da contemporaneidade fazer esclarecimentos significativos sobre a essência desses processos inconscientes. Ademais, sabe-se que o obsessivo é o Homem moderno por excelência. Sendo assim, com esse trabalho que é de agora, pretende-se despertar novos horizontes para pesquisa, perspectivas norteadoras de discussão sobre as representações contemporâneas da Neurose Obsessiva, incluindo a atitude defensiva e a mítica religiosa.

Sugere-se o estudo desta afecção seja mais explorado e ampliado em novas pesquisas. Assim sendo, conhecer amplamente o contexto em que os neuróticos obsessivos estão imersos, bem como os processos internos, de suas angústias, e seus intrincados afetos, pode auxiliar aos profissionais no atendimento compreensivo e humanizado, procurando amenizar o sofrimento psíquico destes pacientes, enquanto se reconstroem durante o tratamento. Certamente no trato com um paciente cujo futuro lhe parece tão incerto e quase sempre funesto, o conhecimento do funcionamento da neurose pode dar ao profissional recurso para trabalhar com seu paciente, possibilidades reais e menos angustiantes para prosseguimento de sua história.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, K. **Teoria psicanalítica da libido**. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- ABRAHAM, K. Contribuições à teoria do caráter anal. In: **Obsessiva neurose**. BERLINK, M. T. (org). São Paulo: Escuta, 1921.
- AMBERTIN, M. G. **Imperativos do supereu: testemunhos clínicos**. São Paulo: Escuta, 2006.
- BERGERET, J. O problema das defesas. In: BERGERET, **Psicopatologia: teoria e clínica**. 9. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006 p. 94-111.
- BATAILLE, G. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BOWLES, J. **Duas damas bem comportadas**. Trad. Lya Luft. Porto Alegre: LPM, 1984.
- BOSI, A. (1988) **Céu, Inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. São Paulo: Ática, 1988, vol. 4.
- BROWN, R. (1998). The Nature of Prejudice. In: **R. BROWN. Prejudice: its social psychology**. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.
- BOUVET, M. **Ceuvres psychanalytiques, la relation d` objet**. Paris: Payot, 1967.
- CALVINO, I. **O cavaleiro inexistente**. Trad. N. Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CAMPBELL, R. J. **Dicionário de psiquiatria**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- COUVREUR, C. **Introdução aos escritos de Freud sobre neurose obsessiva**. In: **BRUSSET, B. e COUVREUR C. (Org.). A neurose obsessiva**. São Paulo. Ed. Escuta, 2003.

CHACHAMOVICH, J. J., FETTER, I. S. C. Abordagem psicodinâmica do paciente obsessivo. In: C. L. Elzirik, R. W. Aguiarf, S. S. Schestatsky e (col.) **Psicoterapia de orientação analítica**: fundamentos teóricos e clínicos, p. 560-576. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHÂTELET, Madame du. **Discourssur le Bonheur**. Paris. Payot & Rivages, 1997.

CHIARELLI, S. **O cavaleiro inexistente de Italo Calvino**: Uma alegoria contemporânea. Caxias do Sul: EDUCS. Dissertação, 1999.

CHARTIER, J. Estruturas neuróticas. In: Psicopatologia: Teoria clinica. BERGERET. et al. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CHARTIER, J. Psicologia patológica. BERGERET, et al. Manuais universitários 4. Coimbra, Climepsi Editores, 1988.

DSM-III-R. **American psychiatric association**. São Paulo: Manole, 1989.

DSM-IV-TR. **American psychiatric association**. Porto Alegre: Artmed, 2003

DELORENZO, R. **Neurose obsessiva**. São Paulo, SP. Casa do psicólogo, 2007. Coleção clínica psicanalítica.

ECO, Umberto. **A vertigem das listas**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Record, 2010.

ERNEST JONES. **Papers on psycho-analysis**. London: Balliere Tindalle Cox, 1913.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FAIRBAIRN, W. R. D. (1931). Features in the analysis of a patient with a physical genital abnormality. Em: **Psycho analyitic studies of the personality**. Londres, Tavistock Publications, 1931.

FENICHEL, O. SHAPIRO, D. **Los estilos neuróticos**. Buenos Aires: Editorial Psique,1976.

FENICHEL, O. **Teoria psicanalítica das neuroses**. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu,1998.

FOUCAULT, Michel. (1988). **História da sexualidade**. Trad. de M. Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal,1988.

FREUD, S. **As neuropsicoses de defesa**. In: FREUD, S. Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1893, 1989. p. 53-66. Edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud. III v.

_____ **Obsessões e fobias**. FREUD, S. Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1893, 1989. p. 53-66. Edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud. III v.

_____ **Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “Neurose de Angústia”**. FREUD, S. Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1893, 1989. Edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud. III v.

_____ **A natureza e o mecanismo da neurose obsessiva**. In: FREUD, S. Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1893, 1989. p. 168, 174. Edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud. III v

_____ **Caráter e erotismo anal**. In: FREUD, S. Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1906, 1908. p. 157, 164. Edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud.

_____ **Atos obsessivos e práticas religiosas**. In: FREUD, S. Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1906, 1908. p. 107, 117. Edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud.

____ **Notas sobre um caso de neurose obsessiva.** In: FREUD, S. Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1909. p. 136, 139. Edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud.

____ **Análise de uma fobia em um menino de cinco anos.** FREUD, S. Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1909. p. 13, 133. Edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud.

____ **A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema Da escolha da neurose.** In: FREUD, S. Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1911, 1913. P. 337, 349. Edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud.

____ **Um paralelo mitológico de uma obsessão visual.** In: FREUD, S. Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1914, 1916. p. 351, 352. Edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud.

____ **As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal.** In: FREUD, S. Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1917, 1918. p. 135, 141. Edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud. III v.

____ **Inibições, sintomas e ansiedade.** FREUD, S. Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1925, 1926. Edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud.

FERREIRA, J. C. L. **Italo Calvino: escritor e sociedade: uma análise de o cavaleiro inexistente.** Letras I. 2006, 8 v.

GARMA, A. **Sadismo y masoquismo en la conducta humana.** Buenos Aires: Editorial, Nova, 1960.

GREEN A. **O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto.** Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves Editora S/A, 1982.

_____**O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura.** Rio de Janeiro: Imago, 2005. p. 215-236.

_____**Metapsicologia da neurose obsessiva.** In: *Obsessiva neurose.* São Paulo: Escuta, 1994.

HAYAT, M. Neurose obsessiva. In: A. de Mijolla. **Dicionário internacional da psicanálise,** 2005. p. 1260. Rio de Janeiro: Imago.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: instituto Antônio Hauaiss. 2003.

HODGART, M. **La Sátira.** Madrid: Ediciones Guadarrama, 1969.

IMBASCIATI, A. **Afeto e representação: para uma análise dos processos cognitivos.** Trad. Neide Rezende. São Paulo. 1998. Ed. 34.

JERUSALINSKY, A. (1999). **Uma Neurose Obsessiva Feminina.** Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: Artes e Ofício, 1999.

JULIEN, Philippe. **A feminilidade velada: aliança conjugal e modernidade.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

KEHL, M. R. **Sexualidade Recontextualizada.** Disponível em: <http://www.psicomundo.com/foros/genero/sexualidade.htm>. Acesso em: 15/01/2011.

KEHL, M. R. **Deslocamento do feminino:** a mulher Freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KEHL, O deslocamento do feminino. Rio de Janeiro: Imago, 2 ed. Pp 19, 27, 2008.

KRUG, J. S., Veras, J. F., Macedo, M. M. K. Os labirintos psíquicos da Neurose Obsessiva. In: M. M. K. Macedo (org.). **Neurose: leituras psicanalíticas,** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 211-238.

LACAN, J. **O mito individual do neurótico, ou, a poesia e verdade na neurose.** Trad. Berliner, C. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

LACHAUD, D. **O inferno do dever: o discurso do obsessivo.** Trad. Sandra Regina. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise, Laplanche e Pontales;** sob a direção de Daniel Lagache; Trad. Pedro Tamem. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEGRAN, du s. **La loucura de la Duda: con delírio del tacto** in: Sauri, J. (org). **Lasobsesiones.** Buenos Aires: Nueva visión, 1985.

LECLAIRE, S. **L`obsessionnel et sondésir.** L`evol. Psychiatrique. Vol. III, pp 401, 411, 1959.

LOU - ANDREAS (1991). – Salomé. **O erotismo seguido de reflexões sobre o problema do amor.** São Paulo: Princípio.

____ **A necessidade da neurose obsessiva. Comissão Aperió dicas da associação psicanalítica.** Porto Alegre: APPOA, 2003.

MACKINNON, R. A. **A entrevista psiquiátrica na prática clínica.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

MANNONI, O. **Um espanto tão intenso: a vergonha, o riso, a morte.** Rio de Janeiro, Editora Campus Ltda, 1992.

MARTELLO, A. **A pulsão revisitada.** Disponível em: http://www.psicologia.ufrj.br/teoriapsicanalitica/pdfs/tese_andreamartello.pdf. Acesso em: 12/11/2010.

MEES, L. A. (1999). **A neurose obsessiva.** In: Revista. Da associação psicanalítica. Porto Alegre. NOV. 1999, n. 17, pp37 – 41.

MELMAM, Charles. A neurose obsessiva no divã de Lacan: Um estudo psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 2011.

MINERBO, M. **Neurose e não neurose**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

MIJOLLA – MELLOR. **Psicanálise**. Lisboa, Portugal, Climepsi, 2002.

MORAES, E. G. Neurose obsessiva: um ritual entre Eros e Tanatos. In: MACEDO, M. M. K. (org.). *Neurose: leituras psicanalíticas*, p. 297-313. Porto Alegre: EDIPUCRS, p 297, 313, 2009.

MOSCOVICI, S. (2003-2005). *Representações sociais. Investigação em psicologia social*. G. Petrópolis: Vozes, 2003, 2005.

NEMIAH, John C. **Fundamentos da psicopatologia**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

QUINODOZ, Jean – Michel. Freud: **Guia de leitura da obra de S. Freud**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RIBEIRO, M. A. C. A mulher obessesiva entre a tragédia e o humor. In: **Obsessiva neurose**. BERLINK, M. T. (org). São Paulo: Escuta, 2006.

RIBEIRO, M. A. C. Um certo tipo de mulher. In: **Mulheres obsessivas e seus rituais**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosa, 2001.

SKERL, J. **A tawdry place of salvation**. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press. 1997.

TAJFEL, H. Grupos humanos e categorias sociais. In: JAJFEL, H. **Estudos em Psicologia social**. Lisboa: Livros Horizonte, Col. Horizonte de Psicologia, (vol. 1) 1982.

_____ Grupos humanos e categorias sociais 2. In: **Estudos em Psicologia Social**.

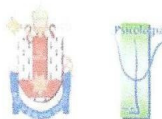
Lisboa: Livros Horizonte, Col. Horizonte de Psicologia, (vol. 2), 1983.

TAVARES, B. (org.). Freud e o estranho: Contos fantásticos do inconsciente. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 2007.

TELLES, S. **Visita às casas de Freud e outras viagens.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

VIGNOLES, L. V.; & MONCASTER, J. N. Identity motives and in: **group favouritism: A new approach to individual differences in intergroup discrimination.** *British Journal of Social Psychology.* 46, 91-113, 2007.

ANEXO



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Ofício 014/2011 – FCC

Porto Alegre, 15 de junho de 2011.

Senhor(a) Pesquisador(a)

A Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo intitulado **"A neurose obsessiva e sua dinâmica afetiva: uma análise em narrativas de Calvino e Bowles"**.

Sua investigação está autorizada a partir da presente data, sem a necessidade de passar pelo Comitê de Ética, devido a características específicas da pesquisa, explicitadas no parecer final.

Atenciosamente,


Prof. Dr. Adolfo Pizzinato

Coordenador da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia

Ilmo(a) Sr(a)

Orientador(a): Gabriel J. Chittó Gauer

Pesquisador(a): Eli Antônio Cury

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6681 – P. 11- 9º andar – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3500 – Fax (51) 3320 – 3633
E-mail: psicologia-pg@pucrs.br
www.pucrs.br/psipos